



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MERIDIANA SOARES DA COSTA

**GEOGRAFIA E RELIGIOSIDADE: A CELEBRAÇÃO DO DIVINO
ESPÍRITO SANTO EM GUAJARÁ-MIRIM-RO**

**PORTO VELHO
2017**

MERIDIANA SOARES DA COSTA

**GEOGRAFIA E RELIGIOSIDADE: A CELEBRAÇÃO DO DIVINO ESPÍRITO
SANTO EM GUAJARÁ-MIRIM-RO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Dr. Adnilson de Almeida Silva

PORTO VELHO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

C837g Costa, Meridiana Soares da.

Geografia e Religiosidade: A Celebração do Divino Espírito Santo em
Guajará-Mirim-RO / Meridiana Soares da Costa. -- Porto Velho, RO, 2017.
186 f. : il.

1. Festa. 2. Divino Espírito Santo. 3. Vale do Guaporé. 4. Guajará-Mirim.
5. Bolívia. I. Silva, Adnilson de Almeida. II. Título.

Orientador(a): Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de
Rondônia

CDU 911.3



**PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
E DOUTORADO EM GEOGRAFIA**
Ambiente e Território na Pan-Amazônia



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA**

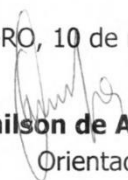
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra - NECT/UNIR
Departamento de Geografia - DGEO/UNIR
Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia - PPGG/UNIR

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Meridiana Soares da Costa

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo orientador **Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** – Examinador Interno/PPGG/UNIR e **Prof. Dr. Marcos Aurélio Marques** – Examinador Externo/SEMED, reuniram-se no dia 10 de maio de 2017, às 09h00min no Auditório Milton Santos/CEGEA/UNIR/Bloco 1T, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada "**Geografia e Religiosidade: A Celebração do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim/RO**" da mestrand **Meridiana Soares da Costa**, matrícula 201510022. Após a explanação da mestrand e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADA. A candidata terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo colegiado, do processo de defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 52 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada.

Porto Velho-RO, 10 de maio de 2017.


Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Orientador/Presidente


Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Examinador Interno/PPGG/UNIR


Prof. Dr. Marcos Aurélio Marques
Examinador Externo/SEMED

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em especial ao Divino Espírito Santo, meu Senhor e protetor.

Aos meus amados pais Ana Lúcia e Bernardo, que não mediram esforços para que eu realizasse meus sonhos, desde sempre lhes devo a minha vida e enorme gratidão por todos os sacrifícios que passaram por mim!

Ao meu querido orientador Adnilson sempre paciente, prestativo e compreensivo ao longo destes dois anos, um ser humano incrível e abençoado. Desejo muita saúde e sucesso ao longo de sua vida!

Aos meus familiares e amigos por toda a força e ânimos prestados quando tudo parecia dar errado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai, ao Filho e o Espírito Santo por todas as bênçãos sobre minha vida, ao permitir mais esta conquista.

A minha mãe Ana Lúcia, minha maior incentivadora, meu porto seguro, meu exemplo de vida e superação. Saiba que cheguei até aqui pelo seu esforço e sacrifício. A mulher mais forte e guerreira que já tive a honra de conhecer. Sou sua maior fã!

Ao Bernardo por ser meu pai quando mais precisei de um. Ao senhor se aplica perfeitamente a frase: “Pai é quem cria”. Obrigada por me amar e pela ajuda todos estes anos, principalmente durante a escrita desta dissertação.

Ao meu querido irmão Carlos Júnior que assumiu a responsabilidade de sustentar a família quando foi necessário. Obrigada Nano por ser o melhor irmão que alguém poderia ter.

Ao meu orientador Dr. Adnilson quero deixar aqui nestas linhas meus mais sinceros agradecimentos. Agradeço a paciência e a compreensão nos momentos mais complicados na minha jornada pelo Mestrado. Agradeço a sapiência com a qual me conduziu a conclusão deste trabalho. Agradeço pelo amigo que ganhei na vida acadêmica. Agradeço pela sua vida e a oportunidade de lhe ter conhecido!

Meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

Agradecimento carinhoso a Professora Dra. Maria das Graças, pelas ótimas aulas de gênero, saiba que mudaram minha visão de mundo, me tornei sua fã.

Agradeço ao Professor Dr. Josué pela sapiência em repassar seus conhecimentos, muito obrigada pelas excelentes aulas, por aceitar participar da minha banca e pelo ser humano iluminado que o senhor é.

Agradeço ao Professor Dr. Marcos Aurélio por contribuir brilhantemente com meu trabalho.

Agradeço especialmente a Irmandade do Divino Espírito Santo em Costa Marques e em Guajará-Mirim, pela recepção e acolhimento durante a pesquisa. Obrigada Senhor Landulfo, Francisco, Tácio, Anete e a todos que contribuíram com este trabalho.

Agradeço de coração a melhor secretária que já conheci, obrigada Patrícia Cardoso pela ajuda, pela força e carinho que sempre te caracterizou, Deus te guarde eternamente.

Agradeço a todos os amigos e amigas que ganhei no mestrado: Ana Carla, Francilene, Moisés, Suzanna, Alan Robert, Fabíola, Elenice, Edson e Regina. Obrigada por aguentarem meus momentos mais difíceis e me darem forças para continuar quando tudo parecia perdido.

Agradeço a todos meus familiares e amigos de longa data pelo incentivo e carinho.

Agradeço a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela ajuda financeira nestes dois anos de pesquisa.

RESUMO

A festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação religiosa de herança portuguesa que ganhou aspectos populares no Brasil, rica em devoção, comidas, danças e simbolismo. Este trabalho propôs descrever a trajetória da festa de adoração a Terceira Pessoa da Trindade desde Portugal até as terras de Guajará-Mirim - Rondônia. A Celebração ao Divino Espírito Santo acontece a mais de 120 anos em terras rondonienses, mais precisamente em localidades que formam o Vale do Guaporé. No município de Guajará-Mirim, estudo central desta festa, traz uma rica história de devoção por parte dos fiéis do Divino. Devido às dificuldades para deslocamento da romaria, pois as distâncias são expressivas, algumas localidades que desejam receber a “Coroa do Divino”, nem sempre são agraciadas, levando os devotos do Divino em Guajará-Mirim a (re)criar uma celebração que não dependa daquela realizada em Costa Marques, onde fica a Basílica Menor do Divino. Esta foi à questão maior que a pesquisa tratou de abordar, assim como demonstrar suas influências para o país vizinho boliviano. Os elementos desta festa chegaram à Amazônia com a vinda dos quilombolas da antiga capital de Mato Grosso (Vila Bela da Santíssima Trindade) por volta de 1890. A festa do Divino Espírito Santo ou Romaria do Divino em Guajará-Mirim é considerada uma manifestação cultural/religiosa de grande expressividade, praticada em todos os bairros da cidade e nas regiões rurais. Desta perspectiva emerge a metodologia utilizada para os estudos desta celebração nos mais diversos aspectos, afim de que possamos transmitir não somente a história e como o festejo acontece, mas trazer uma maior compreensão da simbologia da festa e seus personagens. Para termos essa visão se fez uso de uma metodologia baseada na fenomenologia, no intuito de descrever as sensações, os sentimentos e a elucidar a devoção de um povo ao Divino. Para assim entendermos como esses fiéis constroem e (re)constroem espaços religiosos e simbólicos. A história da festa foi possível conhecer através das entrevistas com os membros e devotos, obtidos mediante o método da Pesquisa Participante, em que a participação se fez fundamental. Por fim, chegou-se a conclusão de que os espaços criados são frutos do simbolismo religioso que os fiéis carregam ao longo de sua história e estão muito mais associados à fé empregada aos símbolos e rituais da festa do que ao materialismo utilizado para dar vida ao festejo.

Palavras-chaves: Festa. Divino Espírito Santo. Vale do Guaporé. Guajará-Mirim. Bolívia.

RESUMEN

La Fiesta del Espíritu Santo es una manifestación religiosa que tiene su herencia portuguesa y que ganó aspectos populares en Brasil, ricos en la devoción, la comida, la alegría, la danza y el simbolismo. Este estudio tuvo como objetivo describir la trayectoria del culto a la Tercera Persona de la Santísima Trinidad desde Portugal hasta la tierra Guajará-Mirim - Rondônia. Esta Celebración para el Espíritu Santo se lleva a cabo por más de 120 años en Rondonia, más precisamente en los lugares que forman el Valle de Guapore. En Guajará-Mirim, ciudad elegida para el estudio de este grupo central, trae una rica historia de la devoción de los fieles al Divino. Debido a las dificultades financieras en el desplazamiento de la fiesta, porque las distancias son significativas, algunos lugares que deseen recibir la "Corona de la Divina," no siempre son honrados. Esta fue una de las razones que llevaron a los devotos del Divino en Guajará-Mirim (re) crear una celebración que no depende de la que sucede en Costa Marques, donde se encuentra la basílica menor del Divino. Esta fue la pregunta que la mayoría de la investigación trató de abordar, así como demostrar su influencia en el país vecino boliviano. Los elementos de este grupo trajeron a la Amazonía con la llegada del quilombo que la antigua capital de Mato Grosso (Vila Bela de la Trinidad) alrededor de 1890. La fiesta del Espíritu Santo o la Romería divina en Guajará-Mirim es considerado una manifestación culturales / religiosos de gran expresividad, se practica en todos los distritos de la ciudad y en las zonas rurales. Desde esta perspectiva surge la metodología utilizada para el estudio de esta celebración de diversas maneras, de modo que podamos transmitir no sólo la historia y la forma en que la celebración tiene lugar, pero trae una mayor comprensión de los símbolos del Divino y los personajes. Para conseguir este punto de vista se hizo utilizando una metodología basada en la fenomenología, con el fin de describir las sensaciones, sentimientos, y para dilucidar la devoción del pueblo a lo Divino. Así que para entender cómo estos fieles acumulación y (re) construir espacios religiosos y simbólicos. La historia del Divino fue posible conocer a través de entrevistas con los miembros y devotos, obtenidos por el método de la Pesquisa Participante, en la que se hace imprescindible la participación. Por último, llegamos a la conclusión de que el crear espacios está ligado al simbólico de fieles a lo largo de su historia y son mucho más asociadas con los símbolos de fe propia y los rituales de celebración que el materialismo utilizados para dar vida a la celebración.

Palabras clave: Fiesta. Divino Espíritu Santo. Valle del Guapore. Guajará-Mirim. Bolivia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Batelão do Divino em Pimeteiras do Oeste.....	27
Figura 2 - - Carité (Barco capela).....	46
Figura 3 – Imperatriz D. Ana Deolinda e Imperador Dionísio Faustino, Pedras Negras 2013.	60
Figura 4 – Basílica do Divino em Costa Marques.....	65
Figura 5 – Carité e outras embarcações da Romaria pelo rio Guaporé.	67
Figura 6 – Remeiros do Divino no Vale do Guaporé.....	69
Figura 7 – Mestre e Foliões do Divino em Romaria pelo rio Guaporé.....	70
Figura 8 – Salveiro na Romaria do Divino pelo rio Guaporé.	71
Figura 9 – Mensageiro do Divino.....	72
Figura 10 – Alferes da Bandeira pela Romaria do Divino no Vale do Guaporé.....	72
Figura 11 – Imperador, Imperatriz, Alferes da Bandeira e Mordomos em Guajará-Mirim.....	74
Figura 12 – Vestimentas preparadas para a Festa do Divino.....	76
Figura 13 – Momento de veneração ao Divino através dos símbolos.....	77
Figura 14 – Império do Divino no altar da Igreja do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.....	79
Figura 15 – Dona Joana Darc Matriarca da Irmandade Ilha Saldanha.....	85
Figura 16 – Atual Sede da Irmandade Ilha Saldanha.....	86
Figura 17 – Chegada dos símbolos na residência de D. Fernanda Calazans.....	88
Figura 18 – Baile logo após a veneração dos símbolos do Divino.	89
Figura 19 – Programação da Romaria do Divino do Vale do Guaporé em 2015.....	90
Figura 20 – Senhor Landulfo com os símbolos em 1995, preparação para a primeira romaria.	93
Figura 21 – 1ª Romaria em Guajará-Mirim, organizada pela Irmandade Geral em 1995.	93
Figura 22 – Placa na sede do Divino em Guajará-Mirim.	96
Figura 23 – Interior da Sede do Divino em guajará-Mirim.	97
Figura 24 – Ensaio dos Foliões na Sede do Divino em Guajará-Mirim.	98
Figura 25 – Símbolos retirados da Igreja e levados a Sede.....	100
Figura 26 – Momento de retirar as fitas que serão lavadas.....	100
Figura 27 – Fitas sendo colocadas para secar.....	101

Figura 28 – Símbolos no altar da Igreja do Divino em Guajará-Mirim.	102
Figura 29 – Diretoria da Irmandade.Geral do Divino em Guajará-Mirim	103
Figura 30 - Apresentação dos Romeiros (Coletes vermelhos) e dos Foliões (Camisetas brancas).	103
Figura 31 - Império do Divino escolhido para celebrar o ano de 2016.	103
Figura 32 - Primeiros passos da Romaria pela cidade.....	104
Figura 33 - Romaria se deslocando para zonas rurais de Guajará-Mirim.	105
Figura 34 - Alojamento preparado para os romeiros.	105
Figura 35 - Mestre e Foliões do Divino em Guajará-Mirim.	106
Figura 36 - Residência de devota na zona rural.....	107
Figura 37 - Pernoite em das propriedades de devotos.....	108
Figura 38 - Irmandade Ilha Saldanha, primeira a receber as bênçãos do Divino....	109
Figura 39 - Romaria abençoando fiéis na Escola Paulo Saldanha.....	110
Figura 40 - Romaria cumprindo o roteiro pela cidade.....	111
Figura 41 - Os símbolos sendo levados por outros membros da Irmandade.	111
Figura 42 - Romaria tentando caminhar em meio ao caos das avenidas.....	112
Figura 43 - Palco montado para Celebração da Missa de Pentecostes e Procissão do Mastro.	113
Figura 44 - Missa organizada para todos os devotos do Divino.	114
Figura 45 - A Corte do Divino se organizando em frente à Igreja.....	115
Figura 46 - Corte formada sai em busca do Império do Divino.	115
Figura 47 - Imperador 2016 – (Ocilvado) a espera da Corte.....	115
Figura 48 - Imperatriz de 2016 (Marlene), na espera pela passagem da corte. ..	11816
Figura 49 - Procissão do Mastro.	11917
Figura 50 - Devotos no levantamento do Mastro.....	12018
Figura 51 - Momentos finais do levantamento do Mastro.....	12018
Figura 52 - Império do Divino de 2016 prontos para começar as bênçãos.	12119
Figura 53 - Bênçãos do Império a todos os presentes.	12119
Figura 54 – Símbolos ornamentados para iniciar a romaria em Guajará-Mirim. .	12621
Figura 55 - Cetro usado nas festividades pela Imperatriz.....	124
Figura 56 - Coroa usada pelo Imperador nas festividades.....	12725
Figura 57 - Bandeira do Divino.....	12826
Figura 58 - Imperador e Imperatriz 2016 – Festa do Divino em Guajará-Mirim...	13028
Figura 59 - Mordomos eleitos em 2016 – Festa do Divino em Guajará-Mirim.....	13129

Figura 60 - Aferes da Bandeira de 2015 passando o cargo para o Alferes eleito para 2016.	13129
Figura 61 - Capitão do Mastro eleito em 2016 em Guajará-Mirim.	1320
Figura 62 - Pomba confeccionada pelo senhor Landulfo usada em anos anteriores a 2015.	1342
Figura 63 - Pomba feita pelo senhor Landulfo (na foto) para 2016.	1342
Figura 64 – Círio simboliza o fogo sagrado do Divino.	13534
Figura 65 - Remeiros do Divino pelas águas do Guaporé (foto usada para simbolizar a água sagrada).	13635
Figura 66 - Igreja construída em homenagem ao Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.	13735
Figura 67 - Altar da Igreja do Divino em Guajará-Mirim.	13736
Figura 68 - Símbolo representando os sete dons do Espírito Santo. Imagem que fica na frente da Igreja do Divino em Guajará-Mirim.	1381
Figura 69 - Barco (Carité).	1432
Figura 70 - Remo utilizado pelos devotos do Divino.	14443
Figura 71 - Ronqueira utilizada nos festejos do Divino em Guajará-Mirim.	Error!
Bookmark not defined.44	
Figura 72 - Romeiros usando colete e lenço na cabeça, romaria em Guajará-Mirim.	14645
Figura 73 - Remeiros com os coletes brancos.	14745
Figura 74 - Remeiros com coletes azuis claros.	14745
Figura 75 - Fitas que foram retiradas dos símbolos e postas para lavar.	14846
Figura 76 - Fitas usadas para simbolizar as promessas.	14846
Figura 77 - Ritual de busca do Mastro para seu levantamento.	14947
Figura 78 - Levantamento do Mastro do Divino.	15048
Figura 79 - Derrubamento do Mastro em Guajará-Mirim.	15048
Figura 80 - Café da manhã oferecido a Romaria e devotos em Guajará-Mirim. .	15149
Figura 81 - Lanche oferecido aos romeiros e devotos em Guajará-Mirim.	15250
Figura 82 – Réplicas dos símbolos do Divino no Altar da Igreja em Guajará-Mirim.	15451
Figura 83 - Carité (barco capela) pelas águas do Rio Guaporé, a bordo levam as promessas e esperança dos promesseiros.	15452

Figura 84 - Diácono Francisco durante a catequese aos devotos do Divino, momento de preparação do espírito para serem fortes e fiéis ao longo dos cinquenta dias de festa.....	Error! Bookmark not defined.	53
Figura 85 - Devotos do Divino na catequese, momento de receber a palavra de Deus.....	Error! Bookmark not defined.	53
Figura 86 - Símbolos que serão levados para ornamentação na Sede da Irmandade, são guardados na Igreja logo após o encerramento da festa e retirados no ano seguinte para receberem fitas e enfeites novos.....		154
Figura 87 - Membros e devotos reunidos na ornamentação dos símbolos (coroa, cetro e bandeira), acrescentam novas fitas e com elas novas promessas e esperança para a comunidade.		156
Figura 88 - Coroa de prata do Divino, as fitas da festa passada foram retiradas para lavar e posteriormente colocadas com mais fitas novas.		157
Figura 89 - Fitas da Coroa, Cetro e Bandeira, postas para lavar e secar na sede da Irmandade do Divino, momento de muita felicidade para os devotos.		157
Figura 90 - Cetro da Imperatriz, foram colocadas as fitas antigas anteriormente lavadas e fitas novas trazidas pelos promesseiros.		158
Figura 91 - A Coroa recebendo as fitas velhas e novas.		158
Figura 92 - Senhor Landulfo (Presidente da Irmandade) na ornamentação do mastro. A pomba que vemos na imagem foi confeccionada pelo senhor Landulfo.		159
Figura 93 - Preparação da Bandeira para ser colocada no mastro.		159
Figura 94 - Os Instrumentos musicais também recebem fitas coloridas com promessas e pedidos.		160
Figura 95 - Símbolos já ornamentados e prontos para ficarem expostos na Igreja. São tantas fitas recebidas que não é possível notar a coroa, o cetro e pomba do mastro.		160
Figura 96 - O mastro que será hasteado dando início à celebração do Divino. Momento de alegria para as crianças que normalmente ajudam dessa tarefa. ..	Error! Bookmark not defined.	59
Figura 97 - Início da Missa do Divino e apresentação dos símbolos e dos representantes do Império do Divino.....		162
Figura 98 - Foliões animam a Missa e se preparam para a romaria.		162
Figura 99 - Início da romaria logo após a Missa de abertura.		163

Figura 100 - Momentos que configuram a romaria, foliões na entoação dos cânticos pelas ruas de Guajará-Mirim.	16361
Figura 101 - Romaria em visita as residências que desejam receber os símbolos.	16462
Figura 102 - As famílias de devotos e promesseiros do Divino costumam acolher aos romeiros e demais integrantes com muita festa e fartura, forma de agradecimento pelas benções.	16462
Figura 103 – Ritual de benções dos símbolos em residência de devotos.	16563
Figura 104 - Romeiros em momento de louvor ao Divino, eles chamam de pernoite, realizados em uma residência de devotos.	16563
Figura 105 - Corte do Divino, pronta para iniciar o levantar do Mastro.	16664
Figura 106 - Devotos, romeiros e fiéis (somente homens) na condução do Mastro para Igreja do Divino.	16664
Figura 107 – Momento de levantar o Mastro ao lado da Igreja do Divino.	16765
Figura 108 - Mastro do Divino hasteado.....	16765
Figura 109 - Romeiros de ida para área rural de Guajará-Mirim.	16866
Figura 110 – Chegada da Romaria em zonas rurais.....	16866
Figura 111 - Momento de devoção ao Divino Espírito Santo através dos símbolos.	16967
Figura 112 - Romeiros e Foliões junto com a Imperatriz de 2016, momentos de eternizar toda a devoção empregada por eles ao festejo.....	16967
Figura 113 - Igreja do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.	17068
Figura 114 - Altar no qual se encontram os principais símbolos do Divino (Coroa, Cetro e Bandeira), motivo de muito orgulho para a comunidade que trabalhou para que essa reforma fosse realizada.	17068

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 – Calendário de Pentecostes.....	48
Tabela 1 – Trabalhos acadêmicos sobre a Festa do Divino no Brasil.....	56
Quadro 2 – Esquema de caminhada da Romaria pelos bairros da cidade.....	112

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do Município de Guajará-Mirim.....	83
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO I – GEOGRAFIA DO DIVINO: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	27
1.1 ABORDAGENS CULTURAIS PARA ENTENDIMENTO DA RELAÇÃO GEOGRAFIA E RELIGIÃO	28
1.2 A AÇÃO HUMANA E RELIGIOSA NA GEOGRAFIA	31
1.3 A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO	32
1.4 ESPAÇOS RELIGIOSOS NA GEOGRAFIA	36
1.5 ESPAÇOS SIMBÓLICOS DA FESTA DO DIVINO	43
1.6 O TRABALHO DE CAMPO E SUA PERSPECTIVA NA PESQUISA PARTICIPANTE	44
CAPÍTULO II - GUAJARÁ-MIRIM: HISTÓRIA, LOCALIZAÇÃO E TRADIÇÃO	46
2.1 ORIGENS DA CELEBRAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO	47
2.2 ORIGEM E EXPANSÃO DA CELEBRAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO	48
2.3 A FESTA DO DIVINO COMO HERANÇA PORTUGUESA PARA O BRASIL	53
2.4 ROMARIA DO DIVINO NO VALE DO GUAPORÉ	58
2.4.1 ROMARIA FLUVIAL BINACIONAL DO DIVINO	65
2.4.2 O VALE FESTEJA O DIVINO	67
2.4.3 EMBARCAÇÕES	68
2.4.4 MEMBROS DA ROMARIA	69
2.4.5 MEMBROS DA COMUNIDADE	74
2.4.6 SE INICIAM OS TRABALHOS	76
CAPÍTULO III	80
CELEBRAÇÃO DO DIVINO EM GUAJARÁ-MIRIM	80
3.1 GUAJARÁ-MIRIM A “PÉROLA DO MAMORÉ”	81
3.2 O DIVINO FAZ A FESTA NA PÉROLA DO MAMORÉ	86
3.3 IRMANDADE GERAL DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	91
3.4 CELEBRAÇÃO DO DIVINO NA PÉROLA DO MAMORÉ	97
3.4.1 O FESTEJO E A ROMARIA	99
CAPÍTULO IV – O SIMBOLISMO DO DIVINO	123
4.1 A DEVOÇÃO ATRAVÉS DOS SÍMBOLOS E IMAGENS	124
4.2 SÍMBOLOS IMPERIAIS	125
4.2.1 CETRO	125
4.1.2 COROA E SALVA	127
4.2.3 BANDEIRA	128
4.2.4 IMPERADOR E IMPERATRIZ	129
4.2.5 MORDOMOS	130

4.2.6 – ALFERES DA BANDEIRA	131
4.2.7 – CAPITÃO DO MASTRO	132
4.3 SÍMBOLOS CATÓLICOS	133
4.3.2 FOGO	135
4.3.3 ÁGUA	135
4.3.4 IGREJA	136
4.4 DONS DO ESPÍRITO SANTO.....	138
4.4.2 SABEDORIA	139
4.4.3 CIÊNCIA.....	139
4.4.4 CONSELHO	140
4.4.5 ENTENDIMENTO.....	140
4.4.6 PIEDADE.....	141
4.4.7 TEMOR DE DEUS.....	141
4.5 SÍMBOLOS CARACTERÍSTICOS DO VALE DO GUAPORÉ	142
4.5.1 BARCO (CARITÉ)	142
4.5.2 REMO.....	143
4.5.3 RONQUEIRA.....	144
4.5.4 LENÇO BRANCO E COLETE	145
4.5.5 FITAS	147
4.5.6 MASTRO	148
4.6 SÍMBOLOS ALIMENTARES	150
CAPÍTULO V – FESTA DO DIVINO REPRESENTADA.....	153
EM IMAGENS E CÂNTICOS.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
ENTREVISTAS	173
REFERÊNCIAL	176
ANEXOS.....	181

APRESENTAÇÃO

Para começar a discutir o presente trabalho, primeiramente é importante expor minha trajetória na escolha do tema proposto, o interesse pelas manifestações religiosas e a vontade que sempre senti em cursar Geografia. Por muitos anos morei fora do país e por algumas circunstâncias da vida isso dificultou um pouco cursar tal licenciatura. Anos se passaram e o desejo de aprender geografia ficava apenas como um estudo extra no meu dia a dia.

Em 2002 minha família decidiu retornar ao Brasil, mais precisamente na cidade de Guajará-Mirim/RO, onde comecei a frequentar a comunidade católica, prática costumeira repassada pelos meus pais e assim comecei a conhecer os eventos da Igreja.

Foi em março de 2003 que conheci o famoso Festejo do Divino Espírito Santo, momento um tanto quanto confuso e curioso eu diria. Interessante observar aquelas pessoas carregarem objetos cobertos de fitas coloridas, fiquei encantada com os hinos que pouco conseguia entender por ser a primeira vez que os ouvia, mas que conseguiam prender minha atenção.

Foi nesse momento que perguntei para duas amigas que estavam comigo o que era tudo aquilo. Elas me responderam e perguntaram ao mesmo tempo: A Festa do Divino! Você não conhecia?

Apenas fiquei a olhar na tentativa de compreender aquele momento tão encantador. Claro que com o passar do tempo e minha trajetória dentro da Igreja, meus questionamentos foram sanados e aos poucos pude desvendar de forma religiosa os “mistérios” que o festejo carrega, realmente não tem como não se maravilhar com a festa.

A Festa do Divino ou Romaria do Divino acontece na verdade em várias localidades pelo país todo. O Estado de Rondônia é um dos estados que celebra o Divino, onde a Romaria pelas águas acontece em todo o Vale do Guaporé e abrange algumas cidades bolivianas, incluindo claro o Município de Guajará-Mirim escolhido como foco da pesquisa.

Com uma família muito católica, logo comecei a participar da manifestação religiosa sempre tão aguardada todos os anos pelos seus membros e devotos. Passamos a fazer parte da festa e todos os anos nos preparávamos para receber a “Coroa do Divino” em nossa residência, termo utilizado pelos devotos para

referenciar o festejo em sua plenitude. Como ordem natural, me inseri na comunidade religiosa, foi através de alguns trabalhos e estudos realizados em diferentes áreas, que o convite para participar de um processo seletivo para lecionar a disciplina de inglês como professora emergencial no Estado em 2013 surgiu.

Através da convivência com colegas das áreas de Geografia e História, um antigo sonho veio à tona e finalmente procurei a realização da graduação que tanto desejava. Foi então que procurei uma instituição que oferece o curso de Licenciatura em Geografia e logo começou as mudanças acadêmicas em minha rotina.

Alum tempo depois conheci uma moça que me convidou a participar do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia que aconteceria em 2013, porém, sem saber o que pesquisar, sem muito conhecimento da área, não fiz o processo seletivo. Claro que um grande arrependimento tomou conta de mim e conforme estudava os primeiros períodos da graduação, comecei a ter algumas ideias de temas para pesquisar, mas sem grandes ambições.

Em um dia de muita conversa com uma colega de trabalho, a mesma me disse que estava triste, pois a Romaria do Divino estava apagada e que isso era inaceitável porque a comunidade havia lutado muito para fazer nascer esta festa na cidade, para construir a Igreja e as mudanças que os devotos passaram para conseguir tal feito.

Pronto! Nesse momento nasceu o assunto que eu precisava pesquisar, em uma conversa informal entre amigas no começo do ano de 2014 soube claramente o que queria abordar dentro da Geografia.

A partir desse momento esse festejo passou a ser mais que uma tradição católica na qual assistia todo ano sem muito envolvimento pessoal e transformou-se no primeiro passo para a construção do projeto, para que então pudesse pensar em concorrer a uma vaga no Mestrado em Geografia.

Aos poucos a pesquisa passaria por algumas evoluções, modestas claro, mas de suma importância para alguém como eu que detinha pouco conhecimento ainda em Geografia, realizei algumas entrevistas informais com alguns devotos mais antigos para conhecer mais a festa em seu histórico, já que pelo lado da religiosidade era mais familiar, comecei a escrever meu projeto com algumas informações que havia conseguido colher e passei a conhecer um pouco mais como a religião era tratada dentro da Geografia.

Algo que se não tivesse tido a curiosidade, jamais acreditaria ser possível essa união científica, isso mesmo, sempre nos instruem que Geografia é apenas na área da natureza física, mas como meu interesse por fazer parte do Mestrado era maior, não medi esforços para conhecer mais sobre estudos religiosos dentro desse meio geográfico.

Grandes nomes como Fausto Gil Filho, Ronsendahl, Claval e Eliade me orientaram no conhecimento dos estudos da religião dentro da Geografia, ao mostrarem com seus estudos que a Geografia era muito mais que analisar um espaço físico em si, era entender a evolução e transformação através dos olhos dos seres que o moldaram.

Em 2014 foi quando a coragem tomou-me e procurei delimitar o tema do projeto, pesquisar a Festa do Divino era simplesmente abrangente, então decidi que a pesquisa seria realizada no Município de Guajará-Mirim onde resido e costumo acompanhar esta festa.

Ouvi de algumas pessoas, inclusive da área das ciências humanas (Sociologia, História, Filosofia, etc) que não viam muito sentido em pesquisar um assunto religioso com uma ciência que sempre procurou estudar o espaço e suas transformações físicas! Nessa hora minha vontade só aumentava, pois também queria saber como “casar” de maneira adequada dois mundos tão diferentes na minha concepção.

Não foi uma tarefa fácil compreender autores que viam e estudavam a geografia pelo ponto de vista da humanística. Tornou-se complicado a compreensão desses estudos num primeiro momento, pois sou formada em Letras e Administração e sem a devida orientação, embarquei nessa aventura prazerosa e dolorosa ao mesmo tempo.

A cada dia descobria algo novo e surpreendente sobre a “geografia” que até pouco tempo pensava ser apenas atuante no campo da física e da política, como estava enganada sobre as áreas de abrangência desta ciência, que mesmo assim sempre me fascinou, muito mais agora que consigo ver como pode ser maravilhosa essa jornada. Quando comecei a escrever meu projeto de pesquisa, por falta de um conhecimento, pequei na construção teórica e metodológica do projeto, mesmo assim quis participar da seleção e claro que com várias recomendações fui aceita no Mestrado. Aí sim que começaria minha trajetória pelo fascinante mundo da Geografia.

Ao começar os estudos exigidos dentro do Mestrado, diversas metodologias, métodos e autores foram estudados, e foi a partir desse momento que passei a compreender melhor o conhecimento geográfico e a trajetória que precisava seguir para complementar os estudos da pesquisa. As Disciplinas de Geografia Cultural e Epistemologia da Geografia foram fundamentais para ampliar meus conhecimentos sobre as teorias e metodologias que seriam mais adequadas para meu trabalho.

Com as demais disciplinas cursadas e a orientação que recebia ficava menos complicado entender o caminho que deveria percorrer para desenvolver os estudos necessários e alcançar os objetivos do projeto proposto ao Programa. Ao começar as aulas do mestrado, optei conforme a sugestão do meu orientador a assistir primeiramente as disciplinas de Geografia e Gênero e Geografia Cultural, as quais só fizeram com que me encantasse ainda pela escolha da geografia.

A disciplina de Geografia e Gênero ministrada pela Dra. Maria das Graças foi importante para minha compreensão de como a geografia estuda a evolução do espaço feminino nas mais variadas áreas, e mais uma curiosidade aflorou, entender como o festejo tratava a participação das mulheres. Geografia Cultural com o Dr. Josué sem dúvida foi o ponto pé inicial no qual consegui realmente assimilar em que área minha pesquisa deveria ser direcionada e baseada conceitualmente.

Com a disciplina de Epistemologia da Geografia meu nível de conhecimento do nascimento da ciência geográfica só evoluiu e já conseguia explicar mais claramente pontos específicos do meu trabalho. Populações Amazônicas foi a última disciplina cursada e que me ajudou na compreensão sobre a história dos povos que seriam abordados neste trabalho, como os indígenas e quilombolas. Sem essa bagagem não seria possível a construção desta dissertação.

INTRODUÇÃO

Oração ao Divino Espírito Santo

Senhor!...

Divino Espírito Santo, vós tem o poder de tornar possíveis as coisas humanamente impossíveis. Vinde em nosso auxílio nas dificuldades em que achamos, tomai sobre a vossa proteção a causa que vós confiamos... para que tenha uma solução favorável.

Quem nunca participou de uma celebração, festividade ou até mesmo de uma simples atividade que envolva religião em algum momento de sua vida? Estas atividades são partes integrantes da nossa educação social/religiosa comumente repassada por nossos familiares e a sociedade.

Mesmo que nossas convicções mudem com os anos, estamos ligados à religiosidade de alguma forma, seja pela fé e devoção, pelos ensinamentos patriarcais, pelas influências do meio social e/ou mesmo pela curiosidade em saber sobre as histórias dos santos e seus milagres.

O Brasil traz em sua formação histórica uma forte influência portuguesa na maior parte de nossa cultura, principalmente no que diz respeito à religião católica e seus festejos. Junto com a colonização portuguesa, recebemos também contribuições de outros povos como os primeiros habitantes locais (indígenas) e os africanos, trazidos para trabalhar como escravos.

As festas religiosas, num conjunto geral, estão relacionadas às celebrações e homenagens feitas às divindades cultuadas em qualquer segmento religioso. Sejam direcionadas aos orixás, rituais indígenas ou ao catolicismo, tornaram-se o que conhecemos como sincretismo religioso, pois um segmento acaba por influenciar e acrescentar valores simbólicos e míticos às demais correntes religiosas.

Aqueles que participam de festejos religiosos, de certa forma buscam a espiritualidade para completar sua existência. Nessa busca contínua, colaboram na construção de diversos eventos, manifestações e celebrações populares, realizadas pelos vários cantos do país. São momentos que se tornam cheios de espiritualidade e simbolismos, aumentando a religiosidade de seu povo.

Durante a pesquisa sobre manifestações religiosas dentro do meio acadêmico, encontramos trabalhos abordando as festas religiosas de maiores magnitudes no Brasil: A Festa de Nossa Senhora Aparecida, realizada na cidade de Aparecida/SP e O Círio de Nazaré, celebrado em Belém/PA, são festejos conhecidos nacionalmente e atraem milhares de fiéis todos os anos. (REIS, 2009).

Essas manifestações religiosas são fontes ricas de história e trazem consigo o poder de recriar espaços e sacralizar territórios. Modificam todo o contexto de uma localidade que passa a se adequar aos novos cenários propostos por estes acontecimentos religiosos, por vezes passageiros e em outros permanentes, pois alteram fisicamente o lugar que os recebe.

Pelo interesse em conhecer, como essas manifestações religiosas transformam o espaço por onde passam, modificando a rotina de uma localidade, que surgiu esta pesquisa, mas pesquisar as mais diversas festas e/ou fenômenos religiosos seria um trabalho complexo, por esta razão, optou-se pelo estudo da Festa do Divino celebrada no Município de Guajará-Mirim no Estado de Rondônia.

A festa principal, onde ela se instalou em primeiro momento, podemos dizer assim, abrange diversas localidades do Estado de Rondônia, conhecido como Vale do Guaporé. O município de Guajará-Mirim mesmo distante do Vale do Guaporé faz parte da rota por onde a romaria acontece, juntamente com algumas cidades bolivianas, fortemente influenciadas pela devoção brasileira ao Divino.

Ao estudarmos os estatutos e documentos a que tivemos acesso, notamos que pela dificuldade financeira de locomoção, pois são grandes as distâncias, a visita da “Coroa do Divino” não acontecia todos os anos nas diversas localidades, como Guajará-Mirim.

Essa dificuldade de estar dentro do roteiro das localidades que seriam visitadas, fez com que os devotos do Divino Espírito Santo residentes em Guajará-Mirim se unissem e comesçassem a realizar de forma simples e simbólica sua própria celebração ao Divino, sem a necessidade de deslocamento para o Vale do Guaporé, a finalidade era de não deixar essa tradição ser esquecida, assim como poder professar sua fé.

Estudar os motivos que levam uma localidade a (re) criar uma festa religiosa, sempre atraiu os estudiosos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento como, a Sociologia, História, Antropologia, entre outras. Porém, cada vez mais a Ciência Geográfica tem procurado estudar de forma mais íntima a relação do

homem – espaço – religião, em vista mostrar de forma científica a ligação que há entre a espiritualidade do homem com as modificações ocasionadas no seu espaço geográfico.

A religião nos traz uma variedade de acontecimentos que despertam o interesse cada vez maior dos geógrafos, no caso desta pesquisa, a análise está voltada para as festas religiosas, onde o tempo/espaço são outros, são simbólicos; carregados de sentido e significados e contrários aos tempos do cotidiano. Essa nova dimensão do tempo e do espaço abre campo para profunda análise de cunho geográfico, cultural e religioso que norteará esta pesquisa.

Quanto à estruturação da dissertação, o ponto de partida é o problema da pesquisa, nesse caso a problemática se pauta na pergunta: o que explica o esforço sócio espacial da recriação da Festa do Divino no município de Guajará-Mirim?

Na tentativa de responder a indagação apresentada, foi levantada a hipótese de fluxo de pessoas devotas do Divino, vindas do Vale do Guaporé para Guajará-Mirim, que na necessidade de professar sua fé, tratou de celebrar sua devoção recriando a festa nesta cidade, de forma que não precisariam mais se deslocar, e não permitindo que esta tradição seja esquecida.

A dissertação propõe como objetivo principal, o estudo da espacialidade da Festa do Divino, a começar pelas localidades do Vale do Guaporé para melhor compreensão da sua chegada ao Estado de Rondônia. E como objetivos específicos: o histórico do festejo; e entender os significados da simbologia da festa (ritos, símbolos, personagens, entre outros) e sua importância para os devotos pelo olhar da geografia.

Ao refletirmos sobre essa problemática aqui apresentada, se faz necessária uma abordagem sobre os estudos de Geografia Cultural/Humanista, o que às vezes é visto ainda com certo receio quando se trata de pesquisas na área da geografia. Porém, a cultura sempre interessou a esta ciência, o autor Paul Claval (2001) nos ajudará a definir o conceito de cultura no contexto geográfico mais contemporâneo.

Outro assunto abordado neste trabalho pelo olhar da geografia é a religião, geradora de espaços urbanos no Brasil e de movimentos em diversos locais. Na tentativa de entender a humanidade compreender a religiosidade dos que fazem parte destas manifestações e buscam com que essas manifestações se perpetuem ao longo dos anos.

Para uma discussão conceitual sobre religião e construção do espaço sagrado, territorialidade, simbologia da festa e o impacto que essas manifestações religiosas causam ao saber popular e tradicional de uma população utilizou-se os estudos de autores como Sylvio Fausto Gil Filho (2008), (2011), (2012), Mircea Eliade (1992), (1998), Cassirer ([1929] 1998), ([1925] 2004), (2005), Dürkheim (1996), entre outros, a pesquisa buscou um auxílio nas ciências humanas, como Filosofia e Sociologia para complementar o corpus teórico da Festa.

Como mencionado anteriormente, essas festas religiosas alteram o espaço vivido, e o intuito deste trabalho foi entre outros, as transformações que esse espaço sofre com as influências do homem em sua subjetividade. Para entender os objetivos propostos anteriormente, foram trabalhadas três etapas metodológicas, cabe ressaltar que todas as etapas se enquadram na tradição geográfica de estudos da religião e não precisamente estão em ordem de importância ou tempo.

A primeira etapa consistiu na revisão bibliográfica, ocorrida em várias áreas da Geografia e disciplinas afins, nesse momento os textos utilizados são resultados de livros, trabalhos acadêmicos e artigos de várias áreas de conhecimento como: geografia, história, sociologia, teologia entre outras, para um embasamento teórico e que opera na pluridisciplinariedade. Cabe ressaltar que poucos trabalhos foram publicados sobre festejos religiosos dentro da Geografia.

A segunda etapa foi o levantamento complementar das informações sobre a Festa do Divino junto às Irmandades¹ e da Igreja local, nesse momento foram obtidas informações mediante relatórios, cartilhas e manuscritos elaborados pelos devotos da festa e que atestam sobre a história, passada de geração para geração e nos eventos que ocorrem da mesma em Guajará-Mirim.

Na terceira etapa foram realizadas as entrevistas com os membros das Irmandades, com os devotos que apenas participam da celebração, assim como a participação ativa da pesquisadora em todos os possíveis momentos da Festa do Divino, mediante registros fotográficos e vídeos os preparativos realizados pelos devotos ao longo de todo o ritual para início e fim do festejo.

Através destas etapas, foi possível explicar mediante procedimentos metodológicos como a fenomenologia e a pesquisa participante, abordam a recriação espa-

¹ Aqui será utilizado o termo “irmandade” a partir do que diz o Código do Direito Canônico que estabelece: .associações de fiéis que tenham sido eretas para exercer alguma obra de piedade ou caridade se denominam pias uniões, as quais, se estão constituídas em organismos, se chamam irmandades. Cf. Código De Direito Canônico. Can. 707. In: BOSCHI, Caio César: *Os leigos e o poder: Irmandades Leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986, p. 14-15.

cial da festa, sua história, assim como toda a simbologia religiosa que esta manifestação carrega e as modificações ocorridas dentro da celebração.

Na busca pela objetivação ao discutir e problematizar estas questões o presente trabalho foi dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, *Geografia do Divino: uma abordagem teórico-metodológica* ressaltou de forma mais detalhada e completa as abordagens teóricas e metodológicas usadas, que visam nortear e fundamentar cientificamente todos os estudos realizados sobre a Festa do Divino em Guajará-Mirim/RO, na qual procura destacar como a Geografia e a Religião se complementam na busca pela conceituação do espaço religioso.

O segundo capítulo, *A Romanização do Divino – das águas do Guaporé para as terras da Pérola do Mamoré*, foi fruto do interesse em explorar a história da Festa do Divino, procuramos mostrar como e onde essa manifestação surgiu, de que forma chegaram ao Brasil, os lugares onde a mesma se estabeleceu e finalmente sua construção no Município de Guajará-Mirim.

O terceiro Capítulo procurou descrever o mais detalhadamente, como os guajaramirenses festejam o Divino, desde suas primeiras manifestações até a grandiosa festa que se tornou. História da cidade, dos devotos que trouxeram a festa e perpetuação na localidade.

O capítulo quarto leva o título de *O Simbolismo do Divino*. Procuramos destacar o que cada símbolo e imagem significam dentro da festa, a importância que estes trazem para os diferentes indivíduos que participam do ritual e a devoção depositada pelos devotos ao Santo Divino mediante essa simbologia.

O quinto e último capítulo trouxe através de imagens, como a *Festa do Divino* acontece, desde as reuniões da Irmandade, os momentos de lazer, os primeiros passos para a ornamentação dos locais e dos símbolos, a romaria, as rezas nas casas pré-escolhidas, até o encerramento do festejo.

Nas considerações finais, tratou-se de reunir elementos que mostrem a recriação da festa em Guajará-Mirim, os porquês e como ela vem sendo celebrada até os dias de hoje.

Nos Anexos, reunimos alguns documentos que mostram as canções, materiais elaborados pelos devotos para transmitir o histórico e a mensagem da festa.



CAPÍTULO I – Geografia do Divino: Uma abordagem teórico-metodológica

Figura 1 - Batelão do Divino em Pimenteiras do Oeste.
Fonte: BORGES, Wilmer, 2015.

1.1 Abordagens Culturais para entendimento da relação Geografia e Religião

O dom da inteligência não se trata de uma capacidade intelectual, da qual podemos ser dotados ou não. É uma graça divina que só o Espírito Santo pode infundir em nós e que nos dá a capacidade de ir além das aparências exteriores.

(Cânticos ao Divino)

Assuntos relacionados à religiosidade tem provocado cada vez mais o interesse dos geógrafos, aos olhos de quem está de fora, pode parecer um pouco estranho, pois acreditam que a ciência geográfica não se preocupa como outras ciências sociais com questões culturais e/ou espirituais do homem e como elas interferem em seu meio.

A Geografia tem procurado descrever a relação objetiva e subjetiva, que o ser humano (homens e mulheres) coloca ao espaço que ocupa e como essa interação reflete nas transformações espaciais, ao dar significações individuais e coletivas a esse lugar, autores como Ratzel, Vidal de La Blache e Max Sorre já demonstravam certa preocupação em relação a esta temática.

Com a Moderna Geografia Científica, Ratzel procurou no início do século XIX, superar a abordagem considerada meramente descritiva, até então dominante nas ciências geográficas. O autor coloca o homem no centro das preocupações da Geografia, enfatizando as formas de vida dentro do meio físico, no ambiente em que vive e o grupo humano a ser estudado com base no espaço natural.

Na visão de La Blache (1911) o homem pode intervir na natureza, mas não se encontra tão exposto às condições naturais como aborda Ratzel. Ao desenvolver o conceito de gênero de vida, La Blache enfatizou que a ocupação humana, consegue interferir na fisionomia de determinada área, alterando sua ordem natural, provocando uma ligação do homem com a natureza.

Os autores mencionados nos expõem que aos poucos a geografia foi sofrendo modificações para abordar novas perspectivas de estudos, na busca de sair do meramente físico e buscando elementos que abarque uma análise subjetiva da ação humana também. Sorre (1940) corrobora ao colocar que são as [...] técnicas transmitidas pela tradição, mediante as quais os homens asseguram seu domínio sobre a natureza. Resultando [...] que cada técnica material se desdobra numa técnica religiosa. (SORRE, 1940, p. 100).

Ainda com essas mudanças era possível observar que os estudos geográficos voltados para o cultural, estavam ligados nas áreas de atividades agrárias e extrativas, então Sorre ampliou o conceito de “gênero de vida” para “gênero de vida urbano”, com o intuito de alcançar as sociedades industriais igualmente, aprimorando as sensações depositadas pelo indivíduo ao seu redor. Com os avanços alcançados pela geografia, no intuito de diversificar seus estudos, notamos que a religião foi pouco explorada, comparado com outros temas como: o urbano e o rural, a indústria e o comércio, a política e a gestão do território, etc.

Notamos que a Geografia passa a se preocupar mais intensamente com os assuntos culturais, nas primeiras décadas do século XX, um dos autores que desenvolveu estudos sob a perspectiva cultural foi Carl Sauer. Seus estudos se opunham ao determinismo ambiental e positivismo até então dominantes e se opunha igualmente ao pensamento crítico sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético que geografia apresentava. Segundo Correia (2001, p. 21), Sauer se posicionava para outra linha de estudo, ao determinismo cultural, que nada mais é que uma versão do darwinismo social (evolucionista), que o próprio Sauer criticava.

A partir desse ponto, podemos dizer que uma nova linha de pesquisa se definia, a Geografia Cultural. Porém, segundo Claval (2001, p. 19) a Geografia Cultural ainda é limitada porque é descritiva, sem preocupação com as relações entre os sujeitos de forma subjetiva. Muitos pontos não eram analisados, aos poucos os pesquisadores buscavam meios para aprimorar estudos diversos dentro da Geografia.

Foi no final da década de 1950 que se deu início a um processo de modernização da Geografia Cultural. A partir de 1970 os estudiosos já analisavam o que faltava para a Geografia considerar que era “a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de ideias” (CLAVAl,

2001, p. 39). Assim os estudos eram voltados para as percepções e sensações empregadas pelo homem no seu espaço, essa ênfase veio a se chamar Nova Geografia Cultural.

De acordo com Claval (2001), a cultura é fundamental ao indivíduo no plano de sua existência material, pois ela busca inseri-lo em momentos de verdadeiras relações sociais, no qual o indivíduo se sente parte de um grupo e encontra sentido para sua existência, dentro dessa cultura nos deparamos com questões ligadas ao âmbito religioso.

Embora, a Nova Geografia Cultural seja hoje uma referência para muitos estudos geográficos que centralizam a cultura em suas preocupações, ela restringiria a análise. A pesquisa trata de abordar a Festa do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim enquanto manifestação religiosa nas suas relações com a sociedade.

Pelos estudos abordados percebemos que não abraçavam a relação social, sentimental ou até mesmo espiritual dos agentes envolvidos com o espaço transformado, vivido e sentido. Claval (2001) coloca que a geografia limitava as realidades culturais, colocando a ênfase nas técnicas e utensílios utilizados.

Na busca dessas trocas de informações culturais, em que o ser humano influencia o meio em que vive, a ciência geográfica tem se procurado desenvolver mais estudos sobre práticas religiosas como: peregrinações/romarias e festejos religiosos indicam experiências humanas repletas de significados, tendo uma nítida dimensão espacial, (re) organizando o espaço e modificando-o, já que “a materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesma, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa.” (GIL FILHO, 2008, p. 210).

Esses aportes tornaram-se importante para nortear estudos da área humana dentro da geografia. Corrêa (2001, p. 9) preconiza a observação anterior ao colocar que “A geografia cultural desenvolveu, um significativo papel, oferecendo uma contribuição particular à compreensão da ação humana sobre a superfície terrestre”, ou seja, é relevante que parte da geografia humana se preocupe em estudar o homem sob a influência da religião.

Para uma compreensão dessa relação entre Geografia e religião, o geógrafo Gil Filho mostra em seus estudos que a Geografia Cultural tem sua origem dentro da Geografia Humana, que por sua vez nos traz que a geografia da religião “é uma subdisciplina que tem por objeto o fenômeno religioso, visto como um espaço das

relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião” (GIL FILHO, 2008, p. 210).

A Geografia Humana recomenda uma nova concepção do espaço em que o homem habita e procura entender-lo mediante as representações culturais e sociais tais como: rituais religiosos, valores espirituais, religiosidade, artes, linguagem e algumas maneiras de organização do trabalho.

Nesse sentido são excelentes os aportes da “nova geografia cultural” para que a própria Geografia da Religião venha a conceber seu próprio corpo dentro das ciências e possa ser estudada com mais cientificidade, acentuando reflexões nos aspectos das festas religiosas, sua simbologia e a construção do espaço religioso, fruto desses fenômenos dentro da religião.

1.2 A ação humana e religiosa na Geografia

Um assunto que causa sem dúvidas curiosidade, a religiosidade de homens e mulheres tornou-se objeto de pesquisas cada vez mais recorrente nas ciências humanas. A Geografia também tem se debruçado sobre os diferentes acontecimentos que envolvem este tema e a influência que exerce ao modificar espaços e lugares.

O autor Gil Filho (2008, p. 15) nos mostra que “A geografia da religião originalmente foi organizada pelos historiadores da Igreja, no estudo da geografia bíblica condicionado aos parâmetros teológicos, e não por geógrafos”. Neste momento, os estudos estavam voltados quase que exclusivamente para a análise teológica dos acontecimentos e não como podiam modificar o meio habitado.

Aos poucos os estudiosos se debruçam sobre pesquisas relacionadas à religião. Em 1948 o geógrafo Pierre Deffontaines em seu livro *Géographie et Religions*, nos apresenta a grande influência paisagística que a cultura religiosa pode proporcionar; ao analisar igrejas, cemitérios e outras representações religiosas concretas.

Podemos vislumbrar que Deffontaines busca imprimir o fato religioso dentro da visão paisagística. Claval de maneira clara elucida o trabalho de Deffontaines sobre religião:

Pierre Deffontaines aborda a geografia religiosa através das marcas que esta imprime nas paisagens (igrejas, mesquitas, santuários, templos, cruz, etc.) pelos obstáculos que ela impõe a certos gêneros de vida (obrigação do jejum na sexta feira, interdição do álcool e do consumo de carne de porco, por exemplo). A religião não é nunca tratada nela mesma. (CLAVALL, 1997, p. 91).

Logo depois David Sopher (1923 – 1984), importante figura intelectual no contexto da geografia da religião estadunidense nos brinda com a obra *Geography of Religions* publicada em inglês em 1967 lançou a base para o que hoje denominamos Geografia da Religião. Gil filho (2008, p. 12) corrobora com essa versão ao expor que “[...] Sopher desenvolveu estudos a partir da análise das interações espaciais de diferentes culturas religiosas e seu ambiente”.

Outro geógrafo que se debruçou sobre estudos da religião foi Yi-Fu Tuan, nos anos 1970 trouxe suas contribuições a respeito da religião com uma nova abordagem fenomenológica, sobre o sagrado e o profano de Mircea Eliade. (GIL FILHO, 2008). Nesta fase de forma científica, que começam as abordagens sobre o fenômeno religioso de maneira mais sistemática.

Mas sem dúvida, é na modernidade, principalmente no século XX, que este campo de pesquisa geográfica se consolida e/ou ao menos começa a deixar transparecer uma maior coerência dentro de pesquisas científicas, por vezes temática, teórica ou metodológica.

Religião e Geografia podem ser compreendidas como saberes distintos, mas ao mesmo tempo com muitas similaridades em seus estudos. São duas formas de (re) ação no espaço: a religião normatiza alguns procedimentos dos homens em relação ao espaço religioso; e, por sua vez, o conhecimento geográfico proporciona subsídios estratégicos de atuação no espaço como um todo.

É importante para a geografia continuar na busca e no aprimoramento seus estudos sobre como diferentes atividades, ações e atitudes ligadas à religiosidade podem causar mudanças significativas por onde passa e como essas transformações são ocorridas pelo olhar de pesquisadores geográficos.

1.3 A Geografia da Religião no contexto brasileiro

No Brasil pode-se dizer que foi a partir da última década do século XX, e início de século XXI, que a subdisciplina Geografia da Religião toma corpo dentro das pesquisas geográficas. Os trabalhos nessa subárea geográfica também contam com suas particularidades. Apesar das importantes influências de estudos norte-americanos e europeus, através de seu viés tradicional e atual, a dinâmica brasileira construiu uma abordagem diferente. Dentro do contexto brasileiro a Geografia da Religião se apresenta não monolítica.

Por não ser singular, a Geografia da Religião no contexto brasileiro apresenta discussões teóricas e abordagens que passam por dois vieses diferentes; estudados por dois centros institucionais, bem como por seus mentores: o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura /Universidade do Estado do Rio de Janeiro - NEPEC/UERJ, liderado pela professora Zeny Ronsendahl; e o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER- Curitiba e o Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião / Universidade Federal do Paraná – NUPPER/UFPR, ambos representados pelo professor Sylvio Fausto Gil Filho.

O professor Gil Filho (2009) comenta que as perspectivas e abordagens dessa subdisciplina geográfica nos informam, que o renascimento experimentado pela Geografia da Religião, ocorrido no contexto de debates entre geógrafos brasileiros no início do século XXI, foi em grande parte impulsionado pela “virada cultural” e pela “virada linguística” que aconteceram no movimento da Nova Geografia Cultural no Brasil. E que foi através desse momento que podemos vislumbrar mais claramente esses dois vieses:

Atualmente, algumas tendências são discerníveis na Geografia da Religião: parte dos geógrafos a considera como tema da Geografia Cultural e se concentra nas abordagens geradas no interior da própria disciplina; outros pendem mais para uma autonomia como subdisciplina da Geografia Humana com métodos e abordagens próprias, em um diálogo maior com outras disciplinas que pesquisam o fenômeno religioso. (GIL FILHO, 2009).

Estas duas acomodações ocorrem especificamente nas pesquisas geográficas sobre religião no Brasil, abordam dois pontos de vista distintos: uma que “busca apreender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem”; e outra que “busca compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter

fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião”. (GIL FILHO, 2008, p.76).

Os trabalhos desenvolvidos por Ronsendahl (1999) *Hierópolis: o sagrado e o urbano*, e Gil Filho (2008) *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião* evidenciam claramente as diferentes perspectivas apresentadas. A linha teórica de Ronsendahl busca principalmente as estruturas espaciais da religião e “nessa abordagem o elemento humano aparece como um fluxo em deslocamento cuja atuação é remetida a influência exercida pela organização topológica do sagrado” (SILVA, 2010, p. 39). Seus estudos se pautam nos aportes de Mircea Eliade sobre sagrado e profano, a geógrafa opera suas interpretações a partir da ação do sagrado.

Numa outra perspectiva temos os estudos promovidos por Gil Filho (2007) que pretende oferecer maior atenção aos aspectos subjetivos do fenômeno religioso. A preocupação do autor seria de não fixarmos o fenômeno dentro de uma menção apenas físico-espacial, como tentativa de objetivar a cientificidade do estudo, e assim acabarmos por deixar de abarcar os “aspectos mais íntimos e subjetivos” que o indivíduo ou grupo estudado imprime ao espaço em que vive:

Torna-se necessário preservar na análise os qualitativos que evidenciam o fenômeno religioso enquanto realidade própria da religião. Visto que em diversas abordagens há uma descaracterização da religião sob os auspícios da objetividade científica. Circunscreve o fenômeno religioso apenas em sua materialidade imediata é descuidar seus aspectos mais íntimos e subjetivos. Nossa premissa é que a análise do fenômeno religioso requer uma cognição especial, uma sensibilidade às suas nuances a fim de captar suas características mais sutis. O fenômeno religioso aparece mais nítido no plano do cotidiano. Não é suficiente que o fenômeno se apresente como matéria-prima da ciência que praticamos, é necessário penetrar nos seus sentidos últimos e compreender o que dizem. (GIL FILHO, 2007, p. 212).

O autor busca em seus estudos nos apresentar que o pesquisador não se deve prender apenas na empiricidade das práticas religiosas, que devemos promover discussões voltadas para o âmbito abstrato, subjetivo dos fenômenos religiosos, a fim de compreendermos os sentidos da ação religiosa. Essa abordagem proposta por Gil Filho (2007; 2008; 2009) tem sua base pautada na fenomenologia das manifestações religiosas, em que objetiva analisar as dimensões não visíveis da religião e a forma como o ser humano atua na construção de sua realidade espiritual.

Os estudos de Silva (2010, p. 39) confirmam esse pensamento ao dizer que “Presume-se que é pelo espaço do fiel que se podem vislumbrar os espaços da religião, são as representações, as percepções do fiel em face do discurso religioso os estruturantes do fenômeno religioso”.

A corrente de estudo que esta pesquisa utilizou para compreender a Festa do Divino, é a segunda abordagem citada acima, liderada pelo autor Gil Filho. Pois abarca a estrutura da construção do festejo e explica como esse fenômeno religioso se perpetua ao longo do tempo, pois é uma abordagem que avançou epistemologicamente, com base na Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer, propondo uma Geografia da Religião direcionada aos mundos simbólicos. (GIL FILHO, 2009).

Dentro desses estudos será possível abordar de forma não conclusa, mas que possa nortear o entendimento da pesquisa no que se refere aos conceitos de espaço na sua construção simbólica e como representação religiosa das espacialidades dentro da festa, pois é uma manifestação repleta de simbolismo, significados e espacialmente móvel, alcança diversos lugares mesmo sem “Coroa do Divino” estar presente.

Elucidadas acima, as discussões mais modernas da Geografia da Religião pontua, que o fenômeno religioso vem sendo pesquisadas por diferente correntes, todas com suas potencialidades e limitações, no qual mostra o interesse cada vez maior da ciência geográfica, em aprofundar suas análises sobre este tema. Assim, entendemos que o papel preponderante da Geografia da Religião deve ser o de se ocupar com o fenômeno religioso. (GIL FILHO, 2007, p. 210). Tal análise por vezes pode ser tida com certo desconforto teórico, por promover discussões de cunho abstrato, mas de maneira alguma pode ser deixada de lado.

Essa mediação que a geografia busca para compreensão do espaço em que a Festa do Senhor Divino Espírito Santo se encontra, traz a necessidade de analisar mais detalhadamente toda a simbologia por traz do festejo e como esse fenômeno se produz pela ação do homem com o espaço.

Com as discussões elencadas acima, vislumbramos como a Geografia da Religião no Brasil vem a ser abordada em relação ao fenômeno religioso por diferentes prismas, mas cada qual com sua relevância, limites e potencialidades, possibilitando que este tema seja estudado detalhadamente.

1.4 Espaços religiosos na Geografia

Depois de entender como a religião e seus fenômenos se tornaram de grande interesse para os estudos geográficos, o que amplia cada vez mais esta ciência nas áreas das ciências humanas, fica mais fácil compreender como a ação humana, age na construção do espaço, dentro das diversas manifestações provocadas pelos seus praticantes. É a experiência religiosa, expressa pela espacialidade dos valores espirituais, que constitui o sagrado, desta forma, o espaço sagrado pode ser entendido como espaço religioso.

Essa ação relacionada à fé empregada por homens e mulheres religiosos, devotos do Divino Espírito Santo, na qual o presente trabalho procurou expor para entendimento desse fenômeno religioso na produção espacial sagrada, conforme Gil Filho:

Os efeitos da relação religião x espaço são decorrentes da característica complexa pela qual se organiza o fenômeno religioso. O pressuposto de que a religião está impregnada de elementos míticos em sua dimensão espacial revela a saturação do sentir mítico; se a religião se diferencia do mito pela representatividade, o espaço no qual o Homem religioso se realiza também é representacional. (GIL FILHO, 2009, p. 77).

A busca pela diversidade espacial geográfica através do espaço vivido do ser humano pode ser; dinâmico, complexo e plural, por vezes até ser construído para infinitas finalidades, sejam estas de cunho religioso, cultural e/ou social. Essas diversas dimensões do viver humano levam a construções, grafias, simbologias, dinâmicas quanto ao espaço analisado.

Em conformidade com Gil Filho (2007, p. 207), “a religião foi apreendida como produto da prática humana e como expressão da cultura religiosa em um campo de motivações materializadas na paisagem”. Por isso, a idéia de sentimento religioso constitui um dos mais complexos anseios que fundamentam a essência do ser humano, visto que “o homem no seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais” (GIL FILHO, 2007, p. 207-208).

Este sentimento independe da inteligência, da razão, da cultura e de outros elementos que compõem a formação humana, pois:

A prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana inspirada na busca da transcendência ou imanência [...] no plano social as religiões se expressam na práxis de um sistema ético suscitado pelos valores religiosos. Assim, no campo religioso, respondem direta ou indiretamente a motivações éticas (GIL FILHO, 2007, p. 210-211).

O autor Gil Filho (2008, p. 67) afirma ainda que “o homem afasta-se cada vez mais do universo dos fatos e aproxima-se do universo simbólico”. Com isso nos revela a necessidade constante do homem em dar significados, sentido à espiritualidade em sua vida, dentro do qual procura entender o meio em que se encontra inserido, os símbolos que o cercam e a importância destes para com seu eu interior.

Um desses espaços mencionados acima é aquele onde nos deparamos com as festas e/ou representações religiosas que despertam o interesse de geógrafos desde as primeiras décadas do século passado. São momentos que alteram a vida e o cotidiano dos habitantes que se apropriam do religioso. Ao analisarmos a religião como um conjunto de sistema de significações, dentro do qual incorpora comportamentos que delas fluem, os fenômenos religiosos serão as manifestações concretas deste sistema.

Nesse espaço mais simbólico, em constante adaptação com variadas transformações, apenas descrever os símbolos, as percepções não são suficientes, se faz necessário a descrição do sentimento colocado em cada pedacinho do festejo, a fim de trazermos os significados incorporados nas construções empregadas pelos devotos a cada espaço reservado para tal evento.

O homem é um ser simbólico, no sistema cassireriano, que o caracteriza como superação da vida biológica. Assim, há uma ruptura da ordem natural gerada pelo homem e na qual ele deve ser submetido. Este processo conscientiza o homem de que ele não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo em um universo simbólico. Deste modo, a religião, é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim, o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca os significados da existência. O homem é o protagonista deste conhecimento simbólico e desta prática social da religião. (GIL FILHO, 2007, p. 210).

A celebração ao Divino está inserida no sistema de religiões universalizantes, pois rompem as relações de pertencimento com o lugar de origem e tem um amplo poder de difusão e adaptação de sua mensagem e doutrina, de forma que são

apropriadas por um grande número de pessoas. Estas religiões são: cristianismo, islamismo e o budismo. (Gil Filho, 2009).

Vemos essa prática nos mais diversos festejos e manifestações religiosas pelo Brasil todo, como é o caso da Festa do Divino que se torna um momento coletivo de fé e devoção por parte dos que dela procuram fazer parte. No entendimento de Durkheim essas celebrações são compreendidas como:

Uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produto do pensamento coletivo. (DUKHEIM, 1983, p. 212).

A Celebração do Divino traz de início uma gama de símbolos e imagens que compõem todo o festejo, que enriquecem a paisagem e nos levam a viajar pelo divino (espiritual), algumas consideradas originais das primeiras manifestações e outras adaptadas com o passar do tempo.

O autor Gil Filho (2008, p. 76) nos coloca que essas formas simbólicas também são religiosas e que provocam interferências diretas no espaço geográfico, pelo fato de carregarem com elas uma carga cultural relevante para agir e o transformar desse meio que as rodeia. O espaço sagrado/religioso é a imagem da experiência religiosa cotidiana, assim como sua própria referência.

Os devotos do Divino que procuram participar da festa e se sentir mais perto do espiritual conseguem perceber esses espaços, onde sua conduta deve ser mudada por se tratar na sua visão de um lugar cheio de simbologia religiosa, os cuidados com os espaços que serão reservados para a Coroa, o Cetro, a Bandeira e outros símbolos são de extrema espiritualidade para os membros da festa.

A Festa do Divino é recheada de lugares sagrados e profanos, entre eles, a Igreja edificada para adoração, a Sede da Irmandade os diversos espaços momentâneos (casas, estabelecimentos comerciais e públicos) que recebem a visita da Coroa, trazem significação através de imagens, instrumentos, vestimentas, cânticos e atitudes que mudam momentaneamente para o festejar. Em suma, é a presença das imagens e dos símbolos que conserva as culturas. (ELIADE, 1996, p. 174).

Em cada localidade esse celebrar é diferente, acabam por receberem novas simbologias, novos significados de acordo com local onde são estabelecidas, pois cada localidade conta com uma forma de se organizar e administrar suas manifestações, em que o social e político por vezes ditam como estas festas será realizado.

Todos esses elementos que fazem parte da vida do indivíduo, como os ritos religiosos, o imaginário, sua simbologia ganham relevância para os pesquisadores, que notam como esses fenômenos procuram se adaptar as mais diferentes localidades que as recebem, de forma que seja mais bem encaixada para que o homem se sinta próximo do que considera sagrado.

Ao analisar uma tradição religiosa como é Festa do Divino para o Estado de Rondônia, como se reinventou em Guajará-Mirim e se sustenta há tantos anos, não têm como fugir do fato que esse movimento recebeu contribuições políticas, social e cultural, com algumas diferenças daquela Festa que acontece no Vale do Guaporé/RO. Essas diferenças serão mais bem descritas nos próximos capítulos.

O presente trabalho procurou explorar justamente essas diferenças, com a intenção de mostrar-la pelo olhar da geografia como um lugar, um espaço, um povo com valores distintos e que faz recriações tão ricas e interessantes de serem pesquisadas.

Ao buscarmos a conceituação de “espaço” religioso, pleno de simbologia, que se torna tão importante não apenas para a Geografia, mas também, para todas às ciências humanas, que estudam como este se transforma e é transformado, trazemos para a pesquisa autores renomados como Gil Filho e as concepções simbólicas de Cassirer.

Ao analisar o espaço religioso, observam-se como as ações dos fenômenos, que intrigam os geógrafos que buscam sua compreensão através da experiência vivida, da sua relação com o mundo, para retratar-la não como ela são produzidas em si, mas como ela se mostra para nós.

Em busca pelo entendimento teórico-filosófico para uma construção de uma Geografia da Religião o mais abrangente possível, Gil Filho (2007, 2009) encontrou um diferencial com a obra *A Filosofia das Formas Simbólicas* do filósofo alemão Ernest Cassirer (1874 – 1945), é dentro dos princípios de Cassirer que Gil Filho vislumbra uma base para seus estudos sobre fenômenos religiosos.

Para entendermos como acontece essa relação com o espaço, a fenomenologia do autor Cassirer (2005) nos apresenta que é no espaço sagrado que as manifestações dos fenômenos religiosos se apresentam nos mostram que o espaço é um lugar de ação provocado pelo homem. O autor coloca em destaque a força imagética original das manifestações do espírito, que aponta para as simbologias do ser humano. O autor Gil Filho (2008, p. 212) nos mostra esse pensamento *cassireriano*:

“A fenomenologia de Cassirer é sua maior contribuição epistemológica para a ciência geográfica, uma leitura a partir dela sugere fazermos uma “*revolução copernicana*” (KANT, 1999) na Geografia, isto é, trocamos do centro das análises o universo dos fatos, pelo universo simbólico do “sujeito-objeto”.

A busca pela definição de “espaço simbólico”, onde os seres humanos percebem suas ações sobre meio em que vivem, onde demonstram que o impulso espiritual é tanto simbólico como espacial, dependendo de como o ser apreende determinado fenômeno;

podemos interpretar determinadas formas espaciais, determinados complexos de linhas e figuras, ora como ornamentos artísticos, ora como desenhos geométricos, atribuindo, assim, a um mesmo material um sentido completamente diferente. A unidade de espaço que construímos na contemplação e produções estéticas, na pintura, na escultura, na arquitetura pertencem a um nível totalmente diferente daquele que se manifesta em determinados teoremas e axiomas geométricos. Aqui reina a modalidade do conceito lógico-geométrico, lá a modalidade da fantasia espacial artística: aqui o espaço é concebido como a essência mesma de relações interdependentes como um sistema de “causas” e “efeitos”, lá ele é compreendido como um todo, na interpenetração dinâmica de seus momentos individuais, como uma unidade da intuição e da emoção. (CASSIRER, [1923] 2001, p. 47. Grifo do autor).

A atividade simbólica modela o mundo em dimensões de experiências que realiza o ser. Constitui como construtora das cosmovisões, a religião, estrutura mundos de significados e organiza o “divino”. (GIL FILHO, 2007, p. 220). Com isso, a noção de espaço assume uma dimensão processual que não diz respeito, num primeiro momento, aos enquadramentos físicos, mas se constitui na esfera espiritual que a consciência desempenha.

Mediante essa percepção que se encontram inseridas as representações sociais, religiosas, toda a simbologia carregada por estas e as diferentes formas de

comunicação que conceituam o espaço. Almeida Silva (2015, p. 14) contribui em seus estudos que a fenomenologia em Cassirer define “o espaço de ação comporta formas, símbolos e sinais que se encontram em categorias distintas, mas que se complementam para gerar as formas simbólicas”.

O Santo Divino traz em sua estrutura diferentes objetos e ações que conseguem uma tradução, para seus fiéis a espiritualidade de suas formas. Para Gil Filho (2008, p. 24) por tanto, é uma forma de conhecimento, onde a dualidade sujeito e objeto são denominadores comuns para conceber essa simbologia presente na festa.

Na visão de Cassirer, a intuição espacial age unindo diferentes formas de sensibilidades, que se encontram no fluxo da vivência imediata; assim como separando essa união, realocando os elementos em diferentes concentrações significativas. E é por essa dinâmica de consciência espacial que:

Somente conseguimos intuir determinadas conformações espaciais se, por um lado, unificamos em uma única representação grupos de percepções sensíveis que se deslocam mutuamente na vivência sensível imediata, e se, por outro lado dispersamos novamente esta unidade na diversidade dos seus elementos constitutivos. (CASSIRER [1923] 2001, p. 53).

Esse “espaço” que conhecemos, difere do espaço proposto por Cassirer, o autor propõe analisarmos que é a força/impulso espiritual, as experiências humanas que, ao articular sentido, constrói o “mundo em que vivemos”. Assim, se pretendemos compreender sobre o “espaço religioso” da Festa do Divino, precisamos evidenciar o conhecimento simbólico, pois é através dos significados das simbologias que o universo simbólico se constitui.

O simbólico que o autor se refere, é a ação humana empregada de forma espiritual, realizada através do impulso psicológico de construção do universo religioso que no caso o devoto empreende desde os primeiros momentos da organização do festejo. Esse espaço não é uma substância material, no qual são colocadas todas as “coisas”, mas sim, a expressão das mais profundas experiências que o fiel deposita ao celebrar o santo. Desta forma, o homem como ser simbólico e o fenômeno religioso como integrante desse universo (CASSIRER, [1944] 1994), volta o foco para as estruturas do conhecimento (formas simbólicas), que conforma seu universo simbólico.

Após os estudos de Gil Filho e o Filósofo alemão Ernest Cassirer sobre o espaço, realizados através das representações simbólicas de Cassirer, por entenderem os espaços das festas religiosas são visualizadas mediante culturas, imagens, signos, linguagem, arte etc. Que veio a contribuir para os estudos da espacialidade da Festa do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.

Depois de expor a conceituação da fenomenologia, torna-se importante que haja um recorte fenomenológico da relação que houve entre agentes pesquisados (devotos da Festa do Divino) com o pesquisador. Restringir-se a apenas uma forma de obtenção de dados/informações, para manter uma clareza metodológica, parece não ser a melhor escolha, ainda mais com uma temática altamente complexa e subjetiva – como o caso do fenômeno religioso.

Após a realização de muitas pesquisas bibliográficas, entrevistas de campo, a autora do trabalho em questão procurou analisar e interpretar os dados que foram coletados, para uma melhor apreciação e compreensão dos resultados da pesquisa, visto que toda fenomenologia se faz através de uma análise das formas simbólicas, no qual não se detém no vivido individual, mas abrange o vivido na sua estrutura universal, coletiva e simbólica.

A tradição da Festa do Divino no município de Guajará-Mirim/RO foi investigada em todo o seu ritual com o propósito de elucidar a dimensão alcançada pela festa no seu âmbito cultural-geográfico, a partir de um enfoque fenomenológico.

Na busca para uma melhor compreensão dos significados da festa, sua essência no vivido e como a mesma é captada por cada participante, a autora tratou de conviver por vários dias, meses, em diversas ocasiões na tentativa de detalhar o máximo possível como esta manifestação fenomenológica se dá na realização do Festejo do Divino.

Estudar como o fenômeno se manifesta nesses festejos religiosos, é o foco desta pesquisa dentro da geografia. A análise do fenômeno religioso pode ser evidenciada na dinâmica onde ocorrem seus significados, e também é experienciada no nível de vida do indivíduo com a coletividade religiosa em que está inserido. Este espaço então é constituído como meio lógico, onde as coisas são organizadas, logo o espaço é o meio pelo qual a posição dos objetos ou das coisas se torna possível.

1.5 Espaços simbólicos da Festa do Divino

Ao analisarmos como ser humano interfere no espaço por ele ocupado, de forma que este consiga encontrar-se, faça com sua existência tenha sentido, observamos as diversas possibilidades de alteração, construção e recriação desse espaço. Podemos vislumbrar espaços, culturais, educacionais, religiosos, que são por vezes temporários, móveis e há aqueles que têm sua permanência fixada.

Os estudos de Cassirer nos revelam que somos nós seres humanos que determinamos qual o sentido iremos empregar ao mundo que nos rodeia. Entender esse mundo vai além do concreto que criamos, devemos lançar mão dos fenômenos (simbolismo) que criamos para auxiliar nesse entendimento.

A Ciência Geográfica através da cultura procura analisar esses espaços simbólicos, pois se o “homem” é um ser envolto em simbologias, seu universo também o será pelas suas ações. Mediante esse agir simbólico que consubstancia seu universo, acredita-se possível geografizar esses espaços carregados de sentidos, sentimentos e simbolismo.

Os espaços deste trabalho são os encontrados na Festa do Divino, espaços que foram criados e recriados pelos seus fiéis. A Geografia nos ajuda a entender como a ação de devotos gera esses espaços de expressões e forças que motivam a perpetuação dessas experiências. Dentro desses espaços, conseguimos identificar que vão além da sua estrutura material, transcendendo para o simbólico que a fé consegue transmitir ao homem religioso. Sob esse viés Cassirer (1994), diz que o homem tem capacidade, ou dependência, de viver em um universo simbólico, que vai além de suas materialidades e racionalidade.

Encontramos espaços de diversas magnitudes e significados dentro da Festa do Divino. Esses espaços são criados para dar sentido à devoção empregada pelos devotos, vão desde espaços permanentes como a Igreja, a Sede, que são perceptíveis a qualquer pessoa. Assim como os temporários, reproduzidos especialmente para alguns momentos de adoração – espaços demarcados pela caminhada da Romaria, da procissão do Mastro, em cada residência onde os símbolos são venerados.

Espaços que cada vez que são recriados, modificam o pensar, o agir e a emoção pela qual são transformados, espaços cheios de sensações que somente o devoto sabe expressar, e que o faz mediante a decoração, a importância que é colocada nesses lugares. Representando sua vida espiritual através de símbolos religiosos, cânticos e vestimentas que os diferenciam da sua vida cotidiana.

1.6 O Trabalho de Campo e sua perspectiva na Pesquisa Participante

Ao escolhermos a Festa do Divino como pesquisa, houve desde o projeto de pesquisa uma necessidade de coleta de dados referentes a tudo que já existia sobre o tema, fazer entrevistas para conhecer o entendimento dos devotos mediante seu ponto de vista e programar a visita da pesquisadora para participar das diversas etapas do festejo.

Após explorar o campo teórico em busca de compreender qual a melhor metodologia a seguir, percebeu-se que a pesquisa deveria utilizar mais de uma categoria de análise, que permitisse obter compreensão maior do fenômeno religioso. Por disso entendemos que a Pesquisa Participante é uma valiosa ferramenta para conseguirmos adentrar aos mundos religiosos, “universo simbólico” e assim delinear sua realidade e o espaço religioso. De acordo com Costa (1995, p. 133):

[...] o principal instrumento de pesquisa, é o investigador, num contacto directo, frequente e prolongado com os actores sociais e os seus contextos; as diversas técnicas reforçam-se, sendo sujeitas a uma constante vigilância e adaptação segundo as reacções e as situações. A natureza específica dos procedimentos do método de campo impõe-lhes que, para adquirirem pertinência e rigor, tenham que ser, necessariamente, diversificadas e flexíveis (COSTA, 1995, p. 133).

Para não tornar o objeto de estudo extenso a ponto de não conseguir abarcar e explicar sua trajetória dentro do contexto geográfico religioso preferiu-se por fazer um corte temporal e territorial da Festa do Divino.

Foram realizadas, cerca de dez entrevistas individualmente, duas delas em Costa Marques no ano de 2015, no qual priorizamos os por entrevistar devotos mais antigos da Irmandade do Divino, na tentativa de termos o máximo de informação possível sobre o festejo no Vale do Guaporé. As demais entrevistas foram realizadas

em diferentes épocas, desde pretensão da pesquisa em 2014 até o ano de 2016, essas entrevistas se realizaram no Município de Guajará-Mirim.

Em Guajará-Mirim foram entrevistados, os atuais membros da diretoria do Divino (Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro, Secretário), alguns devotos mais velhos para ter informações mais antigas e dois devotos jovens, para entender a caminhada deles no Divino.

Para a realização das entrevistas, apoiamo-nos, sobretudo, em Queiroz (1991). Conforme esta autora, a entrevista é a forma mais antiga e conhecida para coleta de dados orais, que implica um colóquio entre pesquisador e narrador².

A pesquisadora realizou também uma entrevista com vários membros da Irmandade, juntamente com alguns devotos, foi como uma conversa informal, de forma aleatória os entrevistados iam se abrindo quanto aos seus conhecimentos sobre o festejo. Além de proporcionar bons momentos de risadas e lembranças, os devotos também ajudaram a pesquisadora a ter uma percepção dos sentimentos deles para com a festa.

Essa entrevista se torna importante, pois se caracteriza pela existência de um entrevistador, que fará perguntas aos entrevistados anotando as suas respostas e analisando suas reações e emoções ao fornecerem informações do tema tratado. (QUEIROZ, 1991).

A pesquisadora buscou participar de todos os preparativos possíveis para realização da festa, dentro do qual se preocupava em registrar ao máximo mediante fotografias as ações dos devotos e participantes da manifestação.

Procurou elencar de forma bibliográfica o histórico geral do presente festejo, e logo delimitar as pesquisas de campo para a região do Município de Guajará-Mirim no Estado de Rondônia, entre os festejos realizados nos anos de 2015 e 2016, a fim de entender os motivos que fizeram esta cidade a (re) criar tal manifestação fé e conservar esta tradição centenária.

² As orientações da autora foram essenciais no que diz respeito, por exemplo, ao uso do gravador e do caderno de campo. O uso de gravador é uma técnica que auxilia o pesquisador na obtenção de entrevista, com o objetivo de manter a informação viva, apesar de, em alguns momentos, interferir na fala e espontaneidade do entrevistado. O caderno de campo não pode ser desprezado, pois imediatamente após as entrevistas, é preciso anotar, além das falas não gravadas, impressões, descrições do ambiente, facilitando a coleta futura das informações pretendidas.

CAPÍTULO II - A Romanização do Divino – das águas do Guaporé para as terras da Pérola do Mamoré

CAPÍTULO II - Guajará-Mirim: História,

Figura 2 - Carité (Barco Capela) do Divino pelo rio Guaporé/Mamoré.
Fonte: BONFIM, Marcela. 2015.



2.1 Origens da celebração ao Divino Espírito Santo

*Eu navegarei no oceano do Espírito e ali adorarei ao
Deus do meu amor. (bis)*

*Espírito, Espírito que desce como fogo vem como em
pentecostes e enche-me de novo. (bis)*

(Cânticos ao Divino)

Escrever sobre religião e suas manifestações nos leva ao mais profundo dos sentimentos do ser humano, nos mostra a força de um povo e o poder de transformação do espaço no qual estes devotos vivenciam. A Festa do Divino é um destes momentos em que cristãos católicos expressam sua fé e reanimam sua esperança na vida.

Há algumas divergências quanto a sua origem e como esta festa teria se espalhado por diversas partes do mundo, essas diferenças ficam claras com os estudos de alguns pesquisadores do festejo do Divino em outras localidades do Brasil, no qual vemos inúmeras versões sobre como tudo começou.

Ao pesquisar este festejo, tanto a autora do trabalho, como alguns participantes da festa, embarcaram em uma busca complexa sobre sua vinda para terras rondonienses, o que se encontrou foram documentos elaborados pelos próprios devotos ao longo dos anos para arquivo das próprias comunidades e algumas pesquisas acadêmicas em diversas áreas de estudo, que nos auxiliaram na contextualização da origem da festa.

Apesar do festejo acontecer em todas as regiões do país, encontramos trabalhos em maior número nas regiões Sul e Sudeste, na região Centro Oeste vemos umas pesquisas em Goiás, no Nordeste, o Estado do Maranhão concentra a maior quantidade de pesquisas. No Norte onde se concentra a pesquisa realizada pela autora, não foi encontrado nenhuma publicação até o ano de 2016. Um fato bem curioso, pois a Festa do Divino é o maior evento religioso do Estado de Rondônia e o segundo entre os Estados nortistas.

2.2 Origem e expansão da Celebração ao Divino Espírito Santo

Para os devotos católicos a celebração ao Espírito Santo vem a ser a terceira pessoa da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), conforme observamos em Gênesis (2,7) no Antigo Testamento³, o qual considera o sopro da vida dada por Deus: “Javé plasmou o homem, pó da terra, insuflou em suas narinas um sopro de vida, e o homem se tornou um ser vivo”.

Outra manifestação encontrada em episódios bíblicos refere-se à descida do céu do Espírito Santo, em forma de línguas de fogo, sobre os apóstolos de Jesus, transmitiu-lhes sabedoria e força, de modo que eles, homens simples, passaram a

evangelizar em diferentes línguas, conforme Atos dos Apóstolos (2016, cap.2 e v. 2 e 3):

E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

Este texto é muito mais de cunho teológico, entretanto, é uma narrativa que há tempos permeia tanto o imaginário de devotos do Divino, quanto às celebrações religiosas realizadas durante as festividades do Divino Espírito Santo, no dia dedicado a Pentecostes. E para uma melhor compreensão desta celebração, se fez pertinente a colocação do mesmo.

Mas a compreensão deste dogma nem sempre se verifica, muito embora a prática ritual do culto o mencione, muitos devotos ao serem questionados sobre como surgiu essa celebração, qual a relação da festa com a Santíssima Trindade, dizem apenas que é uma tradição antiga pela qual pedem as bênçãos do Senhor.

Segundo Espírito Santo, Em todas as religiões, e particularmente no meio rural, é apenas a observância ritual que conta; o símbolo é o mesmo, mas age diferentemente sobre cada um. Uma religião de massas, como é a dos Portugueses, é sempre uma religião em que a compreensão teológica é mais empobrecida. Os mais assíduos podem ignorar em absoluto qual a diferença entre Deus-Pai e o Filho; a Santíssima Trindade pode não passar de “uma santa mais forte do que as outras” e o Espírito Santo será também

³ BÍBLIA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, SP. 2016. p. 04.

um santo como os outros, mas “menos forte” porque não goza de um culto particular (exceto nos Açores, onde é venerado como um santo local da maior festa do arquipélago) (ETZEL, 1995, p. 26).

O Divino Espírito Santo não é santo nem mesmo padroeiro, mas uma divindade para agradecer e festejar. É uma força representada pela pomba branca, por que foi nesta forma que Deus batizou Jesus Cristo (EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO, 1, 31-34)⁴, assim como pela bandeira e fitas coloridas e pelo mastro entre outros símbolos encontrados na festa. É a festa de Pentecostes que nos revela

a Santíssima Trindade que segue o calendário cristão, na qual a data de realização se torna móvel, celebração que acontece durante cinquenta dias após a Páscoa, exatamente no 7º domingo após a ressurreição de Jesus. Para um entendimento mais claro, elaboramos o seguinte quadro:



Quadro 1 – Calendário de Pentecostes
Fonte: Santos, 2016. Adaptado pela autora.

A celebração da vinda do Espírito Santo é chamada pela Igreja Católica como o “Dia de Pentecostes”, e pentecostes quer dizer, exatamente, cinquenta dias. (SANTOS, 2016). Conforme a Festa do Divino se desloca pelas diferentes regiões, ela sofre modificações, mas sua duração por tradição deve acontecer por cinquenta dias, até o domingo de Pentecostes, entretanto nem todos os festejos seguem arrisca essa regra.

Para os judeus por exemplo a celebração de cinquenta dias após a Páscoa, vem a ser o festejo da colheita de trigo, em agradecimento a Deus pela chegada de Moisés com seu povo a terra prometida, pela abundância da colheita farta, o que corresponde ao atual dia de Pentecostes. (ETZEL, 1994, p. 30).

Com essas pesquisas vemos que a realização desta manifestação ao Espírito

⁴ Ibidem: p. 1097

Santo data a muitos séculos antes de sua vinda para as terras brasileiras e até mesmo portuguesas, de onde sua origem é mais conhecida e propagada no Brasil.

Há muitas discordâncias entre os pesquisadores e estudiosos do assunto sobre a origem do culto ao Espírito Santo na Europa. Alguns historiadores associam a origem desse culto à questão profana das folias, no druidismo professado pelos povos Celtas das Gáelas e Ilhas Britânicas até a época da conquista romana (Séc. I a.C. – II d.C.), que se extinguindo à medida que avançava o cristianismo, (SANTOS,

2016). Esses cultos pagãos foram proibidos pela Igreja e deram lugar as celebrações cristãs.

Alguns estudiosos afirmam que o culto ao Espírito Santo surge com a aparição da Ordem Hospitaleira do Espírito Santo, em 1160, que tem sua gênese associada à Guido de Montpellier, como instituição religiosa para ambos os sexos com a finalidade de alojar idosos e enfermos. Dentre estes pesquisadores destaca-se Moisés do Espírito Santo (1990).

Segundo o historiador português Moisés do Espírito Santo (1990), o culto ao Espírito Santo originou-se na Antiguidade. Entre os israelitas, a Festa de Pentecostes era celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, sendo uma das quatro festas importantes do calendário judaico: Páscoa, Omar, Pentecostes e Colheitas. Sob a forma de festividade, o culto ao Divino, no sentido que iria adquirir mais tarde, teve início na Idade Média, na Itália, com um contemporâneo de São Francisco de Assis, o abade Joachim de Fiori (morto em 1202), que ensinava que a última fase da história seria a do Espírito Santo. Suas idéias chegaram à Alemanha e se espalharam pela Europa.

Nos séculos XIII e XIV, Fiori espalha sua tese e a Europa tomam conhecimento da importância do Espírito Santo para a humanidade. O abade italiano apresentou uma teoria da história baseada na perspectiva cristã, em que a história evoluía em idades baseada na Santíssima Trindade, que se iniciaria pela *“idade do Pai”*, em que humanidade estaria submissa a religião; a *“idade do Filho”* caracterizada por uma salvação de responsabilidade de cada um; e uma terceira idade, denominada *“idade do Espírito Santo”*, em que o homem estaria apto a gerir uma igualdade e solidariedade, uma idade de inocência e pureza, o que levou a inspirar vários reinos europeus, como Portugal. (ESPIRITO SANTO, 1990).

Os principais seguidores da tese de Fiori foram os franciscanos, que se tornaram os principais divulgadores em colônias portuguesas e nos Açores, de onde culminaram nas festividades em homenagem ao Espírito Santo. A primeira celebração do Império do Divino, provavelmente, teria ocorrido em Alenquer, por influência dos franciscanos, uma vez que foi ali que os mesmos fundaram o primeiro convento em Portugal. (MARIANO, 2007).

No entanto, existe certo consenso, que a festa ao Divino Espírito Santo teve por fundadora, em Portugal, Dona Isabel de Aragão, a Rainha Santa. Em 1288,

Isabel casou com D. Dinis, rei de Portugal, e com ele teve dois filhos, Constância, futura rainha de Castela, e Afonso, herdeiro do trono de Portugal. (MENDES, 2006).

A Rainha Santa, como era conhecida Isabel, era considerada uma medianeira em sua família, buscava apaziguar constantemente os conflitos entre D. Diniz e seu irmão, bem como entre D. Diniz e o príncipe herdeiro.

Ferretti (1995, p. 12) corrobora com versão anterior ao expor que:

A origem dessa lenda é de Portugal, estabelecida pela Imperatriz D. Isabel, casada com o Imperador D. Dinis, por volta da primeira década do século XIV. O estatuto da Irmandade relata à seguinte história: na época o Imperador, que não era muito santo, quis deserdar o filho legítimo para entregar o trono a um filho ilegítimo. A Imperatriz queria que o filho legítimo fosse o herdeiro de Portugal, e em um desentendimento com o esposo, ele a mandou embora do Palácio Imperial. Refugiando-se em um mosteiro, chorava e suplicava ao Divino Espírito Santo para que estabelecesse a paz na Família Imperial e no Império de Portugal, pois havia ameaça de guerra. Com efeito, o filho legítimo, revoltado pela atitude do pai, formou um exército e pretendia apoderar-se do trono pela força. O Imperador e o filho bastardo foram ao encontro dele com outro exército, para dominá-lo. A Imperatriz muito aflita e devota do “Divino Espírito Santo” recorreu a este fazendo uma promessa: se a situação fosse contornada, ela mandaria fazer uma cópia da Coroa do Império, colocando no alto dela o símbolo do Divino (a pomba); e que a mesma haveria de peregrinar, se possível, o mundo inteiro, arrecadando donativos em benefício da população pobre.

Fervorosa na fé, a rainha edificou uma igreja em honra ao Espírito Santo, na vila de Alenquer e na qual surgia a primeira confraria em louvor do Espírito Santo. Logo no primeiro ano da sua instalação (1296), fizeram a solenidade da coroação do imperador como atesta D. Fernando Corrêa de Lacerda, bispo do Porto, na sua *História da Vida de Santa Isabel* (1735), onde diz que “o povo igualou a generosidade da nobreza” (FAZENDA, 1923, p. 42), corresponde ao apelo real com a acostumada liberalidade. Assim, surge a primeira Irmandade com denominação de Império, ao ter sido chamada a nobreza e pessoas de diversas classes para participaram dessa associação com o intuito de dar continuidade a esse culto.

Este trabalho optou pela a versão que já se encontra em diversas pesquisas feitas, na qual a festa propriamente dita em homenagem ao Divino Espírito Santo teria iniciado em terras portuguesas e de lá se espalhou para diversas outras partes do mundo, incluindo o Brasil.

Vemos por esta versão, que a festa foi idealizada por meio de uma promessa, mas dirigida para “povo” (pobres) do império, como forma de agradecimento ao Divino Espírito Santo pela graça atendida. “Esse tipo de ação já era realizada pela

Coroa no palácio de Cintra, onde a Rainha distribuía alimentos aos pobres” (FAZENDA, 1923, p. 48). Não foi uma manifestação instituída pela Igreja Católica, como outras festas que conhecemos, com os anos e sua importância tomando espaço, a Igreja veio a intervir e assim fazer parte da mesma.

A Celebração ao Espírito Santo em terras portuguesas acontecia de acordo com Fazenda (1923, p. 367) da seguinte forma:

[...] no domingo, pela manhã, entrava na igreja do Convento de São Francisco o que havia de servir de *imperador*, assistido de *dons reis*, e seguido de nobreza e povo, com três pagens, que lhes levavam as coroas (uma das quaes era a que deixou para a festa a mesma Sancta Rainha); e sendo estas offerecidas no altar, um religioso, com vestes sacerdotaes, coroava com estas aos três *supostos monarchas* que, assim coroados acompanhavam a procissão. À tarde, saia o imperador da igreja do Espírito Sancto, com muitas festas, trombetas e multidão de gente, com cannas verdes nas mãos e dous pagens adeante com a coroa, e outro com o estoque, e assim entrava na igreja de São Francisco [...]

Assim como foi instituída em Portugal, a Festa ao Divino em terras brasileiras se destaca por duas características bem marcantes: Continua a ser uma festejo popular religioso independente da Igreja Católica e carrega o que chamavam no reino português de “*bodo*”, que era justamente essa distribuição de alimentos.

No início do século XVI, Dom Manuel (1469 – 1521) restringiu essa prática de “*bodos*” exclusivamente às Festas do Divino Espírito Santo (ETZEL, 1995, p. 30). Talvez fosse um acontecimento importante para os portugueses, vislumbrando a superação no reinado de D. Diniz, ou conforme Fazenda (1923) seria uma homenagem de D. Manuel à Rainha Isabel, por trazer para os festejos ao Espírito Santo, alguns elementos existentes nos usos e costumes populares.

Em cada região essa prática sofreu ressignificações, dentro destas festividades foram incorporados elementos considerados pagãos pela Igreja, Etzel (1995, p. 39) traz que foi uma incorporação espontânea, que fortalecia a ideia de fartura e abundância. Essas práticas continuam até os dias atuais nas festas do Divino, assim como a coroação, a procissão entre outros elementos que veremos nos próximos capítulos.

2.3 A Festa do Divino como herança portuguesa para o Brasil

A chegada do Divino ao Brasil se deve a colonização portuguesa, herança que perdura até os dias atuais. Os portugueses acreditavam, que a conquista de terras novas estava intimamente ligado à vontade de Deus, segundo Souza (1986, p. 34):

Cabia ao colono descobrir riquezas na terra e ainda enriquecer os céus, convertendo almas. Parece mesmo haver um movimento de reciprocidade, uma espécie de contabilidade: os bons cuidados da Providência, proporcionando o achado de prata e ouro, deveriam ser pagos com almas; por outro lado, quanto mais almas se enviassem aos céus, melhores seriam as disposições do Criador para com os colonos.

Na época da colonização portuguesa no Brasil, conforme Ferreti, "o governo português enviou casais açorianos para o Brasil, que residiram desde Belém do Pará até em Laguna no estado de Santa Catarina", (2007, p. 5), os quais levaram com eles a festa do Divino Espírito Santo, que se estabeleceria por diversas localidades. Essa vinda ao Brasil pelos colonizadores portugueses, crentes de ser vontade divina, contribuiu para o encontro de culturas, que proporcionou desenvolvimento e recriação dos costumes lusitanos, que se tornariam brasileiros com a miscigenação que se formara em território brasileiro. Tinhorão (2000) nos expõe que os jesuítas eram os principais catequizadores dos nativos, eles ensinavam músicas cristãs e orações, afim de que os indígenas esquecessem seus rituais e adorassem somente a Deus.

No Brasil, as manifestações festivo-religiosas eram momentos de certa liberdade, já que o povo subalterno conseguia participar destas, era uma forma de fugir ao controle das autoridades. Por isso, nem sempre a participação dessa população nos eventos religiosos era por fé e/ou devoção, era mais um momento de descanso do trabalho árduo. (SOUZA, 1986, p. 21).

A popularidade da Festa do Divino em território brasileiro foi determinante na sugestão de escolha, por José Bonifácio, do título de Imperador e não de Rei para D. Pedro I. O que contribuiu também para a separação, no julgamento popular, do "Rei de Portugal do Imperador do Brasil, ligado este, ideal e amorosamente, ao Divino que ostentava o mesmo título" (FERRETTI, 1995 p.7).

Abreu comenta a respeito das comemorações paralelas da Coroação de D. Pedro I e da Festa do Divino:

A superposição das comemorações pelo Imperador com as barracas do Divino, na mesma época e local, certamente facilitava a aproximação e a troca de significados entre os dois eventos. [...] em função do prestígio do Divino na cidade, que a liberalização talvez representasse uma estratégia de tornar a maioria ao mesmo tempo abençoada e simpática entre os setores populares, depois dos conturbados anos de 1830. Festa e regime político iniciavam junto um novo tempo. (2005, p.15).

A mesma autora ressalta que a simbologia comum aos dois Imperadores: a cor vermelha predominante, a presença da Ordem de Cristo nas armas imperiais e nos símbolos do Divino, a sua juventude, o costume de coroar crianças, e o título que ostentava. (ABREU, 2005, p.21). Em muitas localidades onde a festa é ainda realizada, essas simbologias são fortemente preservadas, outras em contrapartida, sofreram modificações consideráveis, veremos sobre esse assunto mais adiante.

Inicialmente a festa era restrita aos brancos “elite”, os quais buscavam manter o ritual como era realizado em Portugal, mas como o Brasil introduziu a escravidão com a vinda dos portugueses, este festejo também foi absorvido pelos escravos, de maneira tal que tomou novas formas e contextos.

Conforme Ferreti (2007, p. 5 – 7) o festejar do Divino chegou primeiro as regiões litorâneas e como desde sua colonização o Brasil carrega em sua história uma miscigenação de culturas e religiões, professada pelos negros escravos na época. Ferretti diz: “todas as religiões são sincréticas (e) são frutos de contatos culturais múltiplos”. (1995, p. 1).

Aos poucos, a igreja procurava tomar para si, as diversas manifestações e rituais já existentes no Brasil, na intenção de manter seu controle sobre o povo, assim como apropriar-se daquelas trazidas pelos negros africanos. Segundo Abreu (1999) a “romanização” em meados do século XIX, fez com que os batuques e as comemorações dos negros fossem cerceadas. Tudo que era pomposo e espetaculoso nas procissões foram reduzidos também, ao ponto da Igreja se questionar se o catolicismo não estaria a atrasar o desenvolvimento da sociedade.

No Brasil a devoção ao Divino Espírito Santo, realizada desde o século XVIII, pelo menos é dessa época que se tem documentos que mostram sua maior expressividade. Conforme Tinhorão (2000) eram com a participação dos padres que atuavam nas procissões como personagens da corte do Divino em Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira, em Minas Gerais, assim como as Festas do Divino de Pindamonhangaba (SP) e de Salvador (BA). (ETZEL, 1995).

A Festa do Divino se espalhou por todas as regiões brasileiras, algumas cidades tiveram maior destaque no final do século XIX, conforme Abreu (1999) a Festa do Divino no Rio de Janeiro, era considerada o maior evento popular e de ostentação no período de 1830 a 1900. Brandão (1978) destaca a Festa em Pirenópolis (GO), no qual o momento mais aguardado conforme o mesmo autor são as famosas cavalhadas, a luta entre os cristãos (vestidos de azul) e os mouros (vestidos de vermelho), uma representação da guerra em que os cristãos costumam vencer.

As Irmandades⁵ desenvolveram uma importante ação de manutenção das festas religiosas no Brasil, a Irmandade do Divino Espírito Santo se tornou a responsável pelas realizações dos festejos. Essas atividades eram o auge das ações dessas irmandades, que buscavam a perpetuação dessas festas.

Como mencionado anteriormente, cada região, cada cidade, na qual a Festa alcançou e se estabeleceu, a mesma sofreu modificações culturais, sociais, étnicas e de outras religiões, que fizeram com que se tornasse especial, diríamos “única”. Ao longo da pesquisa documental, encontramos algumas cidades onde a festa tomou maiores proporções ao ponto de se tornarem objetos de estudos acadêmicos. Para uma melhor compreensão desses lugares, elaboramos uma tabela que exemplifica o exposto.

Durante as leituras feitas, observamos que o festejo se tornou uma temática interessante para diversas disciplinas, por vezes pesquisada mais de uma vez pela mesma ciência. As regiões mais agraciadas com esses estudos foram Sul, Sudeste e Centro-Oeste e apenas uma vez fora tema de pesquisa pela Ciência Geográfica, como a tabela 1 nos mostra:

⁵ Conforme Macedo (2002), as irmandades proliferaram no Brasil após a expulsão dos jesuítas, no século XVIII, e tiveram origem na Baixa Idade Média, no século XIII.

Tabela de pesquisas sobre a Festa do Divino Espírito Santo

Pesquisa	Título	Disciplina	Autoria	Instituição	Ano
Dissertação	A Folia do Divino e Identidade Cultural: O caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia	Ciências da Religião - Teologia	GUEDES, Luiza Maria	Universidade Católica de Goiás	2003
Dissertação	Entre o Espetáculo e a Devoção: A Festa do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes - SP	Antropologia	RODRIGUES, Herbert	Universidade de São Paulo	2006
Tese	Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes: O Espírito Santo faz a festa	Geografia Humana	MARIANO, Neusa de Fátima	Universidade de São Paulo	2007
Dissertação	A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão: uma proposta de glossário	Linguística	ROCHA, Maria de Fátima Sopas	Universidade Federal do Ceará	2008
Dissertação	Império do Divino: Uma análise etnocenológica dos personagens da Festa do Divino Santo em São Luís - MA	Cultura e Sociedade - Mestrado Interdisciplinar	SANTANA, Kelya Cristina Pereira	Universidade Federal do Maranhão	2012
Dissertação	Turismo e Cultura no Maranhão: As caixeirolas da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara	Turismo	MESQUITA, Cristiane Gomes	Universidade Estadual do Ceará	2013
Dissertação	Estudo do meio como possibilidade para uma educação libertadora: A Festa do Divino Espírito Santo de Mirim (Imbituba) como tema gerador	Educação	FERNANDES, Diego Custódio	Universidade do Sul de Santa Catarina	2015
Dissertação	Entre o Religioso e o Secular: O estudo dos símbolos e dos ritos da Festa do Divino Espírito Santo em Paraty - RJ	Ciências da Religião	SANTOS, Diego Barbosa	Universidade Federal de Juiz de Fora	2016

Tabela 1 – Trabalhos acadêmicos sobre a Festa do Divino no Brasil.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa. 2016.

A tabela acima nos mostra que esta manifestação religiosa, se tornou de interesse dos pesquisadores, mas também revela que para pesquisadores da Ciência Geográfica ainda é assunto novo, pouco explorado, pois somente encontrou-se uma pesquisa sobre a temática. Outro fato a ser considerado “é que a Festa do Divino ou Romaria do Divino em Rondônia é o maior evento religioso do Estado e o segundo maior da região Norte” em relação aos participantes e o fato de

ser o único binacional (PALITOT, 2014), porém, não se encontrou nenhuma pesquisa publicada sobre o assunto até o presente momento.

Essa falta de estudos relacionados à Festa do Divino realizada no Estado de Rondônia torna este trabalho ainda mais relevante, pois vem a expor a riqueza histórica e geográfica da região, dos povos que aqui vivem e da própria festa, que é uma manifestação religiosa grandiosa.

2.4 Romaria do Divino no Vale do Guaporé

Para entendermos como a Festa do Divino chegou ao município de Guajará-Mirim, localidade escolhida pela autora para pesquisar o festejo, é preciso antes que se faça uma análise histórica de sua chegada em terras rondonienses, mais precisamente na região que abrange o Vale do Guaporé.

O território do Vale do Guaporé está localizado na porção sul/sudoeste do Estado de Rondônia, abrange os municípios de Costa Marques, São Francisco do Guaporé, Alta Floresta, Alvorada d'Oeste, Primavera, Cerejeiras, Rolim de Moura, São Felipe, Alto Alegre, Pimenteiras, São Miguel do Guaporé, Parecis, Seringueiras e Cabixi. (MEIRELES, 1989).

O Vale do Guaporé se estende a partir do Noroeste mato-grossense, onde tem como marco principal o rio Guaporé, que nasce na extremidade setentrional da Serra dos Parecis, em Mato Grosso. Seu curso percorre um total de 1.717 km, dos quais 1.500 são navegáveis e prosseguem em direção ao Norte do país, onde se encontra com o rio Mamoré. Ambos os rios marcam a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. (IBGE, 2015).

Esta é uma região de fronteira natural com a Bolívia, através do rio Guaporé. Foi por volta da primeira metade do século XVIII que, segundo Otaviano Cabral, houve grande migração para a região de fronteira. A descoberta de riquezas minerais no Vale e os esgotamentos das Minas em Cuiabá motivaram muitos aventureiros, mais de mil e quinhentas pessoas em busca de explorar o rio Guaporé, na esperança de encontrarem riquezas. (CABRAL, 1963, p. 6)

A cultura local é marcada por uma intensa tradição africana e indígena com fortes matizes da religiosidade católica. Festejos seculares como a Festa do Divino, fluvial e binacional têm importância cultural e étnica indiscutível. Esta região se

constitui em um mosaico de populações “tradicionais”: indígenas, caboclas, ribeirinhas, quilombolas e por fim as populações bolivianas habitantes da fronteira. (SANTOS, 2012).

Os municípios desta região, pelos registros elaborados pela Irmandade do Divino em Costa Marques, foram os primeiros a receber os festejos do Divino. Nesses registros constam depoimentos do cuiabano Manoel Fernandes Coelho, no quais o mesmo relata que a primeira festividade foi realizada em terras guaporeanas em 1894. Mas, com o passar dos anos, outras localidades se inseriram no roteiro percorrido pela Romaria do Divino, no qual inclui cidades do país vizinho boliviano.

A ocupação do vale do Guaporé brasileiro se deu a partir de 1734, quando os bandeirantes paulistas, os irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros, descobriram ouro no rio Guaporé, nos arraiais de Santana e São Francisco Xavier, onde se formou um núcleo de povoamento (TEIXEIRA, 2003, p. 78-79).

Com essas descobertas, o povoamento cresceu consideravelmente, mas a população não era composta apenas de brancos com posses, para o trabalho pesado vieram também os mais precisados como os negros escravos e os quilombolas, que lutavam por sua liberdade, começaram a formar núcleos em terras rondonienses.

Ao permitir a manifestação de tais grupos, a Igreja, estrategicamente, abria espaço para a vida religiosa do negro, com o intuito de não perder o seu poder sobre eles. Outros santos foram impostos, para que a população escravizada os adorasse e, acima de tudo, com eles se identificasse, a serviço da cristianização dos negros. (SOUZA, 2002, p. 185-189).

As condições de vida desses negros eram desumanas, já que o trabalho árduo e as enfermidades os afetavam mais rapidamente. Cabral (1963, p. 38) mostra como era a vida dos negros e indígenas na região guaporeana:

Para aumentar a arrecadação dos quintos era preciso cooperar com os mineradores (proprietários) que adquiriam suas peças (escravos) no mercado de São Paulo, São Vicente, Guaratinguetá, Taubaté, Porto da Estrela e Angra dos Reis. As traziam para as lavras do Mato Grosso, donde com o tempo, além dos mortos pela malária, iam sumindo sem deixar rastros. Aquilombavam-se ao norte das Novas Minas ou juntavam-se, indo pelos campos das Salinas, às malocas dos chiquitos da banda castelhana ou às aldeias das missões.

Tanto os povos indígenas, quanto os quilombos que se formaram na região do Vale do Guaporé, são importantes, pois mediante estes personagens, devem-se a perpetuação da Romaria do Divino, um povo sofrido, maltratado, que encontrou nesse festejo forças para recomeçar uma vida melhor e com esperança.

Ao buscar por escritos para orientar esta pesquisa, pouco material fora encontrado, as informações são mais voltadas para lendas, informações contraditórias, todas colhidas de pessoas que ainda fazem de um tudo para a tradição da celebração ao Divino não se perca na memória. A chegada da festa ao Estado de Rondônia está ligada de certa forma a sua povoação, pois foram os primeiros habitantes de outras partes do Brasil que trouxeram esta tradição com eles.

As raízes históricas da festa do Divino em Rondônia estão ligadas pelos festejos religiosos feitos em Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso, onde já se festejavam o Divino há muitos anos. Esse fato aconteceu devido ao deslocamento que esses descendentes de escravos fizeram para a região guaporeana.

Durante algumas entrevistas, dois entrevistados relataram diferentes versões de como a Coroa do Divino chegou ao Vale do Guaporé, uma delas foi concedida pelo Senhor Dionísio Faustino em maio de 2015 (Figura 3) que já ocupou o cargo de Presidente da Irmandade em Costa Marques por vários anos, já foi imperador também:

Posso afirmar que foi Manoel Fernandes Coelho, que trouxe os símbolos do Divino de Vila Bela (MT) para Ilha das Flores (RO) em 1894, se não falha minha memória. (Dionísio Faustino, 80 anos, 63 anos de Irmandade em Costa Marques).

Outra versão é a que obtivemos ao entrevistar o Senhor Saturnino Ribeiro em maio de 2015, que já foi encarregado da Coroa em Costa Marques entre outros cargos na festa:

Aqui no Vale do Guaporé havia dois proprietários bem poderosos, ricos mesmo e de grande influência na região (Coronéis de Barranco), eram Argemiro Leite e Balbino Maciel. Argemiro esposo de Dona Eduwírgem (Edvirges) e o Maciel eram devotos em Vila Bela do Divino, então eles usando sua influência conseguiram uma réplica, bem igualzinha mesmo da Coroa deles lá, e trouxe-a para as propriedades deles aqui no Guaporé, é o que os nossos pais nos contavam.

De acordo com os escritos (documentos elaborados pela Irmandade, todos baseados em relatos dos devotos mais antigos) fornecidos pelas secretárias Anete Perez e Maria do Socorro Faleh em 2014, podemos entender como esse festejo chegou e se estabeleceu em território rondoniense. Nesses documentos observamos que as duas versões são aceitas, mesmo uma contraria a outra, não há como termos uma certeza, apesar de que os antigos da festa aceitam como verdadeira a primeira versão.



Figura 3 - Imperatriz D. Ana Deolinda e Imperador Dionísio Faustino, Pedras Negras, 2013.
Fonte: Acervo pessoal Dionísio Faustino.

Notamos, porém, um fato curioso por trás da segunda versão, ao consultarmos os documentos cedidos. A festa teve uma “parada” em suas realizações, com o retorno dos símbolos para Mato Grosso e o motivo está relatado da seguinte forma:

Após a morte dos principais membros da festa, a senhora Eduvirgem Leite Ribeiro, viúva de Argemiro Leite, regressou para a sua cidade de origem, Vila Bela da Santíssima Trindade, levando a Coroa de Prata, símbolo da festividade do Vale do Guaporé. (COMISSÃO ORGANIZADORA DA IRMANDADE DO DIVINO, 2002, p. 19).

Observamos que Dona Eduvirgem se sentia proprietária dos símbolos, por isso a parada nas celebrações aconteceu, nenhum dos entrevistados soube dizer o tempo certo, ou os documentos apontam com clareza o período, mas analisando com cuidado, verificamos que em 1934 os festejos voltaram a acontecer. Desde que a festa chegou em 1894 até 1932, a celebração ocorria todos os anos em Ilha das

Flores, um ano mais luxuosa, outro de forma mais singela, mas sem interrupção.

Depois da atitude da D. Eduwirgem em retornar para Vila Bela no Mato Grosso houve essa “parada” conforme citado acima, que levou os devotos a agirem prontamente conforme documentos da Comissão do Divino:

Os principais membros da Irmandade na época moradores das localidades de Tarumã e Rolim de Moura, ou seja: Antão Gomes, Manoel Canuto, Antônio de Freitas, Norberto Quintão, Maximiliano de Brito, Bernardino Nery da Trindade, Cândido de Moraes e Gonçalo de Moraes, se reuniram e depois de vários debates, solicitaram a senhora Eduwirgem Leite, que lhes devolvesse a Coroa de Prata e os demais símbolos. Tendo dona Eduwirgem concordo, devolveu os símbolos ao senhor Bernardino Nery da Trindade. (COMISSÃO ORGANIZADORA DA IRMANDADE DO DIVINO, 2002, p. 20).

Depois desse impasse resolvido, os símbolos retornaram para a região guaporeana, localidade de Tarumã pelas mãos do senhor Bernardino Nery e em seguida se organizaram para a realização do festejo de 1934 em Costa Marques, depois desse episódio, poderíamos dizer que o festejo não ficou nem um ano sem acontecer. Mas, a festa passou por muitos altos e baixos até se estruturar de forma que não causasse tantos conflitos entre os membros. Podemos observar o desenrolar dessas tentativas nos escritos da Comissão do Divino (2002, p. 21):

Os senhores Bernardino Nery, Cândido Moraes e outros membros da Irmandade de Tarumã, não concordaram que o festejo fosse realizado somente em Rolim de Moura. Decidiram, então, enviar um ofício ao senhor Bispo da Diocese de Cuiabá, informando-o que as festividades do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, nos últimos anos, vinham fracassando e que seria melhor a Coroa retornar para sua Igreja de Origem, em Vila Bela da Santíssima Trindade.

O que os membros da Irmandade do Divino em Tarumã desejavam, era que o festejo fosse realizado alternadamente, a fim de beneficiar e alegrar a todos os devotos, alguns deles que inclusive se deslocavam grandes distâncias para professar sua devoção em Costa Marques. Esse impasse chegou aos conhecimentos do Bispo cuiabano e tratou logo de solucionar da seguinte forma:

O senhor Bispo de Cuiabá entrou em contato com o novo administrador apostólico da Prelazia de Guajará-Mirim, Monsenhor Francisco Xavier Rey, tendo por base o ofício enviado pelos membros da Irmandade da localidade de Tarumã. Dom Rey, então orientou a criação dos Estatutos dos festejos do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. Ele nomeou a Comissão para trabalhos de redação, que em 20 de maio de 1934, na

Capela de Nossa Senhora do Carmo, leu o Estatuto elaborado, e Dom Rey decidiu que as festividades seriam realizadas em Rolim de Moura, enquanto não houvesse outra Capela ou Igreja nas demais localidades. (COMISSÃO ORGANIZADORA DO DIVINO, 2002, p. 21).

Desde a criação do Estatuto da Irmandade do Divino em 1934, até os dias de hoje, pouco foi alterado, mas sempre que necessário, realizam reuniões para que possam fazer adaptações, atualizações, para que a festa seja seguida e incorporada a todos.

O Estatuto a que a pesquisadora baseou parte dos relatos neste trabalho, foi fruto de uma reunião em junho de 2003, no qual conta com VI capítulos e um total de quarenta e três artigos que normatizam toda a celebração do Divino no Vale do Guaporé, está subdividido da seguinte forma:

- Capítulo I – Da Denominação, finalidade e sede - conta com cinco artigos;
- Capítulo II – Da Administração da Irmandade – conta com doze artigos;
- Capítulo III – Os Membros e irmãos – conta com três artigos;
- Capítulo IV – A Diretoria local da Irmandade – conta com três artigos;
- Capítulo V – A Festividade e a Romaria do Divino – conta com dezesseis artigos, e
- Capítulo VI – Dispositivos finais – conta com três artigos.

A festa era realizada apenas em Ilha das Flores até 1934, segundo documentos e relatos dos devotos mais antigos, independentemente da ajuda da Igreja, a Irmandade convidava um Padre para celebrar e abençoar os símbolos, mas tudo era decidido somente pelos devotos, sem intervenção eclesiástica. Depois que a Igreja tomou a frente a pedido de alguns membros, a organização passou a ser bem diferente, a Comissão do Divino (2002, p. 22) nos apresenta como essa nova estrutura começou a existir:

A festa se realiza todo ano, nos primeiros estatutos da Irmandade, só podia sediar a Festa a localidade que tivesse Capela, naquele momento, somente Rolim de Moura tinha Igreja, então por muitos anos a celebração ficou por conta dessa localidade. Isso acaba por não respeitar o rodízio que haviam estabelecido no estatuto, outra norma era que o povoado que recebia a romaria, ficaria por quatro anos sem poder receber a coroa novamente. Alguns pesquisadores chegaram a acreditar que a romaria acontecia de quatro em quatro anos, sendo que todo ano era realizada.

Essa independência que se fala da Festa do Divino com a Igreja, é um assunto bem controverso, pois ao conviver com os devotos, ao entrevistar-los a

pesquisadora, obteve várias informações. Alguns devotos mais antigos, assim como Padres, afirmam que sempre houve controle sobre a festa e ainda hoje nada acontece sem a permissão da Igreja.

Em entrevistas com Dom Benedito e com o Padre Viana (atua há mais 15 anos em várias comunidades do Vale do Guaporé) em 2015, ambos fizeram uma pergunta bem interessante a pesquisadora: *A quem recorrestes em primeiro momento para conseguir as pesquisas que precisas?* Nesse instante tudo ficou mais claro, a pesquisadora soube que a Igreja era apenas um alicerce para a realização da Festa do Divino, pois para ter acesso a documentos e conviver com as Irmandades, foi necessária permissão dos representantes das Irmandades.

Os representantes concordam em dizer, que a intervenção da Igreja ajudou muito na reestruturação do festejo, que os devotos passaram a entender o caráter religioso e missionário da festa, mesmo que a festa seja capaz de acontecer sozinha, com o apoio eclesial é sempre melhor na visão dos devotos.

Depois da criação dos Estatutos, houve um avivamento das comunidades que desejavam receber a Coroa do Divino, já que no estatuto constava que deveriam ter Irmandade e/ou Capela para receber a Coroa. As festas passaram a obedecer à seguinte formação:

Em Pedras Negras foi construída a Capela de São Francisco e no dia 23 de maio de 1937, foi realizado o primeiro festejo do Senhor Divino Espírito Santo naquela localidade. De 1937 a 1945 os festejos foram realizados alternadamente em Pedras Negras e Rolim de Moura. Com o surgimento da Capela de São Miguel, na localidade de Limoeiro no rio São Miguel, as festividades foram realizadas também naquela localidade entre os anos de 1945 e 1947. Com a inauguração oficial da Igreja de São Francisco em Pedras Negras, a Coroa retornou para lá. Assim de 1948 a 1953, a romaria obedeceu a um rodízio entre as localidades de Pedras Negras, Rolim de Moura e Limoeiro. Com a inscrição de irmãos bolivianos, no ano de 1953 foi realizado em Versalles na Bolívia e em 05 de junho de 1954 foi realizado o primeiro festejo na Capela de San Jose. Em 1955 foram sorteados os Irmãos da localidade Santo Antônio. No ano de 1956 a festa retornou para Limoeiro. Em 1957 foi realizada novamente em Costa Marques. (COMISSÃO ORGANIZADORA DA IRMANDADE DO DIVINO, 2002, p. 20).

A Festa do Divino se tornou tão grandiosa e importante, que pelo escritos da Comissão, podemos ver que o festejo não se realiza somente em localidades que formam o Vale do Guaporé. Outras cidades também se incorporaram no roteiro da Romaria, como o Município de Rolim de Moura desde o início, Guajará-Mirim e

idades bolivianas. O senhor Dionísio costumava repetir durante a entrevista a seguinte frase: *É o Divino alcançando todos os povos minha filha*.

2.4.1 Romaria fluvial binacional do Divino

Percebemos o orgulho que os membros do Divino sentem dessa tradição, das histórias de suas famílias, se tornou perceptível a mesma emoção ao participar por dois dias do festejo em 2015 em Costa Marques. A pesquisa não se estendeu mais, pois o foco era obter documentos e algumas entrevistas que auxiliassem na escrita deste capítulo de forma sucinta, já que o campo do estudo é a cidade de Guajará-Mirim.

Os registros sobre o Divino elaborados pelas Irmandades do Vale do Guaporé estão arquivados num escritório na cidade de Costa Marques. Os documentos são pequenas declarações, folhetos e hinários feitos no período dos festejos. Mas existem outros registros que estão na mão de devotos que preservam alguma lembrança. Com o acesso a alguns desses documentos, descreveremos este festejo considerado encantador e com uma característica bem interessante, é o único binacional, celebrado entre comunidades brasileiras e bolivianas.

De acordo com o documento do Conselho Geral da Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé (2003), existem 12 “diretorias” no Vale do Guaporé, das quais 7 estão no Brasil e 5 na Bolívia. Do lado do Brasil, as principais são: Surpresa, Costa Marques, Pimenteiras, Pedras Negras, Rolim de Moura e Porto Murtinho e Santo Antônio. E do lado boliviano: Remanso, Versalles, Piso Firme, Cafetal, Nova Brema. Além dessas comunidades, existem as pequenas fazendas e povoados que também recebem a presença da Romaria, que são: Boca do Azul, Porto Acre, Lamego, Buena Vista, Santa Fé, Santa Luzia, Santa Izabel, Ecovale, Pau D’oleo, Porto Federico, Matrinchã, Mateguá, Ilha das Flores, Tarumã, As cruces, Laranjeiras, Santa Cruz, Carlinhos, Fazenda 4 Irmãos e Bela Vista.

Observamos que a Irmandade do Divino em Guajará-Mirim não é considerada nessa lista, o fato apurado com o atual Presidente desta Irmandade o senhor Landulfo, que nos respondeu que sempre foi assim, até hoje lutam para receber a Coroa, mas isso só acontece quando Surpresa é sorteada como sede, aí eles passam primeiro por Guajará-Mirim. Motivo principal que fez a comunidade

guajaramirense iniciar seus festejos e assim alcançar localidades como o Distrito do Iata, Nova Dimensão e áreas de zona rural.

Atualmente a cidade de Costa Marques é considerada a sede que representa todas as diretorias e as Irmandades do Divino no Estado de Rondônia. Esta cidade tem este título, pela presença da Basílica do Divino⁶ (Figura 4). Este título foi concedido pelo Papa Bento XVI em reconhecimento a tradição:

Art. 5º- A Irmandade está formada, pelos irmãos, homens e mulheres devotos do Senhor Divino Espírito Santo. A sua sede matriz é o Santuário do Divino Espírito Santo na cidade de Costa Marques, Rondônia. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003, p. 2)



Figura 4 - - Basílica do Divino em Costa Marques.

Fonte: <http://divinodoguapore.blogspot.com.br/2008/12/igreja-do-divino-ser-declarada-baslica.html>

A Irmandade do Divino no Vale do Guaporé atesta o pedido à Santa Sé, tal acontecimento se justificava por homenagear os corajosos escravizados dos quilombos do

Guaporé, os seus descendentes, bem como a todos os ribeirinhos excluídos, além das Irmandades do Divino, do Brasil e da Bolívia. Pode se assim notar que a essência continua intacta, mas que agora apresenta traços da cultura afro-brasileira, pois foram escravos fugidos do Mato Grosso que a enraizaram no Vale do Guaporé.

⁶Basílica – Igreja de grande porte, privilegiada com relíquias de um ou mais santos, e que possua grande influência sobre determinada região geográfica ou país e seu acentuado caráter espiritual que exerce sobre religiosos e leigos de uma jurisdição eclesiástica. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003, p. 2)

Assim como os indígenas, os remanescentes de quilombos, nossos irmãos bolivianos fazem parte desta festa desde o início, pois fronteiras são territórios de intercâmbios socioculturais. Todos os anos somos visitados pelos bolivianos, mesmo quando alguma cidade deles é sorteada, ainda assim eles prestigiam o festejo em terras brasileiras. Todos esses aspectos tornam a festa ainda mais grandiosa e considerada a única binacional no país.

2.4.2 O Vale festeja o Divino

Neste momento apresentamos as principais fases da celebração do Divino, pois contém algumas diferenças em relação à festa realizada em Guajará-Mirim, para entendermos uma, precisamos entender a outra. Porém, a abordagem será sucinta, pois o foco do festejar do Divino está concentrado na cidade citada acima. Cabe lembrar que toda e qualquer informação sobre a festa foi possível através de documentos elaborados pelas Irmandades e com entrevistas realizadas pela pesquisadora aos devotos do Divino.

Atualmente as Irmandades do Divino Espírito Santo, são formadas por: Assembleia Geral, Conselho Geral e pelas “diretorias locais das Irmandades constituídas” (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé). É presidida pelo Presidente do Conselho Geral, a Assembléia Geral, este é o órgão de autoridade máxima dentro da administração das Irmandades. A função deste órgão é:

- a) Eleger o Conselho Geral do Vale do Guaporé, que deverá ser confirmado pelo Bispo Diocesano de Guajará Mirim.
- b) Admitir Irmãos, a pedido das Irmandades locais.
- c) Decidir os assuntos principais da caminhada da Irmandade.
- d) Examinar e aprovar o balancete do último exercício encerrado.
- e) Confirmar a localidade onde será realizada a festividade anual.
- f) Reformar o presente estatuto, com aprovação da Autoridade Eclesiástica. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003: 3).

A Assembleia Geral tem caráter “legislativo” e é realizada uma vez por ano normalmente no final de cada festejo. Nela se reúnem os representantes de todas as Irmandades, para confirmar a localidade onde será realizada a próxima celebração.

O Conselho Geral fiscaliza o funcionamento das Irmandades e cada presidente tem a obrigação de prestar contas de toda a movimentação financeira.

Durante a Assembleia Geral, o Conselho realiza a avaliação da passagem da Romaria em cada local e a partir destes relatórios, são feitas as recomendações para o próximo festejo, averiguam combustível, trajeto, pessoas que irão junto com o Carité, etc. O sistema de escolha das localidades é mediante “rodízio”, no qual o barco do Divino tem um ponto de partida e de chegada. Os festejos e a levantada do mastro são realizados na última localidade. Na próxima Romaria, o ponto de partida será justamente onde a Coroa terminou o percurso do ano anterior.

2.4.3 Embarcações

O percurso que a embarcação costuma realizar demora 45 dias, onde percorre toda a região do Vale do Guaporé, levando a Coroa do Divino para ser venerada por todas as comunidades que foram sorteadas previamente. A permanência da Coroa em cada comunidade depende da quantidade de moradores, em média cinco dias conforme Seu Dionísio Faustino, outras que menores precisam apenas de um dia para cumprir a programação.

Além do Carité, outras embarcações seguem a Coroa, algumas como integrantes da romaria, outras embarcações levam os devotos, e tem aquelas com curiosos, profissionais que registram o festejo. É um cenário encantador e cheio de momentos de fé e devoção por onde as embarcações passam.



Figura 5 - Carité e outras embarcações no percurso da Romaria pelo rio Guaporé.
Fonte: PALITOT, Aleks, 2015

A Romaria é composta das seguintes embarcações: barco motorizado (“Mestre Tiago”), uma chata (que consiste em uma pequena balsa) batizada como- “Dalila”, o Batelão e a tripulação. Durante o ano, todos os barcos (exceto a Carité) ficam ancorados no porto da cidade de Costa Marques (cidade responsável por toda a manutenção).

O “Mestre Tiago” é um barco com motor de alta potência que transporta as outras embarcações (anexadas) e é nele que está o gerador de energia. O “Mestre Tiago” é todo pintado de vermelho, azul e branco, cores do Divino. O barco tem um pequeno alojamento e nele ficam hospedados: o comandante do barco, zelador, Alferes da bandeira, imperador, encarregado da Coroa e motorista.

A “Dalila” é uma pequena balsa. Ela serve de alojamento, devido ao grande espaço, ainda comporta a cozinha e banheiro. Existe um porão que serve de depósito para suprimentos. Ela estava pintada de vermelho, azul e branco.

Pelas informações obtidas do Seu Dionísio Faustino, esses nomes dados a estas embarcações são homenagens a membros antigos, pessoas compromissadas com a devoção ao Divino e os primeiros a conduzirem esses meios de transportes no caso do Mestre Tiago.

O “batelão” ou “carité”, que para eles quer dizer Igreja; é onde os símbolos do Divino permanecem durante a viagem. É nesta pequena igreja fluvial, que a coroa é entregue às comunidades. No carité, há dois baús que servem para guardar a coroa e o dinheiro, fruto das esmolas oferecidas pelos devotos. O batelão é um pequeno barco decorado de vermelho e azul, com uma pequena cobertura feita de palha de broto. Este telhado é chamado de penteado, técnica usada no entrelaçado das palhas. Durante os 45 dias, o teto é trocado duas vezes devido ao desgaste das mudanças climáticas.

2.4.4 Membros da Romaria

A base da Romaria são os **12 Remeiros**. “Remeiros (nome dado pela função de remadores): São promesseiros ou foram sorteados no ano anterior (Figura 6); a

eles cabe a função de impulsionar o barco com remadas cadenciadas, usam lenços brancos amarrados na cabeça” (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2001: 4). São eles que também guardam os símbolos do Divino e cantam em todas as novenas durante a romaria. Os remeiros são pessoas que desejam por diversos motivos participar dos festejos, de acordo com seu Dionísio Faustino, eles são agricultores, pescadores, pequenos empresários e estão divididos entre bolivianos e brasileiros, eles simbolizam os doze apóstolos de Jesus, que levam a palavra de Deus, fé e esperança aos povos.



Figura 6 - Remeiros do Divino no Vale do Guaporé.
Fonte; BONFIM, Marcela, 2015.

O **encarregado da Coroa** é o responsável por guardar os símbolos do Divino durante toda a viagem. Além de guardar, ele precisa conferir e administrar todo o dinheiro das esmolas que o Santo recebe, faz a vez de tesoureiro também, além de zelar pelo bom andamento da Romaria:

Compete à direção imediata da Romaria promover a fiscalização e do bom [sic], andamento, publicar as ordens vindas do Presidente e do Coordenador local, Imperador e Imperatriz, fazendo executar e respeitar conforme o Estatuto: O ENCARREGADO DA COROA DEVE ACOMPANHAR A COROA; (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2003).

O **encarregado do Batelão** é a pessoa que cuida do “Carité”, com a manutenção necessária.

Encarregado do Batelão: É um agente de ligação entre o encarregado da Coroa, Alferes da bandeira, e os demais membros da Romaria. Deve comunicar à diretoria da Localidade aonde chegar às ocorrências dos trabalhos, comunicando a hora da chegada e saída de cada localidade, sendo ele responsável de comunicar as ordens recebidas pela diretoria, o encarregado do batelão (carité) deve estar sempre no batelão. Cap. V, art. 37 (DIRETORIA DA IRMANDADE DO SENHOR DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2003)

O **mestre dos foliões** (figura 7) coordena e ensaia as crianças para os cantos. Esta pessoa precisa ser violonista, para conduzir os foliões que tocam e citam os versos a serem cantados. O mestre deve manter a integridade física das crianças e a qualidade das canções, já que as comunidades sempre esperam perfeição.

Os **foliões** são pequenos cantores na faixa etária de 8 a 16 anos. Normalmente no barco vão de 08 a dez crianças, que se revezam durante toda a caminhada. Estes pequenos acabam por faltarem à escola por vários dias, mas como dizem os devotos *“eles são nossos querubins, sem eles a romaria não seria a mesma”*. Na figura 7, notamos os foliões de pé, nem sempre vestidos a caráter, afinal de contas, são 45 dias de romaria.



Figura 7 - Mestre e Foliões do Divino em Romaria pelo rio Guaporé.
Fonte: BONFIM, Marcela, 2015.

O **salveiro / artilheiro ou ronqueiro** (Figura 8) tem uma das funções mais delicadas da viagem: soltar os tiros de ronqueira⁷. Ele sempre está posicionado na proa da Carité e quando a Coroa está em terra acompanha o Santo com tiro de

fogos de artifício. Durante as noites de novena, o salveiro também está presente para anunciar o início e o fim das orações dos remeiros. Ele trabalha na manipulação de grande quantidade de explosivos.

A ele compete, através do disparo da ronqueira:

- Anunciar a alvorada às 04:00h da manhã;
- No momento do “Anjo do Senhor” às 06h – 12h e 18h;
- Chegada e saída do Batelão da Coroa em cada localidade;
- Durante a vigília;
- Começo da novena e meia noite.

O estrondo causado pela ronqueira é o sinal que o Divino Espírito Santo aceitou a festa e desceu para abençoar a todos, segundo a devoção dos fiéis.



Figura 8 - Salveiro na Romaria do Divino pelo rio Guaporé.
Fonte: BONFIM, Marcela, 2015.

Os dois **mensageiros** (Figura 9) trabalham na limpeza das embarcações. Durante a caminhada não sobra tempo para a tripulação cuidar da chata, então os mensageiros fazem essa importante tarefa para o bem estar da romaria. Também carregam outra função, quando estão em terra saem na frente da romaria, perguntando nas residências não identificadas, se desejam receber o Divino. Costumam estar com vestimentas devidamente identificadas (colete e bandana) e uma bandeirinha específica, com a qual sinalizam para a romaria se querem ou não receber a visita.

⁷ Ronqueira: “Instrumento de som e alarme (pequeno canhão) de alerta para breves acontecimentos comemorativos, chegada e saída do carité e nas celebrações”. (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011)



Figura 9 - Mensageiro do Divino.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2015.

O **Alferes da bandeira** (Figura 10) é a pessoa que cuida do transporte do mastro em que está a bandeira do Divino. Esta bandeira faz parte dos símbolos que acompanham a Coroa nas venerações.



Figura 10 - Alferes da Bandeira pela Romaria do Divino no Vale do Guaporé.
Fonte: PALITOT, Aleks, 2013.

E por fim existe o *professor*, para atender as crianças que ficam longo tempo fora da sala de aula, pois são 45 dias de romaria em pleno período escolar, fora os dias que antecedem a festa, seriam prejudiciais se esses pequenos foliões não tivessem essa ajuda de um profissional que também se dispõe a seguir com a romaria. Essa tradição é realizada apenas na romaria do Vale do Guaporé.

Dentro dos barcos, existe hierarquia e obediência, portanto, cada pessoa tem sua obrigação e ninguém pode fazer algo que não seja de sua competência. Nesta ordem hierárquica, o “Alferes da bandeira” é considerado a autoridade máxima. Abaixo dele está o encarregado da Coroa e o encarregado do Batelão.

Todos os demais estão sujeitos às ordens dessas pessoas. Se alguém tiver uma queixa, tem de se dirigir aos superiores. Finalizamos esta seção com a fala do Senhor Saturnino Ribeiro em entrevista realizada em maio de 2015, que diz:

O barco do Divino é como um quartel, se você tiver oportunidade de ir à caserna, você vai ver que há ordem pra tudo. Assim também acontece durante a caminhada. Pois cada um deve estar na sua obrigação, para que tudo possa dar certo.

2.4.5 Membros da comunidade

A equipe do Divino não se resume somente à tripulação que navega o rio, nas comunidades existem pessoas que são de fundamental importância para um excelente andamento quanto a celebração de toda o festejo. Cada localidade tem seus líderes, que trabalham junto com a comunidade na organização da festa, durante todo o período da celebração ao Santo Divino. De acordo com o estatuto do Divino, a diretoria local é formada por:

Art: 23º- A DIRETORIA LOCAL da Irmandade deve ser formada, pelo menos por um presidente, um vice presidente, um secretário, um tesoureiro e um coordenador; que são eleitos por três anos, por maioria simples em assembleia local da Irmandade, e podendo ser reeleitos. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003).

O estatuto afirma que a cada diretoria deve zelar pelo bom funcionamento da administração da Irmandade e procurar manter a união de todos a serviço do Senhor Divino Espírito Santo. A diretoria deve promover o suporte necessário para a visita do Santo em cada localidade:

i) Preparar com dedicação a Visita Anual da Romaria do Divino na localidade, a fim de que tenha o melhor proveito possível para a fé e a vida espiritual dos habitantes da localidade. (Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, 2003).

Quando a Romaria está em terra, conforme a localidade, cada Diretoria tem a responsabilidade de organizar todos os trajetos, horários, buscar manter o mais fiel possível o cronograma estipulado anteriormente, e toda a tripulação do barco fica na inteira dependência dos líderes locais. Na comunidade existem três figuras essenciais na composição das diretorias:

Imperador e Imperatriz: é legitimamente sorteado e merecem inteira obediência por parte de todos os membros das Irmandades do Sr. Divino Espírito Santo, a eles compete estarem presentes: na recepção do Batelão que conduz os símbolos, cortejos (posição) nas celebrações, [sic] cortejos as visitas nas residências dos irmãos e devotos, sempre presentes onde estiverem os símbolos do Senhor Divino Espírito Santo.

Os Mordomos: São legitimamente sorteados, eles são os agentes de ligação do Imperador, Imperatriz e Diretoria, são os recepcionistas, são pessoas a quem são confiadas a Missão de guiar a Romaria (cortejo) das visitas nas residências dos irmãos e devotos do Sr. Divino Espírito Santo, eles quem indicam as residências que devem ser visitadas diariamente, horário de início e encerramento. (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, 2011. **Grifo nosso**). (Figura 11).



Figura 11 - Imperador, Imperatriz, Alferes da Bandeira e Mordomos, em visita a Guajará-Mirim.
Fonte: MENDES, Ivão, 2009.

No momento em que o Santo Divino chega a uma localidade, o Imperador é o primeiro a venerar e conduzir a Coroa para a igreja, juntamente com a Imperatriz. Esses personagens são autoridades importantes que tem voz de comando durante a permanência do Santo na localidade. Já o Mordomo, fica responsável por guiar a procissão para as casas que estão previamente selecionadas. Muitas diretorias dividem os domicílios por bairros, fica mais confortável para todos da romaria, cada dia a procissão é guiada para um grupo de residências.

É uma verdadeira mudança na rotina das famílias devotas e daqueles que de alguma forma querem fazer parte do festejo. As residências se engalanam para receber a Coroa, pelo pouco tempo que a pesquisadora se encontrou em Costa Marques, pode notar como ficam ansiosos e felizes, em preparar as decorações, nas quais predominam o vermelho, as comidas (galinha picante, peixes assados, sucos naturais, entre outras) que serão servidas a romaria, os estabelecimentos comerciais também aderem a simbologia da festa.

2.4.6 Se iniciam os trabalhos

Antes de qualquer preparo para a festa, os membros da comunidade eleita para iniciar a caminhada do Divino realiza o curso de preparação (Catequese). Existe uma preocupação muito grande dos devotos em preparar o espírito para que o corpo possa aguentar todo o festejo. Nas palavras do senhor Dionísio Faustino (entrevista realizada em maio de 2015 – Costa Marques):

Essa Catequese é importante para todos nós, nos ajuda a reviver a luta dos nossos antepassados para viver este festejo, ajuda a unirmos, aprendermos a colaborar, a cuidar um do outro. São momentos de oração, pedidos e agradecimentos por fazermos parte da festa. Alguns entram sem entender como o Divino funciona, na catequese todos aprendem o real significado. É fundamental fortalecer o espírito para que a carne não fraqueje.

Observamos essa importância da catequese estipulada nos Estatutos do Divino:

Art 35º- Todos os membros da Romaria deverão participar de vários dias de catequese e preparação antes da saída do Batelão do Divino. (Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé: Estatuto Geral da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, 2003)

Logo após os dias da catequese, que normalmente duram oito dias, começam os primeiros passos para o início das festividades, nos quais são distribuídas as vestimentas que os membros irão usar. Essas vestimentas (Figura 12) são previamente selecionadas pelas diretorias, escolhem as cores, que se reveza em branco, vermelho e azul. São camisetas, coletes, bandanas e bandeirinhas com a identificação das siglas D.E.S. (Divino Espírito Santo) bordadas ou pintadas.



Figura 12 – Vestimentas preparadas para a Festa do Divino.
Fonte: PEREZ, Anete, 2015.

Depois de todos prontos e devidamente identificados, os membros se deslocam para a Igreja destinada para celebração do Divino. Durante a “missa do envio”, como os devotos chamam, recebe as bençãos necessárias pelo padre

responsável e pela comunidade para dar início a romaria. A missa pelo cronograma deve começar às 08h do domingo de ressurreição de Cristo.

Após a saída, o batelão vai se dirigir para a comunidade que foi sorteada previamente. Cada refeição é destinada a uma família, que se oferecem para participar, não precisa ser membro ativo da comunidade, basta que haja o desejo de colaborar. A maioria são promesseiros com a intenção de pedir ou agradecer alguma graça alcançada.

Em cada saída e chegada da romaria, existem verdadeiros momentos de fé e devoção e muita festa, tudo misturado, seu Dionísio os descreve como “*momentos de felicidades por receberem as bênçãos do Divino*”. Existe uma cerimônia do Carité antes de atracar no porto, ele dá pelo menos duas voltas às margens do rio para anunciar a chegada da Coroa na localidade esperada.

Um dos momentos mais aguardados pelos fiéis é o coral dos foliões, crianças com uma voz que se ouve a uma boa distância de tão aguda que são. Seu Dionísio menciona na entrevista:

São nossos anjinhos, são preparados com muito amor para essa jornada, nada de bebidas muito quentes ou frias, não podem sair ao sereno antes de iniciar a romaria. Escolhemos os mais dedicados e comprometidos com os preparativos da festa. Às vezes sentimos dó dos que estão saindo da idade, porque eles também ficam tristes, mas o Divino sempre nos manda outros foliões para completar nossa romaria.

Com esse som empreendido pelos pequenos foliões que os símbolos do Divino fazem sua chegada, onde são aguardados para serem venerados. A veneração (Figura 13) na chegada a qualquer localidade é realizada por uma hierarquia: primeiramente pelos Líderes da Irmandade e pelo Imperador e Imperatriz. Na veneração, o devoto anda de joelhos e beija os três símbolos do Divino nesta respectiva ordem: **a bandeira, o Cetro e a Coroa**. Logo após, são feitas as ofertas, que são depositadas pelo devoto na *salvia* (bandeja de prata) por entre o emaranhado de fitas que cobrem a coroa.

Em cada residência em que o Divino vá pernoitar, a família acolhe com um jantar, acomodações para os membros e deve passar a noite em vigília e rezando a novena. Porém, são momentos de convivência e aprendizado para todos os envolvidos, nos quais sempre tem as pausas para o lanche e hora de “botar” conversa fora como costumam dizer os devotos.



Figura 13 - Momento de veneração ao Divino através dos símbolos.
Fonte: PEREZ, Anete, 2015.

Uma característica da tripulação do Carité é que somente homens a compõem, não é permitida a entrada de mulheres, nem mesmo da Imperatriz eleita pela comunidade sede do festejo dentro do barco, a Imperatriz é tripulante em outra embarcação. Esse aspecto abordado com mais detalhes no capítulo IV.

Outros pontos observados pela pesquisadora, é que o membro da romaria não pode participar de festas paralelas, principalmente que fujam da temática do Divino. Os remeiros e demais integrantes solteiros, não é consentido qualquer ato de relacionamentos amorosos e sexuais. Assim como é rigoroso o vestir, sempre de calças e com o “uniforme” que os identifique como membros da romaria. Essas regras não constam detalhadamente no Estatuto das Irmandades, mas se tornaram costumeiras em prol do bom desenvolvimento do festejo.

Sob regras, mandamentos e muita fé que a Romaria do Divino sobrevive até os dias atuais nas localidades do Guaporé e Bolívia, onde visita a todos que estão no roteiro elaborado pela Irmandade Geral em Costa Marques, são pequenos vilarejos, aldeias indígenas e comunidades bolivianas. As quais vivenciam sua devoção ao Divino Espírito Santo de Deus.

CAPÍTULO III
Celebração do Divino em Guajará-Mirim

Figura 14 – Império do Divino no Altar da Igreja do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, abril de 20016.



3.1 Guajará-Mirim a “Pérola do Mamoré”

O temor de Deus abre nosso coração e nos faz tomar consciência de que tudo vem de sua graça. A nossa verdadeira força está unicamente em seguir o Senhor Jesus e deixar que o Pai derrame sobre nós a sua bondade e a sua misericórdia. (Cânticos ao Divino)

O Município a que esta pesquisa enfatiza para o estudo da Festa do Divino, tem passado por boas e más épocas ao longo de sua existência, mas que apresenta uma rica história regada de influências dos povos indígenas e negros, primeiros

habitantes desta região, além de bolivianos e nordestinos entre outros que ajudaram a povoar esta região.

Guajará-Mirim (mapa 1) está localizado a aproximadamente 332 quilômetros de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, na latitude: 10°46'49" e longitude: 65°20'22, limita-se: ao Norte com os municípios de Nova Mamoré e Campo Novo de Rondônia; ao Sul com Costa Marques e República da Bolívia; a Oeste com a República da Bolívia e a Leste com os municípios de São Miguel do Guaporé e Governador Jorge Teixeira, altitude média de 195 metros acima do nível do mar, a rodovia 425 que liga a capital a Guajará-Mirim é margeada pelo rio Mamoré e próximo à EFMM. (GOMES, 2012).

O nome Guajará-Mirim é de origem indígena que significa Cachoeira (Guajará) Pequena (Mirim), assim já era conhecido o local desde o século XVIII, como um dos pontos de referência geográfica na rota Belém do Pará à Vila Bela da Santíssima Trindade em Mato Grosso. No início do século XX tornou-se mais conhecido ao ser o local escolhido para a Estação terminal da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (concluída em 30 de abril de 1912 e inaugurada oficialmente em 01 de agosto deste mesmo ano). (TEIXEIRA; FONSECA, 2003).

É uma cidade de fronteira, separada geograficamente pelo rio Mamoré da cidade “gêmea” Guayaramerín/Bolívia (NAVARRO, 2005. p. 5). Como a história apresenta, esta cidade foi escolhida como rota final para o escoamento do látex, atividade principal dos seringueiros no início do século XX. Porém, os planos não ocorreram como esperado pelos grandes empreendedores da borracha. Diversos fatores como, doenças, altos custos para construção e manutenção da EFMM, e sobre tudo com o comércio asiático prosperando na produção do látex com preços mais baixos. (GOMES, 2012).

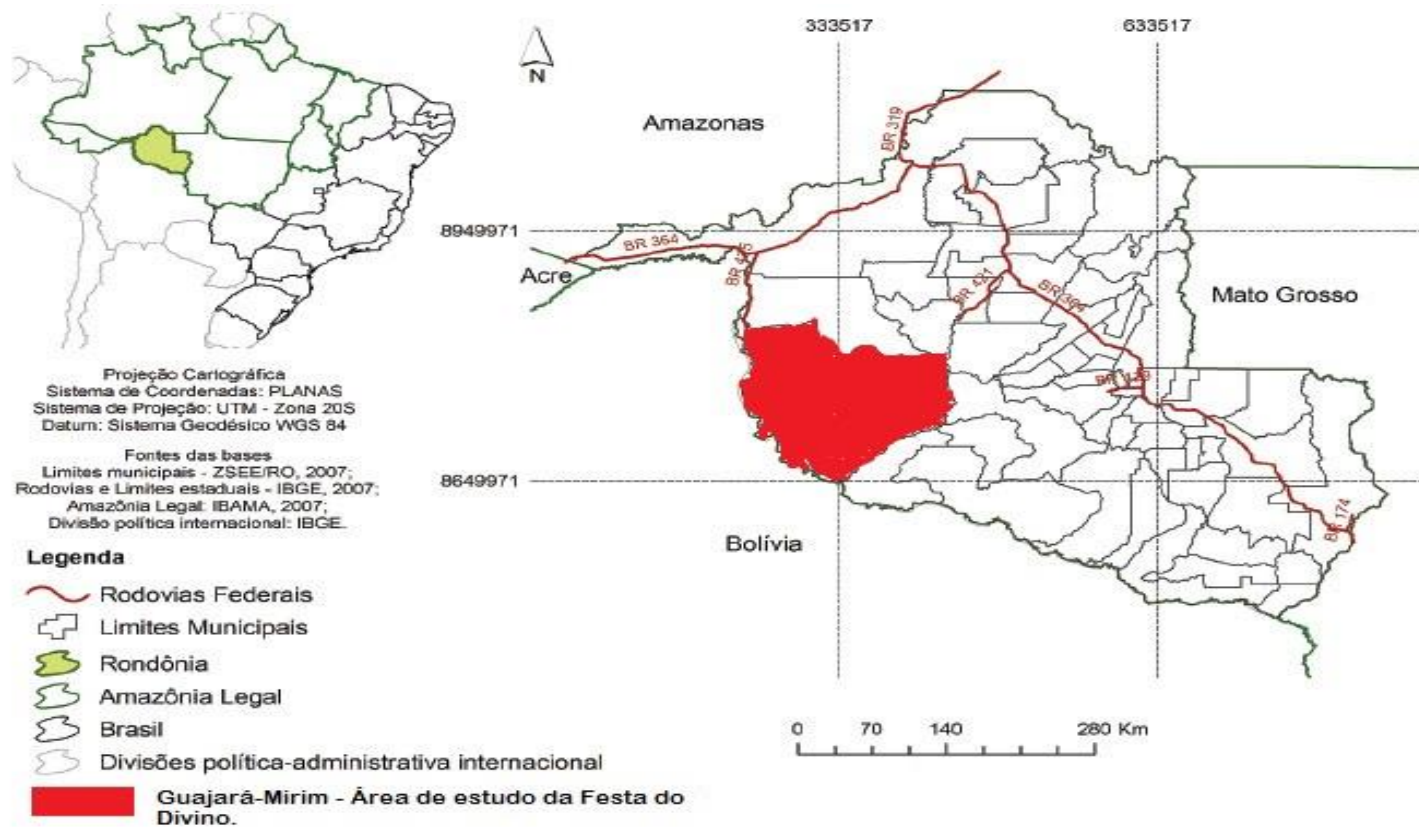
Com a queda do comércio do látex na região, provocou o encerramento das atividades da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em 1972 (GOMES, 2012), depois de duas tentativas do ciclo da borracha, o rio deixou de ser o principal meio de transporte para Guajará-Mirim, o aeroporto local também foi fechado, e veio a deixar o município apenas com uma via de acesso a BR 425, essa rodovia era um sério problema para os guajaramirenses até pouco tempo, pois a locomoção era prejudicada pelas péssimas condições em que se encontrava.

Mesmo com todo o incentivo do governo federal em desenvolver a região norte, Guajará-Mirim contava com uma grande desvantagem, pois se localizava fora

do eixo da BR 364, aonde todos os incentivos chegaram e prosperaram. Sabe-se que com desenvolvimento, vêm juntos os prejuízos deste, o governo para compensar os avanços tecnológicos, industriais e agropecuários lançou programas de incentivo (preservação de áreas verdes, tornando-as reservas indígenas, ambientais, entre outras) para compensar povos indígenas e quilombos afetados na região do Estado de Rondônia.

O governo federal então criou segundo Harrison (2009) reservas e parques de para proteção ambiental dos povos, mas ao fazer essa “compensatória” o governo demarcou o que seriam terras que compõe o Município de Guajará-Mirim, o que deixa pouco mais de 3,55% do território para os setores agrícolas e agropecuários. Enquanto outras regiões ao longo da rodovia 364 acompanhavam o progresso, Guajará-Mirim permanecia estagnado, sem perspectiva de um futuro promissor.

O município de Guajará-Mirim possui uma hoje área de 24.856 Km², sendo o segundo maior do Estado de Rondônia, fica atrás apenas da capital Porto Velho. Conta com uma população estimada em 2014 de 46. 203 habitantes, o que o torna, o oitavo município mais populoso do estado, 86% da população estão na zona urbana e 14% na zona rural. (IBGE, 2014).



Atualmente 96,45% de seu território são constituídos por áreas protegidas, destinadas às Reservas Indígenas, Reservas Extrativistas, Reservas Biológicas, Parques Estaduais e Parques Nacionais, devido à grande área florestal. (SEDAM, 2016). Em maio de 2009, na cidade do Rio de Janeiro, Guajará-Mirim recebeu o título de "Cidade Verde", outorgado pelo Instituto Ambiental Biosfera, em razão de seu mosaico de áreas protegidas, que fazem da cidade, um dos maiores municípios brasileiros em termos de áreas preservadas. Outras 29 cidades brasileiras também receberam o prestigiado prêmio. (VERDIE, 1990, p. 5).

O governo federal visando alavancar o desenvolvimento nesta cidade, novamente promoveu um novo ciclo econômico na década de 1990, baseado na criação da Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim, que funcionaria basicamente, com a isenção e incentivos fiscais para importação e exportação de mercadorias. Com esta tentativa, a economia voltou a crescer. (GOMES, 2012).

O apogeu desta época foi o ano de 1995, quando o município atingiu o ápice nos negócios e o número de visitantes surpreendeu os lojistas e o comércio estrangeiro pelo turismo elevado. No entanto, segundo Chamma (1996, p. 53):

Os anos seguintes não conseguiram apresentar o desempenho ocorrido em 1995, reduzindo drasticamente as vendas, lojas fechando e diminuindo sensivelmente o número de visitantes. (...) O moderno shopping em construção na entrada da cidade, paralisou suas obras e não mais retornou. Era o declínio vertiginoso do antigo sonho de prosperidade econômica dos guajaramirenses, que recebeu seu golpe mortal com a desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar, aumentando o preço dos importados e inviabilizando o crescimento dos negócios na ALCGM.

Depois desse episódio a cidade não mais se estabilizou e atualmente pode-se dizer que Guajará-Mirim sobrevive mediante o funcionalismo público, pois, nos diferentes períodos citados, houve a necessidade de estabelecimento e criação de órgãos públicos para facilitar os trâmites burocráticos da ALCGM e fiscalização por parte dos governos estaduais e federais. Por ser parte de região fronteira, a cidade ainda consegue atrair turistas para visitação e compra de "bugigangas" no lado boliviano, o que movimenta um pouco o comércio local.

Esta é um pouco da história do município escolhido para o estudo da Festa do Divino, uma das manifestações culturais/religiosas da cidade, entre outras temos, os festivais de praia, Boi Bumbá (Duelo na Fronteira), Bingão da Família organizado pelo Encontro de Casais com Cristo (ECC), o tradicional Baile do Hawai, Festa de

Nossa Senhora Aparecida, entre outros, que de certa forma movimentam a sociedade local.

Depois desse processo histórico do festejo em território rondoniense há mais de um século, o presente capítulo demonstrará uma relevante recriação espacial da festa para o município de Guajará-Mirim.

3.2 O Divino faz a festa na Pérola do Mamoré

A Festa do Divino Espírito Santo como é denominada em Guajará-Mirim acontece segundo depoimentos dos entrevistados, desde a década de 1960, promovida por três Irmandades, na qual a entidade “máxima” é a que os devotos consideram como Irmandade Geral do Divino Espírito Santo, atualmente presidida pelo Senhor Landulfo dos Santos, e foi criada pelos devotos com a ajuda da Igreja Católica da localidade.

A Celebração do Divino em Guajará-Mirim se confunde com a Romaria realizada no Vale do Guaporé, para pessoas que acompanham o festejo por meios de comunicação, por exemplo, pensam que todos os anos a Coroa visita o município em questão. Mas, na verdade não é exatamente isso que acontece. Desde 2009 que a Romaria do Divino não vem para terras guajaramirenses. Foi apurado com a secretária da Irmandade em Guajará-Mirim Anete Perez, que essa visita não acontece por questões burocráticas ou falta de aviso da Irmandade Geral do Vale do Guaporé para com a comunidade daqui, sobre as reuniões que define o roteiro.

Questões como a citada acima, aconteceram em anos anteriores, poucas vezes a Coroa visitou Guajará-Mirim, causa que gerava desconsolo para os devotos que não podiam se deslocar grandes distâncias para venerar o Santo de sua devoção. Os fiéis que mais sentiam a falta da celebração são pessoas que já viveram em localidades do Vale do Guaporé, filhos e netos de quem ainda vivem lá.

A maioria dos devotos remanescentes quilombolas de Pedras Negras e Santo Antônio que vieram para a cidade de Guajará-Mirim, em meados do século XX, trouxeram consigo costumes, espiritualidade, sua religiosidade. Trouxeram também a festa religiosa mais antiga do Estado que é a festa do Divino Espírito Santo, que completou em Guajará-Mirim sua 49ª edição, pela Irmandade da Ilha Saldanha, 38ª pela Irmandade Geral do Divino e 33ª pela Irmandade no Bairro Santa Luzia.

Conforme as pesquisas eram realizadas na Irmandade Geral do Divino Espírito Santo, nortearam a existência de mais duas Irmandades na cidade. **Ilha Saldanha** – considerada a primeira manifestação segundo depoimentos dos entrevistados e outra realizada no **Bairro Santa Luzia** – a terceira a ser criada, por uma promessa vinda de Limoeiro, a Sra. Eduarda Calazans.

Conforme Joana Darc Dias de Souza em entrevista em fevereiro de 2014:

Em 1964 foi realizada a primeira festa do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim, pela coordenação da promessa, Eliséia Leguisamon Monteiro, parecida a festa do Divino do Vale do Guaporé, pois esta era integrante da Irmandade Geral do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé e sentia falta do seu santo Divino desde que veio morar aqui em Guajará-Mirim. Foi uma celebração simples, nada comparado aos festejos do Vale, foi assim: arrumou a casa dela com as cores do Divino, arrumou uma bandeira bem bonita e chamou alguns amigos para fazer uma celebração com cantos e rezas e uma festa bem grande.

Esta foi à primeira informação que obtivemos sobre a festa em Guajará-Mirim ao procurar Dona Joana (Figura 15), como é conhecida na comunidade, de acordo com os relatos da mesma, foi uma celebração simples, realizada na própria residência. Somente em 1966 que houve a festa com a incorporação dos principais símbolos da festa (Coroa, o cetro e a bandeira), pois os mesmos foram confeccionados e cada vez mais a festa ganhava contornos parecidos aos que estes devotos vivenciavam no Vale do Guaporé.



Figura 15 - Dona Joana Darc Matriarca da Irmandade Ilha Saldanha atualmente.
Fonte: TEIXEIRA, João, 2015.

Ao analisarmos a entrevista realizada em fevereiro de 2014 para compor o projeto de mestrado, notamos que a Irmandade da Ilha Saldanha fica situada na avenida Princesa Isabel esquina com avenida Presidente Dutra, bairro Triângulo, foi fruto da devoção de uma promesseira, que não conseguia participar todos os anos da Romaria do Divino no Vale do Guaporé, e devido aos desgastes de deslocamento, resolveu professar sua devoção e trazer para Guajará-Mirim seu amado Santo, palavras de Dona Joana.

Conforme nos conta D. Joana *“não era feita romaria não, apenas a celebração conforme se fazia no Vale do Guaporé e tradicional festa de abertura e encerramento, de forma bem festiva, como é feita até hoje.”*

Com os anos a festa se tornou bem conhecida e a população passou a conhecer do que se tratava a Festa do Divino Espírito Santo, pois nem todos conheciam, ou até mesmo sabiam o que significava. Atualmente as celebrações são realizadas na residência de Dona Joana Darc, pelo espaço que a mesma possui. Foi construído um tipo capela no quintal da casa, onde os devotos fazem as novenas, celebrações e tradicionais bailes, regados de muita música, comidas e bebidas.

Apuramos que essas festas não são bem vistas pela Igreja local, pois dizem que foge do real significado, da mensagem que o Divino deseja transmitir para a população. Mas, que nada podem fazer quanto aos costumes destes promesseiros. Na (Figura 16) vemos a residência de D. Joana e atual sede da Irmandade Ilha Saldanha.



Figura 16 - Atual Sede da Irmandade Ilha Saldanha.
Fonte: SOARES, Meridiana, 2015.

Esta foi à primeira manifestação do Festejo do Divino no município, essa Irmandade está hoje consolidada e é respeitada pela Irmandade Geral do Divino na cidade, apesar de muitos devotos não aprovarem, pois dizem que é mais voltada para festas profanas, do que para um lugar de veneração ao Santo.

Os fiéis que integram a Irmandade Ilha Saldanha dizem que sua devoção é verdadeira. Gil Filho (2008, p. 90) afirma que toda manifestação é verdadeira na perspectiva de que é a verdade para seus adeptos. Não podemos dizer que a celebração dessa comunidade é “menos” verdadeira, somente porque foge dos “padrões” que outros devotos estão acostumados a professar.

Existe ainda outra manifestação ao Divino de considerável importância para a comunidade guajaramirense, pois com os anos adquiriu proporções significativas e muitos devotos procuram participar e colaborar com a mesma. Falamos aqui da Festa realizada na residência de Dona Eduarda Calazans, que inicia no sábado anterior ao domingo de Pentecostes. São seguidos os principais rituais da festa tradicional, como a novena para fortalecer o espírito e logo começa a festa.

A Sra. Eduarda Calazans nos contou como começou a organizar sua festa ao Divino, entrevista realizada em abril de 2014:

Sou filha do Guaporé. Nossa festa tem origem nos festejos do Vale do Guaporé. Quando me mudei para Guajará em 1973 e comecei a realizar esta festa em 1993. Sentia muito a falta da festa, dos momentos de reza, conversas e amigos no pernoite de veneração ao meu Santo, então comecei meus festejos. Mas, o motivo maior foi uma graça que recebi do Divino Espírito Santo, meu filho que está homem feito caiu quando criança e quebrou duas costelas, sem condições de sair da cidade para que fosse realizada uma cirurgia, um médico por nome Paschoal me pediu que entregasse meu filho ao Divino e Ele através do médico salvou meu menino. A partir desse milagre, muitos devotos passaram a participar da festa que faço como promessa.

As Irmandades não são oficiais na visão da Igreja, elas estão sob a responsabilidade da Irmandade Geral. Mas, também são muito respeitadas e visitadas por todos os devotos. Parece com a história da D. Isabel de Portugal, quanto à realização do festejo. Ambas as festas realizadas pela Ilha Saldanha e Santa Luzia, não realizam romaria, apenas alguns rituais dentro do espaço destinados para tais ações, mas conseguem atrair dezenas de devotos e visitantes durante o período da manifestação.

Ambas as manifestações citadas acima, contam com diversos elementos da festa celebrada no Vale do Guaporé: a bailarina, o bailarino, eles tem um bar, o salão no qual utilizam para as danças, a cozinha onde preparam os alimentos para todos os devotos e membros do Divino. E mesmo que de forma mais singela, eles contam com o seu próprio Império do Divino: Imperador, Imperatriz, Alferes, Capitão do Mastro, Foliões e Caixeiro.

Na chegada dos símbolos no salão de festa (Figura 17 e 18), é iniciado o ritual de veneração ao Divino e logo depois de todos terem professado sua devoção, o baile acontece durante a noite toda, até o dia amanhecer, onde a bebida e a comida têm em fartura para todos os presentes.

Essas Irmandades estão sujeitas as normas da Irmandade Geral do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim, elas não tem Romaria própria e nem os principais símbolos, apenas realizam grandes festas como forma de agradecimento por graças alcançadas e por costumes de seus antepassados. E acolhem a romaria nos dias escolhidos conforme roteiro previamente elaborado.



Figura 17 - Chegada dos Símbolos na residência de D. Fernanda Calazans (Irmandade Santa Luzia).
Fonte: PEREZ, Anete, 2016.



Figura 18 - Baile logo após a veneração dos símbolos do Divino.
Fonte: ARGOBE, Ariel, 2015.

3.3 Irmandade Geral do Divino Espírito Santo

Como já fora mencionado, Guajará-Mirim fez sua própria (re)criação da Festa do Divino, semelhante a que ocorre no Vale do Guaporé. Pergunta-se se é uma festa diferente, independente, a resposta é sim, em alguns aspectos. A cidade é uma das sedes da Diocese da Igreja Católica em Rondônia, por esse motivo, parte da população é muito devota aos festejos realizados na região, além de contar com habitantes descendentes dos quilombos.

Faz parte dos destinos por onde a Coroa do Divino costuma visitar, mas com pouquíssima frequência. Durante todos os anos de realização do festejo, poucas vezes este município foi agraciado com a visita do Divino. Fatores levantados com os membros nos levam a ressaltar que Guajará-Mirim está fora da rota que a romaria costuma realizar mediante via fluvial, o que acarretaria em desgastes dos mesmos e altos custos para cumprir esse trajeto.

Outro fator que contribui é que a Irmandade Geral no Vale do Guaporé costuma salientar a desorganização da Irmandade de Guajará-Mirim em participar das reuniões gerais, o que dificulta a presença da cidade nos itinerários. O acordado em assembleia geral em Costa Marques seria que quando Surpresa distrito de Guajará-Mirim fosse sorteada para sediar o roteiro, a visita a Guajará-Mirim aconteceria, mas tem sido bem difícil Surpresa ser sorteada. Como podemos ver na

Figura 19 – que nos mostra a programação de 2015. Surpresa consta nesse roteiro, recebe a visita da Coroa, mas Guajará-Mirim não entra no roteiro.

Programação da 121ª Romaria do Senhor Divino Espírito Santo
No vale do Guaporé no Ano de 2015
Período de Catequese 30 / 03 a 03 / 04
Saída de Porto Rolim 05 / 04 / 2015

Localidades	Chegada	Horas	Permanência	Saída	Horas
Surpresa	7/4	09:00	7,8,9/4	9/4	15:00
Sagarana	9/4	17:00	9,10/4	10/4	09:00
Baia da Coca	10/04	10:00	10,11/4	11/4	09:00
Ricardo Franco	11/4	16:00	11,12/4	12/4	09:00
Baia das Onças	12/4	16:00	12,13/4	13/4	09:00
Porto Acre	13/4	16:00	13,14/4	14/4	09:00
Forte Príncipe	14/4	11:00	14, 15,16/4	16/4	08:00
Lamego	16/4	11:00	16/4	16/4	13:30
Nueva Brema	16/4	16:00	16,17/4	17/4	14:00
Costa Marques	17/4	16:00	17, 18, 19, 20, 21,22/4	22/4	15:00
Buena Vista	22/4	15:30	22/4	22/4	16:30
Santa Fé	22/4	17:00	22/4	22/4	18:00
Baia de Santa Luzia	22/4	19:00	22,23/4	23/4	09:00
Santa Izabel	23/4	10:00	23/4	23/4	15:00
Baia de Santa Luzia	23/4	16:00	23/4	23/4	17:00
Eco Vale	24/4	07:00	24/4	24/4	08:30
Porto Murtinho	24/4	17:30	24,25/4	25/4	09:00
Seringueiras	25/4	11:00	25/4	25/4	14:00
São Miguel do Guaporé	25/4	16:30	25,26/4	26/4	09:00
Porto Murtinho	26/4	11:30	26,27,28/4	28/4	09:00
Santo Antonio	28/4	17:00	28,29/4	29/4	09:00
Versalhes	29/4	11:30	29,30/4	30/4	09:00
Porto Frederico	30/4	18:00	30/4 1/5	01/5	09:00
Pedras Negras	1/5	15:00	1,2,3,4/5	04/5	09:00
Matrincham	4/5	13:30	4/5	04/5	16:30
Mateguá	4/5	18:00	4,5/5	05/5	09:00
Illa das Flores	5/5	18:00	5,6/5	06/5	09:00
Porto Rolim	6/5	16:00	6,7,8/5	08/5	16:00
As cruzeiras	8/5	17:00	8,9/5	9/5	09:00
Pacuzal	9/5	11:00	9/5	9/5	13:00
Laranjeiras	9/5	17:00	9,10/5	10/5	09:00
Base Valitenez	10/5	13:00	10/5	10/5	14:00
Cafetal	10/5	16:30	10, 11,12/5	12/5	09:00
Remanso	12/5	11:00	12, 13, 14,15/5	15/5	09:00
Piso firme	15/5	13:00	15, 16,17/5	17/5	09:00
Bela vista	17/5	17:00	17,18/5	18/5	08:00
Faz. 4 irmãos	18/5	15:00	18/5	18/5	17:00
Carlinhos	18/5	18:00	18,19/5	19/5	08:00
Santa Cruz	19/5	10:00	19/5	19/5	14:00
Pimenteiras	19/5	16:00	19, 20,21,22,23,24	X	X

E disse Jesus, "se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos: João
c8 v31

Figura 19 – Programação da Romaria do Divino do Vale do Guaporé em 2015.
Fonte: PEREZ, Anete, 2015.

Uma observação que fizemos é que a Coroa visita Surpresa todo ano, mas não vem a Guajará-Mirim, uma questão forte, a qual motivou a criação da Irmandade do Divino na cidade e a estruturação do festejo, de forma que não precisassem

esperar todo ano pelo sim ou não da visita do Santo. Isso não tira a honra que os devotos sentem de receber a visita dos símbolos vindos do Vale do Guaporé, ao recriarem a sua própria festa aqui em Guajará-Mirim, só afirmam a grande devoção ao Santo Divino.

A presença de moradores que anteriormente residiam no Vale do Guaporé, e com parentes que ainda se encontram nessas comunidades, conforme Oliveira; França (2007, p. 471) o depoimento de Dona Maria Angelina nos ajuda a compreender melhor os motivos citados anteriormente para a recriação da festa aqui em Guajará-Mirim:

Em 1973, na cidade de Guajará-Mirim, não havia uma capela ao Divino, e o bairro São José era composto em sua grande maioria de vários moradores e remanescentes dos quilombos vindos do Vale do Guaporé e devotos ao Divino Espírito Santo.

O bairro São José foi escolhido para a construção da Igreja do Divino Espírito Santo, pois foi nesse local que ocorreu às primeiras manifestações ao Santo, pelos devotos originários de comunidades guaporeanas e dos quilombos como pudemos observar acima.

Maria Angelina Gomes Serrath pediu ajuda dos moradores do bairro São José para construir uma capela ao Divino, conforme depoimento de Dom Benedito em entrevista em março de 2016:

Dom Geraldo Verdier conta que solicitou ao Padre Roberto pároco na época de 1979 em Guajará-Mirim, para realizar a primeira festa do Divino Espírito Santo no bairro São José em 1977, lugar de miscigenação de culturas indígenas e negra. Grande parte oriunda de comunidades guaporeanas. Acreditavam ser a melhor localização devido seu contexto histórico e religioso, trazidos pelos devotos do Guaporé.

Seu Landulfo foi um dos precursores das primeiras manifestações, colaborando com fé e muita ajuda na construção de Capela para o Divino, de acordo com ele não foi tarefa fácil, mas compensou cada contratempo. Entrevista em março de 2016:

A construção da Capela foi difícil, eles tinham que correr atrás de donativos, mão-de-obra, no começo foi uma singela capela, pois tudo que eles queriam era que ficasse pronta o quanto antes, porque assim os símbolos do Divino no Vale do Guaporé poderiam vir mais vezes para Guajará-Mirim. Nossa principal intenção era essa, receber mais a visita da Coroa. Com o passar

dos anos, vimos que não se fez como pensávamos. Guajará continuava sem receber os símbolos como gostaríamos.

Nessa época a capela do Divino Espírito Santo ficou sob a coordenação geral de Angelina Gomes Serrath, filha de Julião Gomes, constituindo-se assim a Irmandade Geral do Divino Espírito Santo de Guajará-Mirim, ajudada pela diocese, com a primeira festa oficial composta pelos seguintes membros: Maria Angelina Gomes Serrath – coordenadora geral / Bartulino Canuto Gomes – imperador / Ernesto Pereira - mestre. A vontade de receber a Coroa do Divino na intenção desses devotos estava cumprida, ter uma Igreja em homenagem ao Divino, assim poder sediar mais assiduamente os festejos. Porém, isso não mudou a situação.

A Irmandade Geral do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim tem 38 anos de existência na cidade, é esta instituição que coordena a principal manifestação, conta com a romaria adaptada para percorrer via terrestre a todos os bairros e zonas rurais, atualmente é presidida pelo Senhor Landulfo dos Santos e sob direção do Pároco responsável Padre Renato Mendes de Souza.

Conforme é feito no Vale do Guaporé, os devotos do Divino de Guajará-Mirim levam os símbolos pela cidade em romaria, de casa em casa, a abençoar os promesseiros, devotos e simpatizantes por 45 dias de duração da peregrinação, fora os momentos de abertura e encerramento de todo o festejo.

É possível observar que a cidade não se prepara para festejar o Santo como o fazem no Vale do Guaporé, ou para assistir outros eventos culturais e religiosos como o Boi-Bumbá ou Festa de Nossa Senhora do Seringueiro e Aparecida. Muitos só sabem que a festa começou porque vêem à romaria pelas ruas e os barulhos dos fogos.

Apesar de ter tomado uma proporção significativa para o Município, foram muitos anos de lutas para conseguir o reconhecimento desta festa pela Irmandade do Vale do Guaporé e assim passar a receber a colaboração, tanto da Igreja como da comunidade, e para entendermos esse feito segue alguns relatos de como tudo aconteceu.

Conforme o senhor Landulfo dos Santos, entrevista em março de 2016:

Afirmou que a coroa do Divino Espírito Santo da Irmandade Geral de Guajará-Mirim, saiu pela primeira vez a caminhar pela cidade, durante 50 dias, no ano de 1995, romaria na qual os romeiros saíam pedindo ofertas aos devotos para a realização e comemoração da festa do Divino Espírito

Santo. Antes disso os símbolos eram venerados apenas dentro da Igreja.
(Figura 20 e 21).

A população como um todo ainda estava se familiarizando com esse festejo “novo” na cidade, pois anteriormente era realizado de maneira mais singela, em lugares isolados dos olhos dos cidadãos. Com o início da romaria, o trajeto percorrido pelas ruas foi notado e a festa adquiriu mais devotos.



Figura 20 - Senhor Landulfo com os símbolos em 1995, preparação para a primeira romaria.
Fonte: SANTOS, Landulfo, 1995.



Figura 21 - 1ª Romaria em Guajará-Mirim, organizada pela Irmandade Geral em 1995.
Fonte: SANTOS, Landulfo, 1995.

Essa primeira romaria, foi o momento de imensa alegria para a comunidade local, finalmente levaram os símbolos e sua representatividade a todos na cidade.

Essa romaria percorreu apenas a zona urbana em primeiro momento, mas com os anos esse roteiro se ampliou. O Senhor Landulfo conta em entrevista em março de 2016:

Antes as festas eram realizadas o mais parecido possível com as de Costa Marques, lá no Vale, mas não tínhamos romaria pelas ruas, como a romaria de lá, não saíamos com os símbolos, nem faziam pernoites como agora fazemos em toda a cidade e pelos povoados próximos, realizávamos a festa só dentro da Igreja e em alguma casa de devoto, fiquei muito feliz de realizar junto com meu povo a primeira romaria levando os símbolos que conseguimos fazer. Foi emocionante ver a reação das pessoas quando nos viam caminhando pelas ruas, cantando e perguntando se queriam receber o Divino em suas casas. Nem todos conheciam como a festa funcionava e o que era o Divino.

Durante as entrevistas, não havia como não se emocionar com as histórias contadas pelos primeiros dirigentes e idealizadores desse “sonho” como se referiam. Foi um árduo trabalho encontrar os primeiros devotos e mentores deste festejo, pois como mencionado, foram os descendentes dos quilombolas que nos presentearam com o renascimento desta festa em Guajará-Mirim.

Alguns dos idealizadores e idealizadoras já faleceram ou não moram mais na cidade, foi através de trechos de outros trabalhos que abordam de forma resumida e sem grande ênfase o histórico da festa e de alguns entrevistados que de maneira acolhedora nos presentearam com suas memórias. Desta forma conseguimos entender e reconstruir um pouco da história do Divino em Guajará-Mirim.

Ao entrevistar o atual encarregado da Coroa o Senhor Francisco Pereira da Cruz em entrevista em março de 2016, o mesmo nos confirma a versão do Senhor Landulfo dos primeiros passos da romaria na cidade:

Foi por volta dos anos de 1995 que nós começamos a fazer a festa de forma bonita, igualzinha que nossos avôs faziam antes lá no Guaporé, com a missa, a coroa, o cetro, a bandeira e o que mais gosto de ver é o mastro. Ainda faltava a Igreja principal bem bonita, mas já era uma baita conquista para os devotos a nossa Capela, graças a Deus deu tudo certo e todos os anos, seja bem feito ou não, mais a festa acontece. Também fomos reformando com a ajuda de novos devotos nossa Igreja, hoje ela é a mais bonita de todas. Não foi fácil, mas o Divino nunca nos abandonou.

A celebração ao Divino já acontecia de forma mais simples desde a década de sessenta, sem muita festa e completa como se encontra atualmente, mas como nos mostra as entrevistas, foi nos anos noventa que se deu o auge da Festa do Divino em Guajará-Mirim. Para os guajaramirenses celebrar o Divino é mais do que festa, do que sair da rotina, preparativos e aplausos pelos esforços empregados

durante o ano todo, são momentos de amor e devoção que se renova. Nesse contexto abordaremos como a festa acontece antes mesmo de começar.

3.4 Celebração do Divino na Pérola do Mamoré

A Celebração que acontece ha mais de quarenta anos no Município de Guajará-Mirim traz algumas pequenas diferenças em seu ritual ao compararmos com o festejo do Vale do Guaporé. Mas, isso é considerado como o poder que uma festa tem de possuir qualquer espaço, onde possa reconstruir e instalar-se em novo lugar. (DUVIGNAUD, 1983, p. 68). Permitindo que essa transformação dentro da festa assuma novos elementos, desapegando de outros e assumindo uma identidade própria com o lugar ao qual pertence atualmente.

Diferente do que acontece com outros eventos, como o Duelo na Fronteira (Bois Bumbas), a Festa do Divino não está oficialmente no calendário cultural/religioso da cidade, nem tem um feriado, como acontece com a Padroeira Nossa Senhora do Seringueiro. A cidade não se prepara com ornamentação alusiva ao festejo, do qual as pessoas possam se interar que o festejo irá começar, muito pelo contrário do que acontece em outras comunidades no Vale do Guaporé, a Irmandade e a Igreja local enfrentam até denúncias policiais por barulho e desordem, pois nem todos compreendem como a festa acontece e a intolerância impera.

Quem nos afirmou sobre esse fato foi Dom Benedito Araújo em entrevista em março de 2016:

Foi bem complicado assumir o festejo aqui em Guajará-Mirim, grande parte da população ou é evangélica ou não se identifica com a festa. Por se um evento católico, de cinquenta dias de duração, mexe muito com a rotina da cidade, mesmo dos que não fazem parte. As ladainhas e foguetes passando o dia todo pelas ruas incomodam e as pessoas não são tão tolerantes como em outros lugares, onde participei. Perdi as contas das vezes que tivemos que ir responder ao Juiz pelo barulho da ronqueira, os fogos as quatro da matina. Muita intolerância por parte da população quanto ao festejo, mas mesmo assim ele continuará acontecendo, é a devoção de um povo com muita garra e perseverança, e no que depender da Igreja, fará o possível para melhorar ainda mais esta festa em nossa cidade.

Realmente é perceptível a incompreensão por parte da população. A pesquisadora por diversas já ouviu as frases: Para que tanto barulho? Por que

cantam tão alto? Nem santo é! Mesmo com tanta resistência a celebração acontece todo ano e se depender de seus devotos, só se tornará mais grandiosa.

Com muito esforço, um dos principais incentivadores do Divino em Guajará-Mirim ainda é o atual Presidente Landulfo dos Santos, que comemora ter conseguido com a ajuda dos devotos e autoridades a sede da Irmandade (Figuras 22 e 23). Na qual são realizados todos os preparativos e diversos eventos. No ano de 2007, finalmente um sonho antigo dos devotos se tornou realidade. Foram muitas reuniões, até mesmo conflitos entre os membros para chegarem a um consenso de como seria e onde seria instalada a Igreja.

A ajuda de devotos mais influentes foi de grande relevância na arrecadação de donativos com políticos e empresários do Município. É interessante ter visto como a persistência dos devotos teve frutos tão prósperos para a comunidade do Divino. A Sede do Dvino atualmente conta com salão para diversos eventos, secretária, salas para a diretoria e cozinha, mesmo em meio a tantas brigas e polêmicas, pois sempre vislumbramos conflitos de poder dentro de qualquer instituição, a Irmandade tem conseguindo estar de “pé”.



Figura 22 - Placa que fica na sede do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa. 2016.

Atualmente a Irmandade recebe recursos do Governo Municipal para custear parte dos gastos, mas nem sempre é o valor que foi estipulado, ou é repassado em tempo para as festividades, informações apuradas com a secretaria da Irmandade .

A maior parte dos custos é coberta, pelos donativos realizados pelos fiéis ao longo do ano todo, desde pequenos valores até grandes donativos como por exemplo: garrotes, mesas e cadeiras para os eventos, materiais de limpeza, transporte e ajuda de custo com esses transporte, entre outros.

No ano de 2011, Dom Benedito assumiu a Diocese de Guajará-Mirim, procurou regulamentar as Igrejas, pastorais e a Irmandade Geral do Divino no município, com o fim de estruturar estas instituições e melhorar a burocracia, na tentativa de proporcionar maior transparência, pois a comunidade do Divino é a segunda mais próspera na cidade. Foi quando a Irmandade passou ter maior controle dos gastos e do caixa para eventuais necessidades ao longo do ano.



Figura 23 - Interior da Sede do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

3.4.1 O Festejo e a Romaria

A procurou-se estar na festa ativamente nos anos de 2015 e 2016, pois antes disso era uma participação mais superficial. Muitos momentos da celebração não eram compreendidos em sua profundidade. Ao comemorar o festejo como o fazem, conseguimos acompanhar os preparativos que começam dias antes de a festa começar.

Cerca de um mês antes da páscoa, os devotos se preparam para iniciar a celebração, apesar de não estarem às vistas de toda a comunidade, não significa que não façam parte da festa como um todo. Os primeiros passos que a

pesquisadora acompanhou foi o ensaio dos pequenos foliões na sede da Irmandade, dirigido pelo Mestre dos Foliões e contou sempre com a presença do Presidente Sr. Landulfo. (Figura 24).

Difícilmente o Mestre dos Foliões muda, faz anos que continua a ser o Sr. Walmir Ramos, que um dia já foi folião e hoje carrega a tarefa de treiná-los para acompanhar a romaria. Esses pequenos são escolhidos pelo compromisso que exercem com a comunidade, devem ser comportados, frequentar a Igreja e Catequese, serem bons alunos, filhos e ter uma boa voz.

Durante a pesquisa, notamos como são tímidos, mesmo que estejam à frente na romaria, conversam pouco e alguns não gostam de tirar fotografias, mas quando soltam a voz, podemos ouvir de longe. De certa forma, estas crianças participam da festa desde tenra idade, pois são influenciados pelos pais. Ao chegarem à idade permitida para participar, os treinamentos se tornam intensos e ao mesmo tempo é um filtro para a Irmandade saber quais serão os comprometidos com a função.

Diferente do que acontece no Vale do Guaporé, aqui em Guajará-Mirim, nenhum professor acompanha a romaria para ajudar nas lições dos foliões, por isso os pequenos se revezam e acompanham a romaria nas zonas rurais somente nos finais de semana para não se prejudicarem na escola e em zona urbana, acontece igualmente um rodízio, pois a caminhada é difícil. Tanto que os foliões não participam dos pernoites, pois é proibido por lei, afinal, são apenas crianças.



Figura 24 - Ensaio do Foliões na Sede do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

O seguinte passo nos preparativos é a ornamentação dos símbolos, que ficam guardados por quase um ano, esse momento foi particularmente lindo, pois ver de perto os símbolos que passam despercebidos aos olhos de quem está nas ruas ou os recebe em casa, pois estão completamente cobertos de fitas e não há como identificá-los.

Primeiro os coordenadores do Divino buscam os símbolos na Igreja, os encaminham para a sede, e lá estão todos os devotos voluntários para ajudar no que eles chamam de a “festa das fitas”, pois é um tirar e colocar que demora o dia todo. Fazem todo esse processo cantando e conversando entre si, por ocasião da presença da pesquisadora, fizeram com que participássemos de cada ornamentação, cada detalhe, foi possível compreender a devoção destes fiéis e até a emoção dos que estão a entrar e dos que estão de saída da caminhada.

Enquanto os homens fazem a retirada das fitas da coroa, as mulheres se ocupam do cetro, os mais jovens romeiros se encarregam do mastro e da bandeira. Por vezes esses papéis eram invertidos, e todos se misturavam nas tarefas, querem ajudar de todas as formas. Conforme Dona Raimunda ou Baiana como é conhecida é uma das mais antigas devotas do Divino, em entrevista em março de 2016:

O tradicional seria os homens na Coroa e no Mastro, as mulheres no Cetro e na Bandeira, mas hoje em dia todos tocam em todos os símbolos. Se quiser ajudar é bem vindo, o importante são eles verem como é difícil e bonito o trabalho que fazemos. Que a beleza que vem nas ruas, foi feita por eles e levem essa tarefa aos demais jovens da comunidade.

Realmente um momento mágico, observar a dedicação que eles empregam em cada amarrar de fita, como são colocadas com mais fé, ver devotos trazer mais tubos na hora da ornamentação e fazerem seus pedidos, alguns até recebem a permissão de amarrar as fitas nos símbolos. Na sequência veremos esse processo de ornamentação, a retirada, a lavagem, secagem e colocação novamente das fitas. (Figuras 25, 26 e 27). Outra curiosidade é que algumas fitas estão escritas, diversos pedidos, desde restabelecimento de saúde, de casamento, mas a maioria carrega os pedidos secretamente, pois estão limpas, apenas simbolizando a fé de seus seguidores.

Alguns devotos nos revelaram que este ritual, é um dos mais esperados. É o contato que eles desejam com os símbolos, no qual se sentem mais próximo do

Divino e podem de forma silenciosa fazer seus pedidos e contribuir para deixar a festa mais bonita.



Figura 25 - Símbolos retirados da Igreja e levados a Sede.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa. 2016.



Figura 26 - Momento de retirar as fitas que serão postas para lavar.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa 2016.



Figura 27 - Fitas sendo colocadas para secar.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Essa parte da preparação é realizada exatamente no domingo de Páscoa, eles passam o dia todo na ornamentação dos símbolos, pois devem estar prontos para a missa que iniciará às 16h00min horas, que marca o início de um novo ciclo da Romaria do Divino. Percebe-se o enriquecimento espiritual que eles carregam, mas também certa falta de programação quanto aos horários, muitos faltam e os trabalhos atrasam, deixam de colaborar com as refeições compartilhadas.

Mesmo com tantos contratempos e atrasos, tudo pronto na sede, os símbolos são levados para a Igreja e colocados no altar para início da celebração, ficam lá até a missa começar. Enquanto isso os demais membros preparam a sede e confirmam com os promesseiros se tudo está nos conformes e se dirigem para suas residências. É a hora de se preparar individualmente para começar a festa. (Figura 28).



Figura 28 - Símbolos no Altar da Igreja do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Depois dos símbolos postos na Igreja, se dá início a Missa do Divino, ou Missa de envio do Divino que é celebrada pelo Dom Benedito no domingo de Páscoa. Durante a celebração, se faz a apresentação de todos os membros da diretoria e dos integrantes da Irmandade. Na apresentação da Romaria, começam as passagens de comando de cada personagem, estes irão participar da festa nesse ano. Na sequência de figuras (29, 30 e 31) podemos observar esses momentos.

Primeiro foram apresentados os membros da diretoria da Irmandade, em seguida os romeiros, os foliões. Logo se inicia as passagens dos cargos que formam o Império do Divino, o primeiro personagem é o do Imperador, segundo o da Imperatriz, Alferes da Bandeira e por último o Capitão do Mastro.



Figura 29 - Diretoria da Irmandade Geral do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.



Figura 30 - Apresentação dos Romeiros (Coletes vermelhos) e dos Foliões (Camisetas brancas).
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.



Figura 31 – Império do Divino escolhido para celebrar o ano de 2016.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Depois da Celebração da Missa de envio do Divino, acontece o primeiro caminhar (Figura 32) da romaria se deslocam até a residência de uma devota, onde será o “pernoite” e assim em diante começam a cumprir o roteiro da romaria pela cidade e zonas rurais de Guajará-Mirim.



Figura 32 - Primeiros passos da Romaria pela cidade.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

A partir do dia 28 de março até o dia 09 de abril de 2016 a Romaria fez o roteiro previamente estabelecido, se dirigiram para zona rural de Guajará-Mirim. Locais que são alcançados pelo transporte dos romeiros e foliões mediante ônibus e carros particulares (Figura 33). O que não se pode como dizem os devotos é faltar com a fé dos fiéis que esperam o ano todo por este festejo.

Conforme depoimentos de Tácio Ferreira integrante da diretoria da Irmandade, em março de 2016:

A Romaria pelos sítios e ramais é uma situação mágica, pois somos tão aguardados pelos devotos. Os pernoites são de pura alegria e cantorias, rezemos muito, rimos muito, aprendemos bastante com os mais experientes. Parece que o tempo não passa, conseguimos fazer tanto e o dia ainda clareia. Procuro participar ao máximo da romaria fora da cidade.

Faz parte encontrar problemas no trajeto, como o ônibus quebrar, as fortes chuvas provocam atoleiros, pois neste período é inverno amazônico, mas nada pode abalar o espírito missionário dos romeiros, essas são frases que ouvimos em meio a buchichos e reclamações. A devoção deve estar acima de qualquer dificuldade, pois a missão de levar o Divino a todos os povos é o principal objetivo.



Figura 33 - Romaria se deslocando para zonas rurais de Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Um dos momentos no qual os devotos relataram que mais gostam de desfrutar é o lugar que separam para eles descansarem (Figura 34), pois como dizem os romeiros, a procissão traz várias situações diferentes do que vivemos dentro da cidade.



Figura 34 - Alojamento preparado para os romeiros.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Diferente da Romaria pelas águas do rio Guaporé, os pequenos foliões de Guajará-Mirim não se deslocam constantemente para as áreas rurais, pois a festa

acontece em período escolar. Por isso veremos de dois a três apenas acompanhando a romaria. O mesmo acontece com os romeiros, alguns deles trabalham e não participam de toda a programação (Figura 35), são poucos o que conseguem acompanhar, a maioria se reúne nos finais de semana. Mesmo ao enfrentar esses contratempos, o festejo não perde seu brilho.

Observamos que a maioria dos participantes que se deslocam para os sítios são os devotos já aposentados, estes costumam gostar mais desses roteiros. Durante a caminhada são inúmeras as histórias contadas por estes bravos senhores e senhoras, sobre suas vidas, lendas e da própria festa em si.



Figura 35 - Mestre e Foliões do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

O Sr. Landulfo em março de 2016 nos contou como é importante para os devotos das áreas distantes receberem a benção do Divino (Figura 36):

O povo do Divino que dificilmente consegue vir para a programação na cidade, precisa ainda mais da visita do Santo, pois tem vezes que é o único contato que terão durante o ano com o festejo. É muito bom ver como ficam felizes quando chegamos a suas propriedades. Somos tratados como “reis”, muita comida, muita atenção, saem para nos mostrar o que prosperou em suas terras e também são dias de muita conversa.



Figura 36 - Residência de devota na zona rural.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

A pesquisadora pode acompanhar somente alguns fins de semana, mas foi suficiente para percebermos o quanto é rica a troca na convivência com o povo do campo, o quanto temos que aprender sobre a vida e a devoção ao Divino, diferente das pessoas na cidade, o homem do campo se prepara o ano todo para receber a romaria, guardam alimentos, planejam esse momento com mais dedicação do que quem está sempre perto do Santo.

O Sr Francisco nos contou em entrevista em março de 2016 que já tiveram membros do império do Divino que são de zonas rurais, e que sua devoção é diferenciada:

É um povo acolhedor, sempre disposto a ajudar e são mais dedicados. A devoção deles é muito grande, dificilmente aparecem na Igreja pois moram longe, mas sempre dão um jeitinho de aparecer durante a semana, saber se estamos precisando de alguma coisa. Já tivemos Imperador, Imperatriz, até presidente da Irmandade.

A Romaria segue seu curso, de sítio em sítio, com a missão de levar as bênçãos do Divino. Cada parada é um aprendizado, do que devem ou não melhorar para a próxima caminhada. Percebemos que a zona rural se “enfeita” muito mais para as visitas da romaria, do que a cidade.

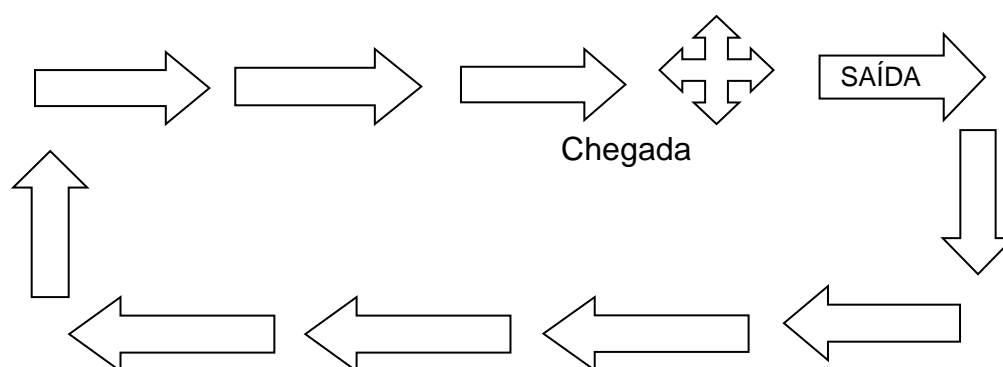
Ao nos aproximarmos da entrada das propriedades, já conseguimos ver bandeiras vermelhas, flores, balões (Figura 37). Dentro das residências observamos que os enfeites são ainda mais pomposos, uma imagem que nos mostra claramente o espaço reservado para o Divino.



Figura 37 - Pernoite em das propriedades de devotos.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

O tempo vivido pelo homem do campo é outro, tudo é sentido com mais intensidade, é como se eles elaborassem o roteiro de forma que as zonas rurais fossem contemplados primeiro, para poder fortalecer a fé dos romeiros. Mas, sabemos que é apenas uma questão de logística, o que não impede que essa situação espiritual aconteça e se torne de fundamental importância para os longos dias de caminhada.

Depois de cumprirem a caminhada pelas áreas mais distantes, a Romaria retorna para a cidade, onde irá cumprir o roteiro urbano, que foi elaborado cuidadosamente de forma que os romeiros pudessem dar uma volta na cidade (Quadro 2). A partir do dia 09 de abril até 13 de maio de 2016, foram realizadas as visitas em no trajeto urbano, começam pelo bairro Triângulo, onde está atualmente a Irmandade Ilha Saldanha e termina no bairro São José onde a Igreja do Divino está edificada.



Quadro 1 – Esquema de caminhada da Romaria pelos bairros da cidade.
Fonte: Elaborado pela autora.

Vale ressaltar que são muitas as famílias, que desejam obter as bençãos, em alguns bairros a romaria chega a demorar mais três dias e outros que um único dia é suficiente. Se depender da família que recebe o Divino a sua permanência, a programação não será cumprida, pois acabam por segurar os símbolos mais tempo que o combinado.

Outro motivo do Divino sempre iniciar as bençãos pelo Bairro Triângulo, é porque nesse local se encontra instalada a Irmandade da Ilha Saldanha (Figura 38), responsáveis pela primeira manifestação do Divino em Guajará-Mirim.



Figura 38 - – Irmandade Ilha Saldanha, primeira a receber as bençãos do Divino.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Começam as caminhadas pelas ruas de Guajará-Mirim, com muita cantoria, fogos e animação, aonde o mensageiro marca os passos da romaria, ao indicar quais residências desejam receber as bençãos. Não somente as residências pré definidas ofertam alimentação, durante a caminhada, qualquer devoto que assim o quiser, poderá fazê-lo, exatamente o que vemos durante todos esses dias.

Sempre que o Império do Divino entra em uma casa, a benção começa pelo chefe da família e segue para os demais membros, da mesma forma acontece em relação aos símbolos, primeiro a coroa, em seguida do cetro e por último a bandeira (Figura 39). O Divino visita a todos, devoto ou não, quem permitir a benção, ali está

o Santo, vemos durante a caminhada, que as instituições públicas também fazem parte da visita da romaria.



Figura 39 - Romaria abençoando fiéis na Escola Paulo Saldanha.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

É perceptível vermos em alguns dias a romaria bem numerosa, em outros nem tanto, isso se deve aos compromissos que cada devoto tem com suas vidas pessoais. Existe certo conflito quanto a esse assunto, pois para os mais antigos, essa ausência é falta de devoção ao Divino, o que gera alguns momentos uma tensão entre eles em plena caminhada. Mas, como podemos ver na (Figuras 40 e 41), nem sempre o Império do Divino (personagens principais) podem acompanhar a romaria, no qual são designados outros membros e/ou devotos para exercer a função temporariamente.

Essa questão de não acompanharem a romaria a todo o momento, durante os cinquenta dias, está superado ao poucos, pois como já foi mencionado anteriormente, a Irmandade deve estar sempre em busca de atualização, procurando inserir novos valores e ferramentas que possam para garantir sua perpetuação.



Figura 40 - Romaria cumprindo o roteiro pela cidade.
Fonte: TABORGA, Ana Carla, 2016.



Figura 41 - Os símbolos sendo levados por outros membros da Irmandade.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

A cidade não para celebrar o Divino, a romaria se adapta aos espaços que encontra, com o fim de continuar a caminhada, a fé se comprime na verdade (Figura 42), apesar da grandiosidade do festejo, não há muita consideração por parte da população em permitir as homenagens.



Figura 42 - Romaria tentando caminhar em meio ao caos das avenidas.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

O segundo momento mais aguardado pelos devotos e toda a Irmandade, é a Procissão do Mastro. A partir do dia cinco de maio de 2016, os pernites começam a diminuir nas residências, pois é quando a Novena de Pentecostes se inicia. Durante esses nove dias, a romaria continua sua caminhada, a programação é cumprida a risco e por algumas noites os símbolos retornam a Igreja para veneração.

Essa programação foi realizada até o dia treze de maio numa sexta-feira, quando os símbolos são levados para a Sede do Divino para pernoitar e às 04h00min da manhã realizaram a alvorada em louvor ao Divino pelas avenidas da cidade. Logo de madrugada são ouvidos os cânticos, fogos são soltos e a ronqueira cumpre sua função, “afastar os demônios” com seu estrondoso som.

Para os devotos e católicos em geral, essa situação é o auge da anunciação do Senhor, mas causa muito incomodo em parte da população. Durante o dia todo do sábado que antecede Pentecostes, a preparação para a celebração da missa era grande e movimentada. É instalado um grande palco (Figura 43), na frente da Igreja do Divino, pois o espaço precisa ser amplo para comportar a enorme quantidade de fiéis que marcam presença na festa. Para a Procissão do Mastro a cidade recebe até devotos vindos do Vale do Guaporé, Bolívia e outras cidades no Estado.



Figura 43 - Palco montado para Celebração da Missa de Pentecostes e Procissão do Mastro.
Fonte: MACHI, Patricia, 2016.

É o momento mais pomposo da Festa, no qual a população se reúne e deslocam para a missa campal, alguns católicos menos frequentadores, acreditam que este momento é toda a celebração. A procissão e levantamento do mastro, tudo que foi realizado antes e que ainda será realizado, passa despercebido aos olhos dos que assistem sem se envolver com o festejo.

Percebemos ao nos integrarmos com o povo partícipe da cerimônia, que não existe mais tanta “festa” sentido profano no espaço ocupado pelo Divino, que há alguns anos atrás, faziam vários arraiais, festas particulares, havia mais consumo de álcool e danças. Pelo menos nas festas de 2015 e 2016 na qual foram contempladas em sua grandeza, essas práticas são bem restritas.

O que nos levou a perguntar ao Senhor Landulfo sobre o assunto:

Ahhh! Minha filha, essas coisas tem que mudar um dia, o homem não vive só de farra não, o Divino é assunto sério. Foi bem difícil tirar esse costume de bebedeira e festas, perdemos muitos devotos com isso, ficamos mal falados e a Romaria até esfriou por uns anos. Mas, com a ajuda de Dom Benedito e o Pe. Renato tudo foi se ajeitando sabe. Organizamo-nos melhor, os padres começaram a catequizar mais e o povo foi entendendo como devia funcionar a romaria. Hoje sabemos que alguns romeiros ainda saem para festas e tal, mas sem a identificação do Divino e sempre devem cumprir com suas obrigações. Fazemos uma boa festa antes e depois de toda a Romaria, mas algo em família e na Sede da Irmandade, porque assim os mais alegres não ficam sentindo falta desses momentos.(Entrevistado em março de 2016).

A prática de professar o ano todo, a mensagem que o Divino consegue transmitir aos fiéis, só tem agregado devotos, e iluminado ainda mais os momentos

de maior devoção (Figura 44). Alguns desses são visitantes, apenas participam desse momento mais festivo, por acreditarem que o evento se resume nesses pequenos detalhes. Outros participantes são os “curiosos” que frequentam para conhecer e saber sobre o festejo. Nessas visitas e participações, a festa vai ganhando seus mais novos devotos.



Figura 44 - Missa organizada para todos os devotos do Divino.
Fonte: MARCHI, Patricia, 2016.

Às 19:00 horas do sábado, acontece a procissão do Mastro, momentos mágicos, de muita fé e alegria. Tudo começa pelo Império do Divino se organizando com os personagens do ano anterior, para sair em busca do novo Império. Dentro de cordão, que os devotos chamam de “cordão do império” ou “corte do Divino” está o Imperador, a Imperatriz, Alferes da Bandeira e Capitão do Mastro, eles estão carregando os símbolos que serão entregues a cada um do novo império (Figura 45, 46, 47 e 48).

Os devotos planejam da seguinte forma a busca pelo império: Escolhem quatro casas de devotos que desejam participar, elas devem formar um U na quadra bem em frente da Igreja do Divino. Essas casas são ornamentadas de acordo com o personagem que irá ocupá-la e estes personagens ficam na espera da corte para fazerem a passagem do império. Na sequência de figuras observaremos esse ritual.



Figura 45 - A Corte do Divino se organizando em frente à Igreja.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.



Figura 46 - Corte formada sai em busca do Império do Divino.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.



Figura 47 - Imperador 2016 – (Ocilvado) a espera da Corte.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Feita a passagem de comando do Imperador, a corte se dirige para a residência da Imperatriz, onde o mesmo processo repete até a corte estar novamente formada. Podemos sentir a honra que cada membro expressa sua emoção, observamos isso através das lágrimas e promessas feitas no momento de serem acolhidos como os novos personagens.



Figura 48 - Imperatriz de 2016 (Marlene), na espera pela passagem da corte.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

A corte para o Alferes e Capitão do Mastro não foi possível registrar, pois no momento houve uma pequena confusão entre devotos e não devotos, deixando o momento sem registro da pesquisadora e de tantos outros que ali estavam a contemplar o ritual. Mas, se aplica da mesma forma para todos os personagens.

O último a ser incorporado na corte do Divino foi o Capitão do Mastro, que em seguida com a ajuda de todos os devotos (homens somente) que forem possíveis levantam o Mastro de mais de 20 metros (Figura 49).



Figura 49 - Procissão do Mastro.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Na procissão do mastro, somente homens pode carregá-lo e tocá-lo, uma prática que se repete por anos e os devotos não sabem dizer exatamente por que. Uns dizem que é porque o homem é base da casa, o provedor, outros pensam logo que por falta de força das mulheres, as mesmas explicações de sempre e nenhuma resposta concreta. Este tema será mais bem abordado no próximo capítulo, mas tem muito haver com rituais de força e virilidade, do que com religiosidade.

Esse longo e pesado tronco de açazeiro é levado nos ombros, ora nas palmas das mãos até completar o percurso da procissão. Tem três paradas que os devotos fazem nesse trajeto, elas são para chamarem a atenção do porque estão carregando o mastro, nesses momentos eles gritam “Viva o Divino” “Viva aos devotos”, “Viva aos irmãos” e seguem em frente.

O local escolhido para hastear o mastro é ao lado da Igreja do Divino, onde os devotos já deixam preparadas algumas varas para ajudar no levantamento (Figuras 50 e 51). Instantes de muita emoção, medo do mastro deslizar, e a população gritam “Viva o Divino” “Abençoa Senhor”, para que tudo corra bem no processo. Finalmente quando o mastro está na posição correta e se sentem seguros que o mesmo não irá cair, começam as queimas de fogos para comemorar.



Figura 50 - Devotos no levantamento do Mastro.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.



Figura 51 - Momentos finais do levantamento do Mastro.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Mastro hasteado em sinal de benção para toda a população chega o ritual de benções do Divino através dos símbolos (Figuras 52 e 53) realizados dentro da Igreja, para nova jornada que nunca acaba.



Figura 52 - – Império do Divino de 2016 prontos para começar as bênçãos.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.



Figura 53 - Bênçãos do Império a todos os presentes.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

Esses são os ritos finais da festa no quais envolve toda a população que se faz presente, nenhum devoto é deixado de lado nas bênçãos. Depois todos vão se dispersando, alguns ficam costumam contemplar o mastro por mais tempo, fazem suas orações e confraternizam com os devotos e demais presentes na Igreja.

Exatamente no domingo de Pentecostes é realizada a derrubada do Mastro, que marca o encerramento da Festa do Divino nesse ano. Esse momento não é tão grandioso e movimentado como o levantamento realizado uma semana antes. Durante o ritual, observamos que só os mais devotados e membros da Irmandade e Romaria que se fazem presente.

Logos após todo o ritual religioso de cinquenta dias, a Irmandade costuma realizar sua comemoração na sede, na qual a festa é regada de muita alegria, comidas e um grande baile. Na semana que segue ao encerramento, são cruciais para discutir sobre tudo que aconteceu de certo e errado, sortear os novos membros do império, entrada e saída de foliões e romeiros.

Analisando a festa, percebemos que os preparativos não param, sempre acontecem reuniões, missas durante todo o período que antecede o festejo. Essas práticas são necessárias para manter viva a devoção dos membros e novos fiéis. Mas, não podemos deixar salientar que apesar dessas atitudes, poucos são os que persistem na fé ao Divino fora do tempo da festa. Dona Baiana, mulher forte, pois para aguentar a caminhada de cinquenta dias não é para qualquer um e ela sempre esteve presente, nos confessou em entrevista em março de 2016 que:

Todo mundo gosta de participar da festa, mas depois que tudo isso aqui acaba, principalmente os jovens, costumam não frequentar as missas aos domingos. Não ofertam como deveriam, faltam as reuniões da Irmandade. Parece que só querem mesmo saber de festa e festa. O Divino não é isso não, sabe! Mas, estamos rezando e trabalhando para mudar essa participação dos devotos.

Essa assiduidade dos devotos tem sido preocupante, mas constantemente trabalhada para que haja uma continuidade do festejo. Observamos que atualmente fazem uso de meios eletrônicos e digitais como, celulares, facebook e whatsapp para manter uma comunicação mais segura com todos. Publicam datas e horários de reuniões, eventos sobre a festa e outros acontecimentos para aproximar a comunidade. E os resultados vêm com a presença cada vez mais da população.

CAPÍTULO IV – O simbolismo do Divino



Figura 54 – Símbolos ornamentados para iniciar a romaria em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

4.1 A devoção através dos símbolos e imagens

“Lugares podem ser símbolos ou campos de preocupações, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende em última análise das emoções humanas que vibram nos campos das preocupações.”(TUAN, 1983)

O presente capítulo tem a intenção de trazer uma descrição do simbolismo do Divino vivido pelos devotos, e assim proporcionar caminhos para a preservação e compreensão desta manifestação de tamanha importância para a cultura religiosa do Estado de Rondônia. Procuramos demonstrar o mais detalhadamente, o que a simbologia da festa tem de especial seus fieis, como elas marcam o ritmo de suas vidas, o que cada signo/símbolo acrescenta para o crescimento espiritual e como eles são formadores de espaços temporários e permanentes.

Cada vez que uma festa popular se inicia em certa região, ela assume em seu construir a essência do povo que a adquiriu, se torna única para aquela localidade. Claval corrobora com esse pensamento ao colocar que a “análise da maneira pela qual cada um recebe uma bagagem de conhecimentos e de atitudes, enriquece-a com a sua experiência, e a interioriza tentando assegurar sua coerência” (CLAVAL 2008, p. 88).

É por meio dessa simbologia que caracterizam a espiritualidade de cada homem e mulher que da festa participam, no qual o ser humano procura a construção do próprio mundo. O ser humano na visão de Cassirer recebe uma impressão e sobre esta cria signos, símbolos e representações da identidade festiva.

[...] por forma simbólica há de entender-se aqui toda a energia do espírito em cuja virtude um conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente. Neste sentido, a linguagem, o mítico religioso e a arte se nos apresentam como outras tantas formas simbólicas particulares. (CASSIRER, [1923] 1994, p. 49).

A Festa do Divino é regada de riqueza simbólica, bem atraente pela forma como acontece e consegue se manter viva com o passar dos anos. Cassirer nos afirma que por essa causa o ser humano envolvido num mundo [...] de formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial. (CASSIRER, [1923] 1994, p. 49-50.)

Depois de termos conhecido a história do Divino e suas peculiaridades, vamos apresentar cada símbolo utilizado na festa, a fim de entendermos como eles se constituíram e sua importância para seus fiéis que procuram um mundo ideal, no qual o resultado vem através da mistura de diferentes formas simbólicas, que se apresentam nas criações do mito, dos ritos e credos religiosos, nas obras de arte, nas teorias científicas, que buscam interpretar esse mundo cheio de mistérios.

Dessa forma, a simbologia não é cópia apenas de uma realidade existente, mas em contrapartida reflete [...] as linhas gerais do movimento espiritual, do processo ideal no qual, para nós, o real se constitui como unidade e pluralidade, como multiplicidade das configurações que, entretanto, afinal são unificadas através de uma unidade de significação. (CASSIRER, [1923] 2001, p. 64).

A pesquisadora ao ficar observar os devotos, em suas tarefas ouviu várias vezes certa classificação dos símbolos no entendimento dos devotos. Falava-se de símbolos imperiais, pois eram de origem da realeza portuguesa, outros eclesiásticos por terem conotação voltada para o religioso e alimentar. Perguntados por que dessa classificação, apenas dizem que assim aprenderam com seus precursores, mas não fica difícil entender já que faz sentido ao analisarmos cada um desses símbolos, ritos e imagens.

Colocamos aqui uma classificação, não por sua importância, na verdade foi exposta conforme os devotos foram descrevendo ao longo da participação da pesquisadora.

4.2 Símbolos Imperiais

4.2.1 Cetro

Na visão dos devotos é o símbolo que representa o poder, respeito ao comando do Império real ostentado pela Imperatriz. Desde o princípio da festa em Portugal, se faz referência ao cetro, já que a própria Imperatriz prometeu uma réplica do mesmo, em cumprimento a seu pedido ter sido atendido. Conforme depoimentos dos devotos, no início das primeiras festividades, ficou nítido que somente mulheres casadas ou virgens poderiam segurar e abençoar algum fiel com ele. Era uma forma de manter a tradição do império, e quanto à religiosidade imposta pela igreja

católica. Cirlot (1992, p.126) nos confirma ao colocar que o cetro é símbolo de fertilidade, eixo do mundo, assim como apontado acima, ao colocarmos que é sinal de poderio.

Desse modo, para Cassirer, o homem por um processo intelectual busca evidenciar suas necessidades, criando o seu mundo simbólico. (CASSIRER, [1944] 1994).

Constatamos que durante as visitas, a regra empregada que somente mulheres casadas ou virgens poderiam carregar o cetro, não mais era aplicada dessa forma nos dias atuais. Ao ser questionado, seu Landulfo nos disse:

Oh! Minha filha, nos dias de hoje não tem como ser tão rígido nessas regras não, precisamos acolher a todos, e cada família tem seus problemas. Todos precisam das bênçãos do Divino, por isso sendo de coração a devoção, permitimos a todos e todas, a carregarem o cetro. (Entrevista concedida em março de 2016).

Já mencionado acima, que essas festas sempre sofrem ressignificações, e no próprio Estatuto da Irmandade diz em seu **Art. 26 – Parágrafo único – Certas tradições da Festa do Divino, mesmo respeitáveis, devem ser atualizadas para garantir o bom sucesso da mesma.** (ESTATUTO DA IRMANDADE DO SENHOR DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2003, p. 9). Essa atualização para manter o festejo vivo, tem se aplicado a todo o contexto das festividades.

Em entrevista com o senhor Landulfo concedida em março de 2016, nos contou sobre o cetro:

Esse cetro aí moça, é uma réplica do que fica lá em Costa Marques, depois que decidimos realizar nossa própria festa aqui em Guajará-Mirim, mandamos fazer um igualzinho pra ficar aqui na nossa igreja. Ele é feito de prata pura, todos os devotos juntos, colaboraram para que ele fosse feito.



Figura 55 - Cetro usado nas festividades pela Imperatriz.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

4.1.2 Coroa e Salva

Símbolo que representa o poder do Imperador na Festa do Senhor Divino Espírito Santo. Também foi replicado assim como o cetro, pela ordem da Imperatriz, seu significado tanto para os devotos do Divino como para o autor Cirlot (1992, p. 145) simboliza a superação, empoderamento do ser humano.

O entrevistado Landulfo nos contou sobre a coroa:

A Coroa e a Salva é um orgulho enorme que temos, foi o símbolo que mais nos custou fazer, foi confeccionada na mesma época do Cetro, também é toda de prata, do jeitinho que queríamos fazer, fizemos! Foi bem emocionante sair pela primeira vez com ela em uma romaria aqui na nossa cidade. (Entrevista concedida em março de 2016).

Ao ser questionado sobre os rituais que envolvem o carregar, guardar e ornamentar este símbolo o entrevistado acima nos relatou o seguinte:

Sempre na hora de fazer o sorteio, o candidato deve ser casado na igreja, regra que não quebramos, ter bom comportamento e ser devoto do Divino. Ele vai ser o imperador que terá a responsabilidade pela Coroa e Salva por toda a celebração do festejo. Deve ter bastante tempo para dedicar ao Divino, mas quando não puder estar presente, sempre um devoto será escolhido aleatoriamente para carregar a Coroa. Nas bênçãos nas casas, também deixamos o homem da casa fazer às vezes de Imperador. (Entrevista concedida em março de 2016).



Figura 56 - Coroa usada pelo Imperador nas festividades.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

4.2.3 Bandeira

Símbolo sagrado que representa o Manto do Espírito Santo para seus devotos. A Bandeira aqui em Guajará-Mirim não diferente da que usam no Vale do Guaporé, é retangular, de cor vermelha, em lembrança às línguas de fogo do relato bíblico, apresenta um desenho de uma pomba ao centro.

É apresentado no mastro encimado pela pomba, de onde partem dezenas de fitas coloridas, materializando cada um dos SETE DONS do Divino, Isaias (11.2), com suas cores características: azul – SABEDORIA; prata – ENTENDIMENTO; verde – CONSELHO; vermelho – FORTALEZA; amarelo – CIÊNCIA; azul escuro – PIEDADE; roxo – TEMOR DE DEUS.

Na concepção de Cirlot (1992, p. 96) esta devoção a bandeira se explica justamente pela força e marcação territorial que um povo deseja para si, sempre colocada no lugar mais alto, simboliza vitória e auto-afirmação. A colocação do autor tem sentido quando comparamos este símbolo com a bandeira que representava cada reinado antigamente, ao impor respeito e demarcação territoriais, depois de conquistados.

Com o a celebração do Divino acontece igual, ela é hasteada em um longo mastro, o maior que puderem encontrar na mata, para que ela possa ficar bem visível a todos, e sempre que vemos uma bandeira hasteada em uma residência durante os festejos, sabemos que o Divino passou por ali, tornando esse local abençoado e conquista pelo Santo.



Figura 57 - Bandeira do Divino.
Fonte: BONFIM, Marcela, 2015.

Quando o ser humano exprime sua fé em símbolos, ele está tentando dar vida aos seus sentimentos mais íntimos, conforme Cassirer ([1923] 2001) [...] todas essas

manifestações do espírito vivem em mundos simplesmente refletidos em formas simbólicas.

4.2.4 Imperador e Imperatriz

Para Cirlot (1992, p. 386) a figura do Rei ou Imperador, tem conotação de ser superior e com poderes sobrenaturais, quando escolhido e coroado, equivale à realização suprema do poder e a vitória sobre algum feito, e que será capaz de “salvar” seu povo. Vemos exatamente essa expressão com figura do Imperador na Festa do Divino, pois se percebe um enorme respeito e veneração ao escolhido pelos devotos para representar esse papel.

O Imperador da Festa do Divino é o personagem mais importante na visão dos devotos, um cargo pretendido por todos desde pequenos, carrega historicamente a figura do Imperador D. Diniz, que governava na época em que a festa tomou corpo em Portugal. Este membro da celebração é escolhido mediante um sorteio realizado sempre ao final das festividades.

Vários nomes são sugeridos e o contemplado no sorteio é visto pelos devotos, como o eleito por Deus naquele ano para representar o Divino. Vemos algo parecido em relação à escolha do Papa.

O Imperador tem grandes responsabilidades, tem que ser casado pelas leis da igreja católica, ser membro da comunidade do Divino a pelo menos um ano, ter conduta memorável e se dispor o máximo possível para acompanhar as festividades.

A Imperatriz da Festa do Divino é um personagem que assim como o Imperador, também foi criado para simbolizar a figura da Imperatriz D. Isabel. Cirlot (1992, p. 387) *diz que essa união constitui a imagem perfeita dos poderes, que ambos podem exercer sobre os elementos naturais e humanos.* Vemos que a Imperatriz as mesmas atribuições, responsabilidades que o Imperador e é eleita da mesma forma que o imperador. Nem todas as festas do divino realizadas pelo Brasil contam com a figura da Imperatriz, como aqui a festa aqui em Rondônia.

Na celebração realizada no Vale do Guaporé e em Guajará-Mirim, esses personagens não contam com grandes e luxuosas vestimentas, suas roupas devem apenas ser discretas e elegantes na medida em que suas posses permitirem. Na

Figura 58, vemos o Imperador e a Imperatriz eleitos para homenagear a Festa do Divino de 2016 em Guajará-Mirim.



Figura 58 - Imperador e Imperatriz 2016 – Festa do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. 2016.

4.2.5 Mordomos

São eleitos da mesma forma que todos os cargos do império, mediante sorteio. Estes membros são encarregados do bom funcionamento da celebração, principalmente de guardar o cortejo da visita nas residências, onde determinam o horário de início e encerramento da caminhada. Eles são figuras complementares de um império monárquico, pois sempre estão à disposição para resolver qualquer eventual problema durante a duração do festejo e devem trajar roupas que indiquem sua função durante a festa. Na Figura 59, apresentamos os mordomos eleitos em 2016 na cidade de Guajará-Mirim.

Para seu Landulfo: *São pessoas especiais que praticamente colocam a festa nos trilhos, estão sempre atentos a qualquer situação e fazem de tudo para resolvê-los se precisa. (Entrevista realizada em março de 2016).*



Figura 59 - Mordomos eleitos em 2016 – Festa do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: PEREZ, Anete, 2016.

4.2.6 – Alferes da Bandeira

Personagem eleito mediante sorteio para ser o condutor da bandeira do Divino em todas as manifestações. Sua figura está presente em todos os reinados e impérios, Cirlot (1992, p. 97) considera que sua representatividade resguarda o poder do império em momentos estratégicos ao carregá-la por onde for necessário. Assim como no império, o alferes deve ter todo o cuidado com a bandeira, ao zelar que a mesma permaneça em segurança. Deve ter tempo para o festejo, pois seu deslocamento é semelhante, aos demais personagens da romaria. Os requisitos para ser escolhido, são os mesmos que para o Imperador e Imperatriz.



Figura 60 - Aferes da Bandeira de 2015 passando o cargo para o Alferes eleito para 2016.
Fonte: SOARES, Meridiana. 2016.

4.2.7 – Capitão do Mastro

É o eleito mediante sorteio, sua tarefa é ornamentar o mastro, a Igreja e tudo que for necessário para a realização da festa. Todas as fases de enfeitar a celebração devem passar primeiro, pela aprovação do Capitão do Mastro do Divino. Como os demais personagens, devem ser casados, conduta honrosa e ser membro ativo da comunidade do Divino.

É o Capitão do Mastro que faz a busca na mata pelo Mastro do Divino, ele escolhe mais alguns homens e saem à procura do tronco de açazeiro mais longo que eles conseguirem encontrar. Momento de muita descontração para eles, pois é uma mistura de diversão e devoção.

Na concepção de Cirlot (1992, p. 79) essa prática é antiga, remota a raízes orientais, com o significado que buscavam mediante esta prática, ligar o ser humano ao cosmos e a um ser superior. Ao analisarmos com cuidado, na Festa do Divino é exatamente como o autor acima mencionou, eles demonstram ao escolher a melhor árvore, depois ornamentá-la e preparar-la para que fecunde novamente a fé que os fiéis empregam ao Divino.



Figura 61 - Capitão do Mastro eleito em 2016 em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. 2016

4.3 Símbolos católicos

O catolicismo traz consigo, diversos símbolos que despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão simbólica do mundo. Para um homem não religioso, os símbolos utilizados no culto do Divino Espírito Santo não possuem qualquer relação com o sagrado, enquanto que para um homem religioso, esses mesmos símbolos representam a personificação da própria divindade.

Para Cassirer, somos homens simbólicos em nossa forma de pensar, através da linguagem construímos um mundo de símbolos – um mundo cultural – é nesse mundo “artificial” no qual o Homem vive. Existem vários “mundos” que são conformados a partir de diferentes perspectivas, assim temos as Formas Simbólicas: Mito, Arte, Religião, Ciência, entre outros (CASSIRER, 2005).

Através da religiosidade dos devotos do Divino, vemos que todos os símbolos são sagrados, transmitem a fé empregada por eles, mas alguns desses símbolos já vêm antes mesmo da celebração do Divino começar, são criações do próprio cristianismo.

4.3.1 Pomba

Para o cristianismo a pomba significa o próprio Divino Espírito Santo em seu símbolo maior. Representa a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, manifestada no batismo de Jesus Cristo, no Rio Jordão, por João Batista. Sinal do amor de Deus, símbolo de esperança, paz, e mansidão. Outros exemplos estão em: Gênesis 1,2 - O Espírito de Deus paira sobre as águas. Gênesis 8,8-12 - A arca de Noé.

Na visão de Cirlot (1992, p. 90) desde o antigo Egito as aves são representatividade das almas humanas e a pomba por ser considerada simples e unificadora, se encaixa no simbolismo do Divino, que prega a mensagem de paz, amor e unificação de seus devotos.

A pomba é o símbolo da celebração da Festa do Divino em todas as celebrações no Brasil. Ela é colocada na ponta do Mastro, como sinal de estar abençoando a todos os povos. Em Guajará-Mirim, de forma especial, durante vários anos tem sido confeccionado Landulfo. O mesmo a talha em madeira e a pinta de

cor prata para ficar padronizada com a Coroa e o Cetro. O entrevistado nos conta mais sobre esse trabalho artesanal:

Gosto muito de saber que eu fiz a pomba, é um momento meu com o Divino, sempre que eu puder, vou fazer. Este ano de 20016, eu fiz uma maior, para aparecer mais, porque as fitas acabam tampando a pombinha toda, a comunidade gostou! (Entrevista realizada em março de 2016).



Figura 62 - Pomba confeccionada pelo senhor Landulfo usada em anos anteriores a 2015.
Fonte: SOARES, Meridiana. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 63 - Pomba feita pelo senhor Landulfo (na foto) para 2016.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

4.3.2 Fogo

Pelos preceitos do catolicismo está em capítulo 2 de Atos dos Apóstolos, quando os apóstolos e Maria se reuniram no Cenáculo e sobre eles vieram as línguas de fogo, estabelecendo assim o dia de Pentecostes. Outro exemplo está no Antigo Testamento, em 1 Reis, capítulo 18, versículos 36-38, onde Elias pede a Deus o fogo do Céu.

O fogo do qual se fala na simbologia do Divino, é mesmo que sempre aparece nas celebrações católicas, é aquela vela chamada de Círio que permanece acesa durante toda a celebração.

Nas palavras de Cirlot (1992, p 209) o fogo é fonte de purificação e vitória contra o mal, na busca pela transcendência da condição humana. Podemos assim colocar que é justamente essa a simbologia do fogo para os devotos do Divino, um momento no qual eles se sentem purificados de todos os males que seus corações carregam.



Figura 64 – Círio simboliza o fogo sagrado do Divino.
Fonte: PEREZ, Anete, 2016.

4.3.3 Água

Tornada sacramental simboliza e significa a ação do mesmo Espírito, no batismo, Paulo confirma: “Fomos batizados num só Espírito”. E “Todos bebemos de um só Espírito”. (1Cor 12,13). A água simboliza a pureza, a vida. O Espírito Santo é

a “água viva” descida do céu para nos lavar e purificar. Cirlot (1992, p. 53) corrobora com o pensamento ao colocar que das águas surge todo ser vivente assim como de uma mãe.

Existe uma ritual da Romaria no Vale do Guaporé, sempre que o Carité vai se aproximando das margens da comunidade onde irá realizar a visita, os remeiros começam a remar com maior intensidade, ao ponto de fazer essas ondinhas que vemos na Figura 66, e essas remadas devem respingar nos devotos que ficam dentro do rio, justamente para receber o considera benção do Divino através das águas.



Figura 65 - Remeiros do Divino pelas águas do Guaporé (foto usada para simbolizar a água sagrada).
Fonte: BONFIM, Marcela, Costa Maques, 2015.

4.3.4 Igreja

A igreja é considerada para o homem e mulher religiosos, especialmente o católico, por estarmos falando de um festejo ligado ao catolicismo, como um espaço sagrado, assim como os símbolos envoltos nas celebrações religiosas. Como demonstra Mircea Eliade:

[...] para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ele se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (1992, p.28-29).

Os devotos do Divino em Guajará-Mirim sentem muito orgulho em dizer o quanto foi difícil, mas compensador terem conseguido construir a Igreja do Divino na cidade. Como mencionado no capítulo anterior, somente comunidades com Igreja própria poderiam sediar a celebração anos atrás.

É considerado um lugar de refugio dos males da alma, onde os fiéis procuram alívio e entendimento do ser superior em quem acreditam. Para uns é um lugar de extrema sacralidade, para outros um espaço no qual participa apenas dos atos mais importantes de celebrações. Mas, sem dúvidas é um lugar buscado por muitos, mesmo que por curiosidade. Cirlot (1992, p.431) nos mostra que o templo celestial é recriado na terra pela fé que os fiéis sentem de estar mais perto do que acreditam.



Figura 66 - Igreja construída em homenagem ao Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. 2015.



Figura 67 - Altar da Igreja do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. 2015.

4.4 Dons do Espírito Santo



Figura 68 - Símbolo representando os sete dons do Espírito Santo. Imagem que fica na frente da Igreja do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. 2015.

Estes dons são graças de Deus segundo o cristianismo e, só com nosso esforço, não podemos fazer com que cresçam e se desenvolvam. Necessitam de uma ação direta do Espírito Santo para podermos atuar dentro da virtude e perfeição cristã.

No Espírito Santo, Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, reside o Amor Supremo entre o Pai e o Filho. Dentro do catolicismo são sete os dons ofertados pelo Espírito Santo, sua relação com a festa do Divino em Guajará-Mirim acontece quando se inicia a Novena de Pentecostes. Durante sete dias da novena, em cada um deles são realizados as orações para os fiéis pedirem pelos dons, são momentos de verdadeira adoração e devoção, no qual afirmam sua fé e esperança na vida.

Os participantes da novena acreditam que somente assim terão as condições físicas e espirituais necessárias para aguentarem firmes os cinquenta dias do festejo e mais um ano de muitas lutas e provações.

4.4.1 Fortaleza

Por essa virtude, Deus nos propicia a coragem necessária para enfrentarmos as tentações, vulnerabilidade diante das circunstâncias da vida e também firmeza de caráter nas perseguições e tribulações causadas no dia a dia do cristão. Lembremos que foi com muita coragem, com muito heroísmo, que os santos desprezaram as

promessas, as blandícias e ameaças do mundo. Destes, muitos testemunharam a fé com o sacrifício da própria vida.

O Espírito Santo lhes imprimiu o dom da Fortaleza e só isto explica a serenidade com que encontraram a morte! Resistir a tudo a tudo que é pesado requer em primeiro lugar muita oração, força de vontade e combate resolutivo. Cirlot (1992, p. 188) afirma que nesta virtude, a alma se fortalece para praticar toda a classe de atos heróicos, com invencível confiança em superar os maiores perigos e dificuldades com que nos deparamos diariamente. Ajuda-nos a não cair nas tentações e ciladas do demônio.

4.4.2 Sabedoria

O sentido da sabedoria humana reside no reconhecimento do saber eterno de Deus, Criador de todas as coisas que distribui seus dons conforme seus desígnios. Para alcançarmos a vida eterna devemos nos aliar a uma vida santa, de perfeito acordo com os mandamentos da lei de Deus e da Igreja.

Nisto reside à verdadeira sabedoria que Cirlot (1992, p. 42) nos mostra como os demais, não brota de baixo para cima, jamais será alcançada por esforço próprio. É um dom que vem do alto e flui através do Espírito Santo que rege a Igreja de Deus sobre a terra. Permite-nos entender, experimentar e saborear as coisas divinas, para poder julgá-las retamente.

4.4.3 Ciência

Tornam-nos capazes de aperfeiçoar a inteligência, onde as verdades reveladas e as ciências humanas perdem a sua inerente complexibilidade (CIRLOT, 1992, p. 55). Nossas habilidades com as coisas acentuam-se progressivamente em determinadas áreas, conforme nossas inclinações culturais e científicas, sempre segundo os desígnios divinos, mesmo que não nos apercebamos disso. Todo o saber vem de Deus.

Se tivermos talentos, deles não nos devemos orgulhar, porque de Deus é que os recebemos. Se o mundo nos admira, bate aplausos aos nossos trabalhos, a Deus é que pertence esta glória, a Deus, que é o doador de todos os bens.

4.4.4 Conselho

Permite à alma o reto discernimento e santas atitudes em determinadas circunstâncias. Ajuda-nos a sermos bons conselheiros, guiando o irmão pelo caminho do bem. Hoje, mais do que nunca está em foco a educação da mocidade e todos reconhecem também a importância do ensino para a perfeita formação da criança. Para Cirlot (1992, p. 82) nos traz os conselhos dados aos cristãos pelos apóstolos, sobre o modo como devíamos nos comportar com as demais pessoas, pensando sempre no outro antes si mesmo.

As dificuldades internas e externas, materiais e morais, muitas vezes passam pelo dom do Conselho, sem disto nos apercebermos. É uma responsabilidade, portanto, cumprir a vontade de Deus que destinou o homem para fins superiores, para a santidade. Para que possamos auxiliar o próximo com pureza e sinceridade de coração, devemos pedir a Deus este precioso dom, com o qual O glorificaremos ao mostrarmos ao irmão as lições temporais que levam ao caminho da salvação.

É sob a influência deste ideal que a mãe ensina o filhinho a rezar, a praticar os primeiros atos das virtudes cristãs, da caridade, da obediência, da penitência, do amor ao próximo.

4.4.5 Entendimento

Torna nossa inteligência capaz de entender intuitivamente as verdades reveladas e naturais, de acordo com o fim sobrenatural que possuem. A aparente correlação não significa que quem possui a sabedoria, já traga consigo o entendimento por consequência (ou vice-versa). Existe uma clara distinção entre um e o outro. Para exemplificar: Há fiéis que entendem as contemplações do terço, mas o rezam por obrigação ou mecanicamente (Possuem o dom do entendimento).

Há outros que, por sua simplicidade, nunca procuraram entender o seu significado, mas pratica sua reza com sabor, devoção e piedade, sem saber seu vasto sentido (possuem o dom da Sabedoria). Cirlot (1992, p. 293) nos apresenta essa diferença, ao expor que a sede de conhecimento terrestre é um meio para alcançarmos a verdadeira espiritualidade.

Este exemplo, logicamente, se aplica às ciências naturais e divinas, logo ao nosso dia-a-dia. Não sendo um consequência do outro, são distintamente preciosos

e complementam-se mutuamente, nos fazem aproximar de Deus com todas as nossas forças, com toda a nossa devoção e inteligência e sensível percepção das coisas terrenas, que devem estar sempre direcionadas às coisas celestes.

4.4.6 Piedade

Cirlot (1992, p. 45) nos mostra que a piedade é uma virtude que os nobres devem exercer para com os seus e que os humildes de coração carregam naturalmente. É uma graça de Deus na alma que proporciona salutareos frutos de oração e práticas de piedade ensinadas pela Santa Igreja. Nos dias de hoje, ao considerar a população mundial, há poucas, muito poucas pessoas que acham prazer em serem devotas e piedosas; as poucas que o são tornam-se geralmente alvo de desprezo ou escárnio de pessoas que tem outra compreensão da vida. Realmente, é grande a diferença que há entre um e outro modo de viver.

Resta saber qual dos dois satisfaz mais à alma, qual deles traz mais consolo lhe dá na hora da morte, qual dos dois mais agrada a Deus. Não é difícil acertar a solução do problema. Num mundo materialista e distante de Deus, peçamos a graça da piedade, para que sejamos fervorosos no cumprimento das escrituras.

4.4.7 Temor de Deus

Teme a Deus quem procura praticar os seus mandamentos com sinceridade de coração. Como nos diz as Escritura, “devemos buscar em primeiro lugar o reino de Deus, e o resto nos será dado por acréscimo”. (BÍBLIA, Mateus, 6:33). O mundo muitas vezes sufoca e obscurece o coração. Todas as vezes que transigências fizeram às tentações, com certeza desprezamos a Deus Nosso Senhor.

Quantas vezes preferimos a causa dos bens miseráveis deste mundo e esquecemo-nos de Deus! Quantas vezes tememos mais a justiça dos homens do que a justiça de Deus! Santo Anastácio a este respeito dizia: "A quem devo temer mais, a um homem mortal ou a Deus, por quem foram criadas todas as coisas?". São questionamentos que constantemente os devotos se fazem, pois para eles, sua fé e obediência devem prevalecer sobre todas as demais coisas.

Conforme as pesquisas foram realizadas, a autora notou que essa festa religiosa, não trazia como simbologia apenas a coroa de prata, o cetro, a bandeira, e

os dons do Espírito Santo, são os principais sim, mas não são os únicos. Cada região a Festa do Divino se adaptou conforme o povo local, em Rondônia não foi diferente, aqui a romaria no Vale do Guaporé é feita principalmente pelas águas.

Na concepção de Cassirer ([1924] 2004, p.35) “a consciência se libera do aprisionamento passivo na impressão sensível e progride para a criação de um mundo próprio, formado segundo um princípio espiritual”. São através desses ensinamentos ditos religiosos que homem baseia sua vida real e se liberta do que considera pecaminoso para si.

4.5 Símbolos característicos do Vale do Guaporé

São essas simbologias recriadas, adaptadas à região do Vale do Guaporé e Guajará-Mirim que mostraremos a seguir. Apesar de não “serem autênticas” das primeiras festas realizadas, elas não são menos veneradas pelos devotos. Para continuar a devoção por esta festa, o povo se adapta ao ponto de construir novos símbolos que ajudem na manutenção e perpetuação. Eliade (1996, p. 15) chama que [...] Toda essa porção essencial e imprescritível do homem – que se chama imaginação – está imersa em pleno simbolismo.

4.5.1 Barco (Carité)

Conhecido como Igreja (capela) fluvial, que conduz os símbolos do Senhor Divino Espírito Santo e parte da romaria nas festividades religiosas. (BÍBLIA, Mateus 5: 1-9). Já foi descrito anteriormente, mas ele é um barco movido a motor na atualidade, com uma das partes cobertas de palhas para proteger os símbolos e os integrantes que se revezam, pois o barco não muito grande.

Segundo Cirlot (1992, p. 98) o barco tem a mesma funcionalidade que qualquer outro transporte, o de levar para diferentes lugares, os pertences, pessoas e mensagens que um povo necessita passar.



Figura 69 - – Barco (Carité).
Fonte: PAIVA, Robson. 2015.

Este meio de transporte é o utilizado pelos romeiros do Vale do Guaporé, para o deslocamento da Coroa pelas águas dos rios Guaporé e Mamoré, dentro da carité podem navegar somente 12 remeiros, o Imperador e os foliões. Atualmente, a Irmandade do Divino admite aumentar o número dos remeiros para 14 ou 16, quando a embarcação usada permite, para que possam atender a grande procura por essa função, pelos promesseiros.

Havendo muitos promesseiros para participarem da viagem no barco, eles são aceitos nas funções de 2º Caixeiro, 2º Copeiro e 2º Cozinheiro. Os encarregados do barco ou batelão, da Coroa e o Mestre dos Foliões, são escolhidos pelo Imperador da Festa. Os outros são sorteados ou aceitos por serem promesseiros.

Em Guajará-Mirim esse símbolo não é utilizado, pois toda a romaria é realizada por terra e quando necessário o deslocamento para áreas rurais, o fazem mediante a locação com a ajuda financeira de todos que se propuserem de um ônibus. A comunidade daqui só recebe o carité quando é sorteada para receber a coroa, algo que não acontece todos os anos como já fora mencionado.

4.5.2 Remo

Instrumento usado pelos remeiros para deslocar o barco, segundo Cascudo (2001) o remo, foi um dos principais suportes utilizados pela navegação. No caso da festa do Divino a principal função é o de jogar as águas em saudação aos povos

fiéis. (BÍBLIA, Mateus 3: 16–17). Esse deslocamento ocorre somente quando se aproximam das margens, normalmente no barco é utilizado a motor.

As águas que os remeiros esperam jogar nos fiéis simbolizam as águas do batismo. Senhor Dionísio nos contou que para esse efeito de ondinha na água, o remo deve ter esse formato meio arredondado. Este símbolo é confeccionado por artesãos das comunidades, com a ajuda dos próprios remeiros.



Figura 70 - Remo utilizado pelos devotos do Divino.
Fonte: Irmandade do Divino em Costa Marques, 2015.

4.5.3 Ronqueira

Instrumento de som e alarme usado para alertar a chegada e saída do barco nas localidades. (BÍBLIA, Apocalipse, 11:15). Em Guajará-Mirim a ronqueira é feita de uma caixa de madeira com um cano de ferro e muita pólvora por dentro, ao ser acionado o cano de ferro para dentro da caixa, causa um estrondoso som, que na crença dos devotos, é utilizada para anunciar a chegada e saída da romaria nas casas e também para afastar o demônio.

Segundo Cascudo (2001) herdamos esse instrumento de Portugal, onde os jogos de pirotecnia são bem utilizados nas festas. Em cada localidade, região do Brasil, esse som é repercutido por diferentes instrumentos. Em algumas regiões como no centro oeste, até o uso do berrante substitui a ronqueira. (MARIANO, 2007).



Figura 71 - Ronqueira utilizada nos festejos do Divino em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. Abril de 2016.

Este instrumento pode variar conforme a localidade, em Guajará-Mirim é parecido a um caixote, feita de madeira para provocar um sol alto sempre que acionado pelo encarregado do mesmo.

4.5.4 Lenço branco e colete

São símbolos de identificação da romaria, constituída pelas normas legais e aprovada por unanimidade pelos principais membros das Irmandades. As vestimentas dos membros da Irmandade são de fundamental importância para eles, marcam um ritual de diferenciação dos demais participantes da festa. Os devotos do Divino sempre revezam as cores que irão utilizar nas festas, por vezes é o vermelho, outras o azul e também pode ser branco.

Nas palavras de Cirlot (1992, p. 182) o vermelho simboliza o fogo estimulador, atividade intensa. Usado nas roupas, traz a mensagem de poder, energia e vigor. Para os devotos do Divino, o vermelho da roupa traz a simbologia do sangue derramado por Cristo. O que não deixa de simbolizar “poder”, pois na visão dos cristãos e de Cirlot é exatamente isso que significa. (Figura 72).

Os devotos do Divino vem a cor branca das roupas como sinal de pureza e humildade perante a Deus, para Cirlot (1992, p. 100) o branco indica uma “vontade”

significado da cor se complementa, pois ambas explicações chegam a um consenso da busca pela pureza espiritual. (Figura 73).

No momento de explicar a cor azul das vestimentas (normalmente são os coletes), os devotos fizeram menção às águas, símbolo de purificação. No entendimento de Cirlot (1992, p. 135) nos traz que o azul claro é simbologia do céu que véu da divindade, é o dia e o mar sereno. Ao observarmos atentamente os devotos do Divino, somente usam coletes azuis claro, então podemos dizer que mesmo sem um conhecimento profundo das cores, eles estão se baseando em costumes milenares que com os anos foram sendo cristianizados para o mantimento do poderio cristão. (Figura 74).

Em todas as figuras abaixo, observamos o uso constante dos lenços na cabeça dos romeiros, remeiros, foliões também usam, tanto para os devotos do Divino como para Cirlot (1992, p. 229) sinal de respeito a um ser superior, mostrando submissão e veneração.



Figura 72 - Romeiros usando colete e lenço na cabeça, romaria em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa. abril de 2016.



Figura 73 - Remeiros com os coletes brancos.
Fonte: BONFIM, Marcela, 2015.



Figura 74 - Remeiros com coletes azuis claros.
Fonte: BONFIM, Marcela, 2015.

4.5.5 Fitas

Simboliza a fé dos devotos, sem tamanho, cor ou classe, elas são amarradas aos principais símbolos: a coroa, o cetro e o mastro. Essas fitas duram anos presas a estes símbolos, são retiradas apenas quando estão com aparência muito velha, mas enquanto estiverem em boas condições, elas são retiradas e postas para lavar, logo voltam a ser colocadas, juntamente com outras fitas novas trazidas pelos devotos e promesseiros.

Perguntados pela origem, o porquê dessas fitas amarradas, os devotos não sabiam explicar exatamente como surgira. Apenas sabem que significam, promessas feitas ou graças alcançadas pelos fiéis. Para Cirlot (1992, p. 268) essa

simbologia de amarrar fitas aos símbolos é sinal de “ligação” com o mundo, com a ordem e no caso dos devotos, uma ligação com Deus. Ainda segundo o autor, essa amarração é tão antiga, é uma arte criada pelo homem da qual no se sabe exatamente quando surgiu, não sendo possível atribuir-las nem aos bárbaros e nem aos elementos asiáticos.



Figura 75 - Fitas que foram retiradas dos símbolos e postas para lavar.
Fonte: SOARES, Meridiana. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 76 - Fitas usadas para simbolizar as promessas.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

4.5.6 Mastro

O levantamento e a descida do Mastro (Figuras 77, 78 e 79) é uma cerimônia em que um grupo de pessoas levanta um tronco de árvore para dar início aos festejos e fazem o mesmo ao descer esse tronco para simbolizar o final da festa. É

uma tradição ancestral, de origem pagã, originalmente celebrada em diversos países da Europa, simboliza a força e fertilidade masculina.

O mastro é resguardado pelo personagem do Capitão do Mastro, que deve ter como funções, a de ir buscar na mata o melhor açazeiro e o mais longo possível. No ano de 2016, foi quando a pesquisadora participou da festa em todos os momentos, o Mastro preparado para essa festa teve mais de 20 metros de altura. E uma fala ficou bem nítida na cabeça ao ouvi-la no momento do levantamento: *Força meu povo, que medo é esse de levantar o Mastro? Tenham fé, quando foi que ele caiu? O Divino vai segurar-lo!* Palavras proferidas pelo Sr. Landulfo em entrevista feita em março de 2016.

No entendimento de Cirlot (1992, p.75) representa, no sentido mais amplo, a vida do cosmos, sua profundidade, o crescimento, proliferação e regeneração. Como vida inesgotável equivalente a imortalidade. Durante a ritual do levantamento do Mastro, a pesquisadora observou que somente homens podem carregar-lo e tocá-lo, o que afirma o exposto pelo autor, que revela a superioridade que os homens sempre buscaram revelar.



Figura 77 - Ritual de busca do Mastro para seu levantamento.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, abril de 2016.



Figura 78 - Levantamento do Mastro do Divino.
Fonte: PEREZ, Anete, 2015.



Figura 79 - Derrubamento do Mastro em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana da Costa, 2016.

4.6 Símbolos alimentares

Ao iniciarmos as primeiras leituras sobre a Festa do Divino, notamos que uma das simbologias mais fortes é a alimentar. Desde a época da Imperatriz Dona Isabel, essa prática se realizava com o nome de “bodo”, que era a prática de alimentar os mais pobres do reino. Segundo Etzel (1995) esses rituais de fartura e abundância tem origem pagã, que realizavam suas colheitas e depois preparam banquetes para celebrar.

Aqui no Brasil esse costume assumiu diferentes formas, conforme foi se adaptando as regiões onde foi se estruturando a festa. No Vale do Guaporé, não existe banquetes públicos, por exemplo, do que acontece em Goiás, Maranhão ou Minas Gerais, na região em questão como em Guajará-Mirim, as refeições são oferecidas pelas famílias que se oferecem como sinal de pagamento ou recebimento de promessas.

Essas famílias são previamente sorteadas no final de cada festa e a o roteiro pré-estabelecido é seguido à risca no ano seguinte. É oferecido, café da manhã, lanche, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche do pernoite. As famílias que se candidatam devem saber que a comida tem que ser suficientes para um número de pessoas, pois nunca se sabem quantas serão e não podem correr o risco de faltar.

Não tem nenhuma preferência sobre quais tipos de comidas devem ser oferecidas como tradição. Por ser uma região de fronteira, as culinárias de ambos países se misturam, (Figuras 80 e 81), entre as comidas brasileiras. São momentos de comunhão entre a romaria e os anfitriões, além de abastecer o corpo para continuar a caminhada, onde cantam muito, rezam e se divertem.



Figura 80 - Café da manhã oferecido a Romaria e devotos em Guajará-Mirim.
Fonte: PEREZ, Anete, 2016.



Figura 81 - Lanche oferecido aos romeiros e devotos em Guajará-Mirim.
Fonte: TABORGA, Ana Carla, 2016.

CAPÍTULO V – Festa do Divino representada em imagens e cânticos



Foto 82 – Réplicas dos símbolos do Divino expostos no altar da Igreja em Guajará-Mirim
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

Ao pesquisar determinado assunto, o autor procura muito mais que escrever sobre a temática proposta, tem como finalidade transmitir seu conhecimento adquirido para com os demais.

O geógrafo como foi abordado claramente ao longo do trabalho, se preocupa em como a ação do homem molda tudo que toca. Assim ocorre com as modificações que um evento tão simbólico como é o Festejo do Divino sofre, não pode ser limitado apenas por descrições escritas, precisa-se de representatividade através de imagens.

As imagens fazem parte da vida do ser humano desde os primórdios dos tempos e são extremamente importantes para a leitura e significação do mundo, para permitir a análise dos fatos que cotidianamente nos rodeiam. “Sem a imagem a cotidianidade seria impossível. Mesmo quando não temos uma fotografia para cada situação, o imaginário cria a imagem em nós e para nós” (MARTINS, 2009, p.43).

Este capítulo de imagens se justifica para que possamos captar de forma visual a essência deste festejo que por vezes se torna difícil descrever com palavras, como nos apresenta Eliade (1996, p. 11) “se o espírito utiliza as Imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória, e conseqüentemente não poderia ser expressa por conceitos”.



Figura 83 - Carité (barco capela) pelas águas do Rio Guaporé, a bordo levam as promessas e esperança dos promesseiros.

Fonte: BONFIM, Marcela, abril de 2016.

*Vinde, vinde Santo Espírito, Espírito Consolador.
Vinde, vinde nos consolar pelo vosso amor.
Divino Espírito Santo, Pai de toda Cristandade,
sois a terceira pessoa da Santíssima Trindade.
(Cânticos ao Divino)*



Figura 84 - – Diácono Francisco durante a catequese aos devotos do Divino, momento de preparação do espírito para serem fortes e fiéis ao longo dos cinquenta dias de festa.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 85 - Devotos do Divino na catequese, momento de receber a palavra de Deus.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*Como membro desta Igreja peregrina, Recebi de Jesus Cristo uma missão,
levar a Boa Nova a toda gente, a verdade, a paz e o perdão.
Tendo vencido a morte, o Senhor nos abriu horizonte feliz,
pois nosso peregrinar pela face do mundo terá
seu final na morada do Pai. (cânticos ao Divino)*



Figura 86 - Símbolos que serão levados para ornamentação na Sede da Irmandade, são guardados na Igreja logo após o encerramento da festa e retirados no ano seguinte para receberem fitas e enfeites novos.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 87 - Membros e devotos reunidos na ornamentação dos símbolos (coroa, cetro e bandeira), acrescentam novas fitas e com elas novas promessas e esperança para a comunidade.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

Vou te oferecer a vida e tudo que já sei viver: tempo e trabalho, amor que eu espalho, coisas que me fazem crer. Vou te oferecer o pranto, aquilo que é meu sofrer. Paz que ainda não sei, e tudo que errei, é coisas que me fazem crer.



Figura 88 - Coroa de prata do Divino, as fitas da festa passada foram retiradas para lavar e posteriormente colocadas com mais fitas novas.
 Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 89 - Fitas da Coroa, Cetro e Bandeira, postas para lavar e secar na sede da Irmandade do Divino, momento de muita felicidade para os devotos.
 Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*O nosso Deus, com amor sem medida, chamou-nos à vida, nos deu muitos dons.
 Nossa resposta ao amor será feita se a nossa colheita mostrar frutos bons. Mas é
 preciso que o futuro se parta e se reparta na mesa do amor.
 (cânticos ao Divino)*



Figura 90 - Cetro da Imperatriz, foram colocadas as fitas antigas anteriormente lavadas e fitas novas trazidas pelos promesseiros.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 91 - A Coroa recebendo as fitas velhas e novas.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

Todos somos evangelizadores com a missão de anunciar a mensagem de Cristo entre os irmãos e com gesto concreto transformar. Mas dentre nós sairá alguém que este apelo de Cristo escutou: tu deixas tua família e tua terra. Vai mais adiante o meu amor! (Cânticos ao Divino)



Figura 92 - Senhor Landulfo (Presidente da Irmandade) na ornamentação do mastro. A pomba que vemos na imagem foi confeccionada pelo senhor Landulfo.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 93 - Preparação da Bandeira para ser colocada no mastro.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*Minha alma engrandece ao Senhor, meu espírito se alegra no Senhor, meu Salvador, meu Salvador. Porque contemplou minha humildade, por seu amor me bendirá a humanidade, por seu amor, Santo é o Senhor, santo é o Senhor.
(Cânticos ao Divino)*



Figura 94 - Os Instrumentos musicais também recebem fitas coloridas com promessas e pedidos.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 95 - Símbolos já ornamentados e prontos para ficarem expostos na Igreja. São tantas fitas recebidas que não é possível notar a coroa, o cetro e pomba do mastro.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*Senhor faça-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve amor.
Onde houver ofensa, que eu leve perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a
união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Pois é dando que se recebe, é
perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.
(Cânticos ao Divino)*



Figura 96 - O mastro que será hasteado dando início à celebração do Divino. Momento de alegria para as crianças que normalmente ajudam dessa tarefa.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*Criança feliz, que vive a cantar, alegre embalar seu sonho infantil.
O meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil.
Crianças com alegria, qual um bando de andorinhas, viram Jesus que dizia:
“Vinde a mim as criancinhas”.*



Figura 97 - Início da Missa do Divino e apresentação dos símbolos e dos representantes do Império do Divino.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 98 - Foliões animam a Missa e se preparam para a romaria.

Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*Juntos como irmãos, membros da Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor. Somos povo que caminha num deserto como outrora lado a lado, sempre unidos para a terra prometida. Na unidade caminemos foi Jesus quem nos uniu, nosso Deus hoje louve, seu amor nos reuniu. A Igreja está em marcha, a um mundo novo vamos nós, onde reinará a paz, onde reinará o amor,
(cânticos ao Divino)*



Figura 99 - Início da romaria logo após a Missa de abertura.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.



Figura 100 - Momentos que configuram a romaria, foliões na entoação dos cânticos pelas ruas de Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana, abril de 2016.

*Canta, canta meninada! Canta alegria, esta canção, esta nação!
No embalo deste canto vai danar meu coração, meu coração!
Criançada abra a roda, que a esperança que entrar vão em frente,
abrir caminho, nova história quer chegar! Lá, lá, lá...
Batam palmas pra alegria, catem cantigas de amor, um sorriso pra
amizade, dancem, pisem sobre a dor! Lá, lá, lá...
(Cânticos ao Divino)*



Figura 101 - Romaria em visita as residências que desejam receber os símbolos.
 Fonte: PEREZ, Anete. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 102 - As famílias de devotos e promesseiros do Divino costumam acolher aos romeiros e demais integrantes com muita festa e fartura, forma de agradecimento pelas bênçãos.
 Fonte: PEREZ, Anete. Guajará-Mirim, 2016.

*Bendita e louvada seja esta santa Romaria!
 Bendito o povo que marcha,
 bendito o povo que marcha
 tendo Cristo como guia.
 (Cânticos ao Divino)*



Figura 103 – Ritual de bênçãos dos símbolos em residência de devotos.
Fonte: PEREZ, Anete. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 104 - Romeiros em momento de louvor ao Divino, eles chamam de pernoite, realizados em uma residência de devotos.
Fonte: PEREZ, Anete. Guajará-Mirim, 2016.

*Louvado seja sempre o coração de Jesus.
Bendito Louvado seja o coração amoroso que pelo homem
deu à vida sendo sempre poderoso. Sendo sempre poderoso,
seja bendito e louvado que por amante morreu em uma cruz crucificado.
(Cânticos ao Divino)*



Figura 105 - Corte do Divino, pronta para iniciar o levantar do Mastro.
 Fonte: SOARES, Meridiana. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 106 - Devotos, romeiros e fiéis (somente homens) na condução do Mastro para Igreja do Divino.
 Fonte: ARGOBE, Ariel. Guajará-Mirim, 2016.

*Divino companheiro do caminho tua presença sinto ao longe a
 transitar e de mim se vão todas as coisas só tenho a luz, a luz bendita
 do Senhor. Fica Senhor já se faz tarde tens meu coração para pousar
 faz em mim morada permanente fica Senhor, fica Senhor, meu salvador.
 (Cânticos ao Divino)*



Figura 107 – Momento de levantar o Mastro ao lado da Igreja do Divino.
Fonte: ARGOBE, Ariel. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 108 - Mastro do Divino hasteado.
Fonte: ARGOBE, Ariel. Guajará-Mirim, 2016.

*Unamos nossas mãos irmãos. Unamos nossas mãos para trabalhar,
unamos nossas mãos e seremos mais. Sozinhos não poderemos,
juntos somos mais. De mãos unidas para uma nova humanidade.
De mãos unidas para uma nova vida onde reine a justiça e o amor.
(Cânticos ao Divino)*



Figura 109 - Romeiros de ida para área rural de Guajará-Mirim.
Fonte: ARGOBE, Ariel. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 110 – Chegada da Romaria em zonas rurais.
Fonte: ARGOBE, Ariel. Guajará-Mirim, 2016.

*Quão grande és Tu.
Quando a vagar nas matas e florestas o passaredo alegre ouço
a cantar olhando os montes, vales e campinas eu tudo vejo o teu
poder sem par. Quando eu medito em seu amor tão grande,
seu filho dado ao mundo para salvar na cruz vertendo o
seu precioso sangue, minha alma pode assim purificar.
(Cânticos ao Divino)*



Figura 111 - Momento de devoção ao Divino Espírito Santo através dos símbolos.
 Fonte: SOARES, Meridiana. Guajará-Mirim, 2016.



Figura 112 - Romeiros e Foliões junto com a Imperatriz de 2016, momentos de eternizar toda a devoção empregada por eles ao festejo.
 Fonte: FERREIRA, Tacio. Guajará-Mirim, 2016.

*Como membro desta Igreja peregrina,
 recebi de Jesus Cristo uma missão,
 de levar a boa nova a toda gente,
 a verdade, a paz e o perdão.
 (Cânticos ao Divino)*



Figura 113 - Igreja do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.
Fonte: SOARES, Meridiana. Guajará-Mirim, 2015.



Figura 114 - Altar no qual se encontram os principais símbolos do Divino (Coroa, Cetro e Bandeira), motivo de muito orgulho para a comunidade que trabalhou para que essa reforma fosse realizada.
Fonte: SOARES, Meridiana. Guajará-Mirim, 2015.

*Vinde Divino Espírito Santo!
Fazei que possamos ir aonde vós levais.
Vós nunca vos ausentais, ar que respiramos, vento que acompanhais,
Clima que aconchegais.
Vinde para arrancar-nos, numa ventania de verdade e graça,
De tantas raízes de mentira e medo que nos escraviza.
(Oração final ao Divino)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas manifestações culturais/religiosas, relacionadas ao Divino Espírito Santo pelo mundo nos fazem observar como a devoção para alguns seres humanos, se apresenta como parte integrante de sua existência. Pela qual se apresenta de várias formas, assim como aconteceu no século XIV em Portugal, na qual a mesma iniciou os festejos em devoção ao Divino, por uma graça alcançada por parte da realeza e se propagou em território português.

Essas festividades se caracterizam até os dias atuais, como uma “inversão” de valores, no momento que o império se desvestindo por alguns momentos de seu poder e transferindo ao povo esses valores. Ao chegar ao Brasil, em cada região essas características se acentuam e/ou se modificam, se adaptando as comunidades e para o povo.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a Festa do Divino Espírito Santo no Município de Guajará-Mirim/RO, juntamente com todo o seu sistema simbólico, ritualístico e religioso. Na busca pela compreensão de como o festejo chegou a terras rondonienses, modificando a vida dos habitantes desta região e a relação desse espaço ocupado com a religião.

Buscou-se analisar também, a preparação da festa, assim como alguns momentos nos bastidores, para compreendermos na essência o sentimento colocado pelos devotos quanto ao festejo e o espaço usado por estes. Dessa forma certos espaços menos conhecidos como a cozinha, a sala de reuniões, se tornaram cenários principais deste trabalho.

Os espaços criados e recriados pelos devotos são aqueles em que cada pessoa coloca sua fé, ocupa com os símbolos, ornamenta para alguns instantes dos rituais, é aquele espaço modificado pela espiritualidade individual e coletiva. Transformado pelos prédios permanentes e pelos momentâneos também. Pois é uma celebração que se desloca por grandes distâncias e diversos lugares, tomando para si por instantes como espaços pertencentes à festa.

Por ter optado pela metodologia fenomenológica e a pesquisa participante, procurou-se priorizar uma análise a partir das percepções dos autores da festa e assim entender pelo olhar deles os motivos de tamanha devoção e dedicação. Depois de um percurso teórico que fosse satisfatório, a pesquisa tratou de

apresentar a simbologia do Divino, através dos depoimentos e imagens, de forma que pudessem captar os significados do festejo.

Participar da festa em vários momentos trouxe uma bagagem de campo grandiosa, na qual procuramos expor na intenção de descrever o festejo. Foi uma experiência prazerosa tanto para a pesquisadora como para os membros da celebração. Pois foi a primeira vez que recebem a visita de alguém com a intenção de tratar sobre o Divino em Guajará-Mirim.

Procurou-se imprimir as emoções, conflitos e vitórias de toda uma comunidade, revelar o árduo trabalho atrás dos bastidores que envolvem um esforço monumental para quem está de fora e assim possam contemplar a beleza. Esse estudo também trouxe para a comunidade um conhecimento maior sobre uma festa que mesmo os mais assíduos poucos conheciam.

Tema que mesmo com tamanha riqueza cultural e religiosa para os rondonienses, ainda na havia sido estudado por nenhuma ciência na região Norte, o que fez deste trabalho relevante para os estudos geográficos em relação à religiosidade do povo guajaramirense.

A maior parte da pesquisa foi construída com depoimentos dos membros e integrantes da festa, pois existe pouca publicação quanto ao assunto. Este estudo não esgota todo o contexto que envolve o festejo quanto a sua influência em território guaporeano e boliviano, já que o foco foi à cidade de Guajará-Mirim. Mas, contribui como premissa para futuras pesquisas sobre a temática.

A questão religiosa nos grupos sociais adquire grande importância uma vez que através de suas crenças os indivíduos externam seu modo de se relacionar com o sagrado e com o divino, tendo essa relação expressa por meio dos festejos, procissões, pagamento de promessas, folguedos e demais outras manifestações da crença católica do grupo; temos então, um cenário muito amplo no que concerne ao estudo das festas religiosas.

Ao final da pesquisa, pode-se constatar que a cada ano, os devotos vêm aprimorando a realização do festejo, diríamos se atualizando, de forma que a festa ganhe novos fiéis e possa prosperar significativamente, tanto na cidade de Guajará-Mirim, como para outras localidades.

ENTREVISTAS

1. Dionísio Faustino. Membro da Irmandade do Divino Espírito Santo em Costa Marques. Entrevistado em maio de 2015.

Entrevistadora: Conte-me sobre o que conhece sobre a Festa do Divino.

Posso afirmar minha filha que foi Manoel Fernandes Coelho, que trouxe os símbolos do Divino de Vila Bela (MT) para Ilha das Flores (RO) em 1894, se não falha minha memória. Sempre foi nos contado dessa forma, eu era pequeno quando comecei a ouvir sobre essa história toda.

Tudo começou pelo seu Manoel e sua família, depois foi se espalhando pelas comunidades. Tão bonito de ver a fé do povo, sua bravura em manter uma festa bonita dessa!

O Divino é nosso Santo, nosso protetor! No começo era uma briga danada pelos símbolos, iam e vinham de Vila Bela em Mato Grosso o tempo todo. Até que tudo se resolveu para o bem da nossa devoção.

De uma forma simples, fazíamos nossa devoção, aos poucos alcançávamos novos fiéis e novas localidades na região do Guaporé.

Hoje é tudo organizado, temos que fazer roteiros da romaria, organizar alimentação, equipamentos, os uniformes. Tudo isso acontece de acordo com um estatuto feito pela Irmandade anos atrás sabe.

Antes de começar festa mesmo temos a catequese, essa catequese é importante para todos nós, nos ajuda a unirmos aprendermos a colaborar, a cuidar um do outro.

São momentos de oração, pedidos e agradecimentos por fazermos parte da festa. Alguns entram sem entender como o Divino funciona, na catequese todos aprendem o real significado. É fundamental fortalecer o espírito para que a carne não fraqueje.

Depois vem à missa de envio do Divino e a romaria sai para cumprir sua missão, são muitos dias de devoção, levando esperança a todos que precisam.

Passamos por todas as localidades do roteiro, nem sempre dá de cumprir tudo que acertamos, mas procuramos abençoar a todos.

Desde novinho eu participo com meus pais e sempre fazendo o melhor para o Divino. Sempre buscamos melhorar as coisas, evoluir como a garotada fala.

Procuramos passar essa devoção tão bonita aos mais jovens para ela não se perder.

Nos folhetos e papeizinhos que lhe estou entregando, tem muita coisa sobre a festa, vai ajudar a contar tudo direitinho, até porque nem me lembro de tudo assim...

(Dionísio Faustino, 80 anos, 63 anos de Irmandade em Costa Marques).

2. Saturnino Ribeiro. Membro da Irmandade do Divino Espírito Santo em Costa Marques. Entrevistado em maio de 2015.

Entrevistadora: O que o senhor sabe sobre as origens da Festa do Divino?

Ahh moça! Aqui no Vale do Guaporé havia dois grandes proprietários bem poderosos, ricos mesmo e de grande influência na região (Coronéis de Barranco), eram Argemiro Leite e Balbino Maciel. Argemiro esposo de Dona Eduwirgem (Edvirges) e o Maciel eram devotos em Vila Bela do Divino, então eles usando sua influência conseguiram uma réplica, bem igualzinha mesmo da Coroa deles lá, e trouxe-a para as propriedades deles aqui no Guaporé, é o que os nossos pais nos contavam.

Também tem outras histórias da vinda do Divino, bem conhecidas também, uma que o senhor Manoel Coelho teria trazido os símbolos.

Uma outra é os próprios escravos na fuga teriam pegado “emprestado” os símbolos e ao chegar na região daqui (Vale do Guaporé) começaram a pregar a devoção do Santo.

Sei dizer muito não, a memória falha sabe, mas é isso aí que lhe contei. (Saturnino Ribeiro, cerca de 80 anos, mais de 50 anos de Irmandade em Costa Marques).

3. Landulfo dos Santos. Presidente da Irmandade Geral do Divino em Guajará-Mirim. Entrevistado em fevereiro de 2014 e 26 de março de 2016. Guajará-Mirim/RO.

Eu sou um dos mais antigos aqui de Guajará-Mirim que começou a tradição do Divino, tem quem diga que fui eu que comecei com a finada Isabel e Alexandrina, mas não foi não.

Comecei a participar bem menino ainda das primeiras celebrações ainda lá no Guaporé, sempre na companhia dos meus pais, aos poucos minha participação foi se tornando regular como membro da romaria.

Comecei como todos os meninos, ajudando nos preparativos e como folião, sempre fui fiel e dedicado.

Conheço toda a luta dos devotos em fazer acontecer à festa do Divino aqui em Guajará-Mirim, não foi fácil, muitos problemas, dificuldades financeiras, brigas entre os envolvidos.

Um exemplo dessa dificuldade foi a construção da nossa Igreja, foi difícil, eles tinham que correr atrás de donativos, mão-de-obra, no começo foi uma singela capela, pois tudo que eles queriam era que ficasse pronta o quanto antes, porque assim os símbolos do Divino no Vale do Guaporé poderiam vir mais vezes para Guajará-Mirim. Nossa principal intenção era essa, receber mais a visita da Coroa. Com o passar dos anos, vimos que não se fez como pensávamos. Guajará continuava sem receber os símbolos como gostaríamos.

Sei dizer direitinho não quem são os que trouxeram o festejo para cá (Guajará-Mirim), mas no começo tinha romaria não, eram apenas celebrações realizadas por alguns devotos.

A Coroa do Divino Espírito Santo da Irmandade Geral de Guajará-Mirim saiu pela vez a caminhar pela cidade, durante 50 dias, no ano de 1995, romaria na qual os romeiros saíam pedindo ofertas aos devotos para a realização e comemoração da festa do Divino Espírito Santo. Antes disso os símbolos eram venerados apenas dentro da Igreja.

Antes as festas eram realizadas o mais parecido possível com as de Costa Marques, lá no Vale, mas não tínhamos romaria pelas ruas, como a romaria de lá, não saíamos com os símbolos, nem faziam pernoites como agora fazemos em toda a cidade e pelos povoados próximos, realizávamos a festa só dentro da Igreja e em alguma casa de devoto, fiquei muito feliz de realizar junto com meu povo a primeira romaria levando os símbolos que conseguimos fazer. Foi emocionante ver a reação das pessoas quando nos viam caminhando pelas ruas, cantando e perguntando se queriam receber o Divino em suas casas. Nem todos conheciam como a festa funcionava e o que era o Divino.

Foi por volta dos anos de 1995 que nós começamos a fazer a festa de forma bonita, igualzinha que nossos avôs faziam antes lá no Guaporé, com a missa, a coroa, o cetro, a bandeira e o que mais gosto de ver é o mastro. Ainda faltava a Igreja principal bem bonita, mas já era uma baita conquista para os devotos a nossa Capela, graças a Deus deu tudo certo e todos os anos, seja bem feito ou não, mais a festa acontece. Também fomos reformando com a ajuda de novos devotos nossa Igreja, hoje ela é a mais bonita de todas. Não foi fácil, mas o Divino nunca nos abandonou.

O povo do Divino que dificilmente consegue vir para a programação na cidade, precisa ainda mais da visita do Santo, pois tem vezes que é o único contato que terão durante o ano com o festejo. É muito bom ver como ficam felizes quando chegamos a suas propriedades. Somos tratados como “reis”, muita comida, muita atenção, saem para nos mostrar o que prosperou em suas terras e também são dias de muita conversa.

Ahhh! Minha filha, essas coisas tem que mudar um dia, o homem não vive só de farra não, o Divino é assunto sério. Foi bem difícil tirar esse costume de bebedeira e festas, perdemos muitos devotos com isso. Ficamos mal falados e a Romaria até esfriou por uns anos. Mas, com a ajuda de Dom Benedito e o Pe. Renato tudo foi se ajeitando sabe. Organizamo-nos melhor, os padres começaram a catequizar mais e o povo foi entendendo como devia funcionar a romaria. Hoje sabemos que alguns romeiros ainda saem para festas e tal, mas sem a identificação do Divino e sempre devem cumprir com suas obrigações. Fazemos uma boa festa antes e depois de toda a Romaria, mas algo em família e na Sede da Irmandade, porque assim os mais alegres não ficam sentindo falta desses momentos.

Oh! Minha filha, nos dias de hoje não tem como ser tão rígido nessas regras não, precisamos acolher a todos, e cada família tem seus problemas. Todos precisam das bênçãos do Divino, por isso sendo de coração a devoção, permitimos a todos e todas, a carregarem o cetro.

Esse cetro aí moça, é uma réplica do que fica lá em Costa Marques, depois que decidimos realizar nossa própria festa aqui em Guajará-Mirim, mandamos fazer um igualzinho pra ficar aqui na nossa igreja. Ele é feito de prata pura, todos os devotos juntos, colaboraram para que ele fosse feito.

4. Joana D'arc. Presidente da Irmandade da Ilha Saldanha. Entrevistada em 10 de fevereiro de 2014, Guajará-Mirim/RO.

Entrevistadora: Me fale sobre o que conhece sobre o Divino.

Em 1964 foi realizada a primeira festa do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim, pela coordenação da promessa, Eliséia Leguisamon Monteiro, parecida a festa do Divino do Vale do Guaporé, pois esta era integrante da Irmandade Geral do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé e sentia falta do seu santo Divino desde que veio morar aqui em Guajará-Mirim. Foi uma celebração simples, nada comparado aos festejos do Vale, foi assim: arrumou a casa dela com as cores do Divino, arrumou uma bandeira bem bonita e chamou alguns amigos para fazer uma celebração com cantos e rezas e uma festa bem grande.

5. Eduarda Calazans. Fundadora da Irmandade do bairro Santa Luzia. Entrevistada em 11 de fevereiro de 2014, Guajará-Mirim/RO.⁸

6. Francisco Pereira da Cruz. Encarregado da Bandeira. Entrevistado em 26 de março de 2016, Guajará-Mirim/RO.

Entrevistadora: Senhor Francisco, me fale como é celebrar o Divino nas zonas rurais?

O povo do campo é um povo acolhedor, sempre disposto a ajudar e são mais dedicados. A devoção deles é muito grande, dificilmente aparecem na Igreja, pois moram longe, mas sempre dão um jeitinho de aparecer durante a semana, saber se estamos precisando de alguma coisa. Já tivemos Imperador, Imperatriz, até presidente da Irmandade.

7. Tácio Ferreira Gomes. Membro da Irmandade do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim. Entrevistado em 26 de março de 2016.

Entrevistadora: Você como a ala jovem da festa, gosta de acompanhar o Divino em zonas rurais?

Sempre achei a romaria pelos sítios e ramais é uma situação mágica, pois somos tão aguardados pelos devotos. Os pernoites são de pura alegria e cantorias, rezamos muito, rimos muito, bastante com os mais experientes. Parece que o tempo não passa, conseguimos fazer tanto e o dia ainda clareia. Procuro participar ao máximo da romaria fora da cidade.

8. Raimunda “Dona Baiana”. Devota do Divino, já foi Imperatriz anos atrás. Entrevistada em março de 2016.

Entrevistadora: O que é ou não permitido durante a celebração?

A Festa tem suas regras, todas elas acertadas em reuniões, mas o tradicional seria os homens na Coroa e no Mastro, as mulheres no Cetra e na Bandeira, mas hoje em dia todos tocam em todos os símbolos. Se quiser ajudar é bem vindo, o importante são eles verem como é difícil e bonito o trabalho que fazemos. Que a beleza que vem nas ruas, foi feita por eles e levem essa tarefa aos demais jovens da comunidade.

Todo mundo gosta de participar da festa, mas depois que tudo isso aqui acaba, principalmente os

⁸Por motivos de força maior, a gravação desta entrevista se perdeu e não foi possível transcrevê-la na íntegra, frisando apenas o que já havia usado no trabalho.

jovens, costumam não frequentar as missas aos domingos. Não ofertam como deveriam, faltam as reuniões da Irmandade. Parece que só querem mesmo saber de festa e festa. O Divino não é isso não, sabe! Mas, estamos rezando e trabalhando para mudar essa participação dos devotos.

REFERÊNCIAL

ABREU, Marta. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro**. 1830-1900. Rio de Janeiro, São Paulo: Nova Fronteira-Fapesp, 1999 [2005]. 406 p.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades, Identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F; LOWEN-SAGR, C.L; SILVA, M (orgs.) **Espaço e tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba. ADEMADAN, 2009.

BRANDÃO, Carlos R. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: FUNARTE, 1978. 159 p.

BOSCHI, Caio César: **Os leigos e o poder: Irmandades Leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986, p. 14-15.

CABRAL, Octaviano. **Histórias de uma região: Mato Grosso, fronteira Brasil-Bolívia e Rondônia**. 1º ed. Niterói: Editora Himalaya LTDA, 1963. 416 p.

CHAMMA, Maria Teresa Merino. Guajará-Mirim: **A Pérola do Mamoré**. São Paulo, Schoba, 2012. 396 p.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

_____. **Espaço e poder**. Tradução: Zahar Editores. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações**. Salvador/BA: EDUFBA, 2008. p. 13-29.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11ª edição. São Paulo: Global, 2001. 768 p.

CASSIRER, E. [1910 e 1921] **Substance and Function and Einstein's Theory of Relativity**. Tradução de M. C. Swabey et all. Mineola, N. Y.: Dover Publications, 2003.

_____. [1923] **A Filosofia das formas simbólicas – I – a linguagem**. Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. [1925] **A Filosofia das formas simbólicas – o pensamento mítico**. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. [1929] **Filosofía de las formas simbólicas III - Fenomenología del Reconocimiento**. Tradução de Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

_____. [1942] **The Logic of The Cultural Sciences - five studies**. Tradução para o inglês de S. G. Lofts. New Haven: Yale University Press, 2000.

_____. [1944] **Ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.92-123.

CORREIA, Márcio Ferreira Nery. **A Lógica da Territorialidade Católica na Amazônia**. Rio de Janeiro, dissertação (mestrado em Geografia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2006

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTA, A. F. **A pesquisa de terreno em Sociologia**. In: João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto. **A Investigação nas ciências Sociais**. isboa: Editorial Presença, 1995.

COSTA, Antônio Gilberto. **Roteiro Prático de Cartografia - Da América Portuguesa ao Brasil Império**. Minas Gerais, Editora UFMG, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 01-16

DEFFONTAINES, P. **Géographie et Religions**. Paris: librairie Gallimard, 1948.

DUNCAN, James S. O supra orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

DÜRKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**, São Paulo: Martins.Fontes, 1983.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **Origens da Religião Popular Portuguesa.** Lisboa, Assírio & Alvim. 2^a ed., 1990.

ETZEL, Eduardo. **Divino – simbolismo no folclore e na arte popular.** São Paulo: Giordano: Rio de Janeiro: Kosmos, 1994. 180 p.

FAZENDA, Vieira. Antiquilhas e memórias da cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: IHB, tomo 88. V. 142, p. 365-373. 1920.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo.** Edusp. Fapema. São Paulo, 1995.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** Trad. Antônio Gonçalves. Reivão & Antônio G. Mendes. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.

GIL FILHO, S. F. Geografia Cultural - estrutura e primado das representações, **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 51-59, 2005.

_____. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião.** Curitiba: Ibpex 2008.

_____. **Por uma Geografia do Sagrado.** In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. 2. Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

_____. **Geografia da Religião: Reconstrução Teórica sob o idealismo crítico.** In: Anais I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudo em Espaço e Representações- NEER. Curitiba. UFPR-NEER, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados sobre Guajará-Mirim - Rondônia.** 2016. Disponível em <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao. Acesso em abr. 2016.

LA BLACHE, P. Vidal de. Les Genres de Vie dans La Géographie Humaine. (Artigos I e II). Tradução de Regina Sander (mimeo), In: **Annales de Géographie** nº 111 – XX Anné – 15/05/1911, e nº 112 – 15/06/1911.

LIMA, ALVES e PANTOJA. **Análise Fonético-Fonológica de Hinos Da Festa Do Divino Espírito Santo entoados por descendentes de Quilombolas Do Vale Do Guaporé Residentes em Guajará-Mirim/Rondônia.** Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0cb0qfja&url=http%3a%2f%2fwww.periodicos.unir.br%2findex.php%2fveredasamazonicas%2farticle%2fdownload%2f702%2f887&ei=wxtevicfllc1sqtbsygobw&usq=afqjcnqziesbtxpndlxf5tmwl t3rqbma&bvm=bv.77648437,d.exy>. acesso em 02 de outubro de 2014. às 20h10min.

LE GOFF, Jacques, **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MACEDO, Valéria Mendonça de. **O império das festas**. O império do Divino e outras festividades católicas no Rio de Janeiro oitocentista. 2002. 191 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, USP. São Paulo, 2002.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

MARIANO, Neusa de Fátima. **Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes. O Espírito Santo faz a festa**. (Tese de Doutorado em Geografia) – USP. São Paulo, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Edição. Revista Ampliada. São Paulo, Editora Loyola, 2005.

MEIRELES, Rui Ferreira de Ribeiro. **Os Impérios do Espírito Santo e a simbólica do Império**. II Colóquio Internacional de Simbologia. Açores – Portugal. 1989, Tomo I.

MENEZES, Esron Penha. **Retalhos para a história de Rondônia**. Manaus: Imprensa do Estado do Amazonas, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. (Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura) São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas**. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

NEVES, Emerson. <http://rondonia-city.blogspot.com.br/2012/09/vale-do-guapore-ro.html>

OLIVEIRA, José Aldemir de. **As pequenas cidades da Amazônia: espaços perdidos e reencontrados**. In: DAMIANI, Amélia Luisa, CARLOS, Ana Fani Alessandri.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. (organizadoras). *O Espaço no fim do século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Rogério Luiz e FARIAS, Edson. **A fotografia e um breve debate acerca da modernidade**. In: Anais do VI ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador – BA. Meio digital. <http://www.enecult.ufba.br/>. ISSN: 21776075.

OLIVEIRA, Oleides Francisca de. FRANÇA, Maria Cristina Victorino de. **Manifestação cultural religiosa dos ribeirinhos do município de Guajará-**

Mirim/RO. IV Encontro Internacional de Educação e Linguagem. Porto Velho: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2007.

PALITOT, Aleksander Allen Nina. **A PONTE INVISÍVEL DO DESENVOLVIMENTO: Guajará-Mirim, periferia da floresta.** VII Simpósio Nacional Estado e Poder: Sociedade Civil, Uberlândia-MG, 2012. Anais. ISSN: 2178-9843. Disponível em www.historia.uff.br/estadoepoder/7snepe/docs/018.pdf, acessado em 01/08/2016.

PEREIRA, Carla Rocha. Devoção e Identidade: **A festa do Divino Espírito Santo da colônia maranhense no Rio de Janeiro.** 2005. 205 f. (Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia – Evolução Histórica: a criação do Território Federal do Guaporé, fator de integração nacional.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador e registro da informação viva.** São Paulo: CREU e FFLCH/USP. 1991. (Coleção de textos, 4). 182 p.

REIS, Flávio Pereira. **As festas populares religiosas: abordagem espacial de uma manifestação cultural em Arara, estado da Paraíba.** GEOUERJ, Rio de Janeiro, n° 20, p. 168-186, dezembro 2009.

SANTOS, Diego Barbosa. **Entre o religioso e o secular. O Estudo dos símbolos e dos ritos na festa do Divino Espírito Santo em Paraty** – Rio de Janeiro. Dissertação defendida em 2016.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800 – 1920).** São Paulo: TAQ, 1980.

SANTOS, ZUILA G. COVA. **Multiculturalidade na fronteira Brasil-Bolívia (Rondônia): Uma leitura das realidades plurais.** Disponível em [http://www.aninter.com.br/anais%20i%20coniter/qt05%20cultura,%20multiculturalismo%20e%20interculturalidade/multiculturalidade%20na%20fronteira%20brasilbol%cdvia%20\(rond%da%20nia\)%20uma%20leitura%20das%20realidades%20plurais%20-%20trabalho%20completo.pdf](http://www.aninter.com.br/anais%20i%20coniter/qt05%20cultura,%20multiculturalismo%20e%20interculturalidade/multiculturalidade%20na%20fronteira%20brasilbol%cdvia%20(rond%da%20nia)%20uma%20leitura%20das%20realidades%20plurais%20-%20trabalho%20completo.pdf), acesso em 28/07/2014 às 12h42min.

SILVA, Alex Sandro da., GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. In **Revista de Estudos da Religião**, junho, PP.73-91. 2009.

SILVA, A. S. **Religião e Espacialização:** O caso da Igreja Internacional da Graça de Deus. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba, 2010.

SILVA, W. A. S. **Religião e sociedade contemporânea:** Uma análise da religião no mundo atual. Aparecida do Taboado: Secretaria municipal de Educação, Cultura, desporto e lazer de Aparecida do Taboado. Minas Gerais, 2007.

SORRE, Maximilien. **Max Corre: Geografia**. São Paulo: Ática. 1984. 192 p.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras. 1986. 396 p.

TEIXEIRA, M. A. FONSECA, D. R. **História regional**. Rondônia. 4ed. Porto Velho: Rondoniana, 2003

TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues. AMARAL, Gustavo Gurgel. **Quilombolas de Jesus: Vale do Rio São Miguel do Guaporé / Rondônia**. Porto Velho: Editora e Gráfica WB, 2010.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000. 173 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço & Lugar: perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TAUNAY, Visconde de. **A cidade do ouro e das ruínas – Mato Grosso antiga Vila Bela**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

VERDIER, Geraldo. **A história do Divino no Vale do Guaporé**. Guajará-Mirim: Prelazia Católica de Guajará-Mirim, 1990.

VIANA, Francisco Lenine. **Divino Imperador**. Guajará-Mirim: Prelazia Católica de Guajará-Mirim, 2006.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 111-167. Coleção Geografia Cultural.

DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS

BÍBLIA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil. 2016. 1440p.

Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé: **Estatuto Geral da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé**. Costa Marques/RO: 2003. 12 p.

Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo. **Livreto Elaborado com autorização da Diocese de Guajará Mirim/RO**: Costa Marques- RO. Edição Especial: 2011.

Diocese de Guajará Mirim/RO. **Livreto da Missa de Celebração pelo Título de Basílica do Divino Espírito Santo**. Costa Marques: 2009.

Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo. **Livreto Elaborado com autorização da Diocese de Guajará Mirim/RO**: Costa Marques- RO. Edição Especial: 2011.

ANEXO A

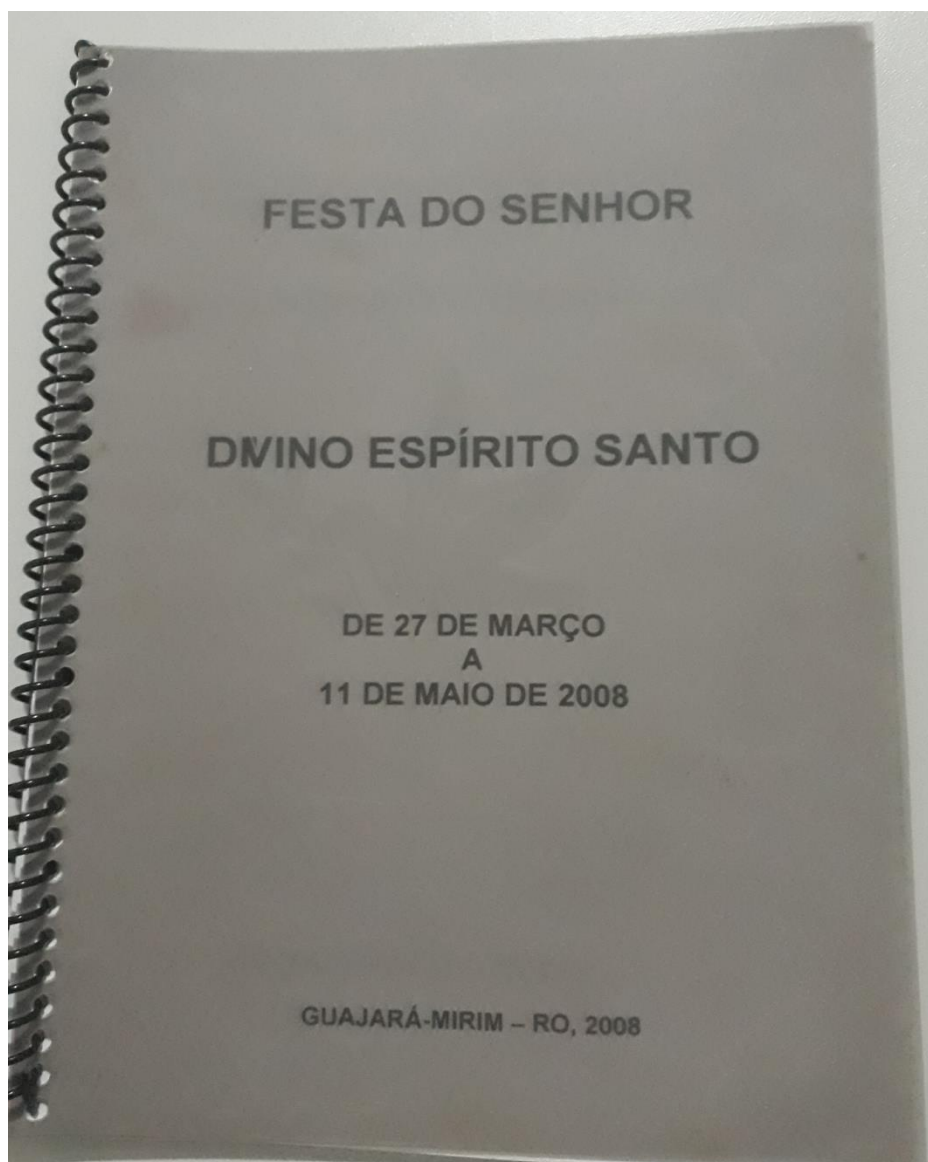
Folheto com os cantos que serão entoados na romaria.

Cantos ao Divino Espírito Santo

1. Vinde, vinde Santo Espírito, Espírito Consolador. Vinde, Vinde nós consolai-nos pelo vosso Santo Amor.
2. Divino Espírito Santo, Pai de toda Cristandade, sois a terceira pessoa da Santíssima Trindade.
3. Divino Espírito Santo, Divino Consolador, Consolai as nossas almas quando deste mundo for.
4. Divino Espírito Santo, Divino Consolador. Ele é o nosso Pai, e o nosso redentor.
5. Divino Espírito Santo, Divino Celestial que desceu do Céu à terra fazendo império real.
6. Divino Espírito Santo, mensageiro da nossa fé, sois a maior tradição do vale do Guaporé.
7. Raio de fogo brilhante, do alto Céu vem descendo, vem trazendo Amor e ventura a nós todos vem enchendo.
8. Alvorada, alvorada é o brilho salvador. Deus mandai língua de fogo seu mistério Divino Amor.
9. Santo Espírito de Deus, amoroso como é. Vem derramando sobre nós paz esperança e a fé.
10. A pombinha vem voando no bico traz uma flor. Vem dizendo viva, viva. Viva o nosso Imperador.
11. Viva nosso Imperador viva o ano que deseja, com a graça do Senhor Divino que hoje no mundo festeja.
12. A pombinha vem voando por cima da bela matriz. Vem dizendo viva, viva. Viva a nossa Imperatriz.
13. Viva nossa Imperatriz, viva o ano que deseja, com a graça do Senhor Divino que hoje no mundo festeja.
14. A pombinha vem voando por cima do belo astro. Vem dizendo viva, viva. Viva o Capitão do Mastro.
15. A pombinha vem voando por cima da laranjeira. Vem dizendo viva, viva. Viva o alferes da bandeira.
16. Deus vos pague a esmola que será para o vosso bem, lá no céu entre os escolhidos terá seus lugar também.
17. Deus vos pague o agasalho que deste em vossa morada. Divino Espírito Santo ficaras em vossa guarda.
18. O Divino pede a esmola, não pede por carecer, pede para experimentar quem seu devoto quer ser.
19. Nesta casa entraremos com a luz em quatro canto. Dentro dela se venera, o Divino Espírito Santo.
20. Nesta casa entraremos com esta formosa bandeira. Vem nela retratada um pombo verdadeiro.
21. Nesta casa entraremos com a luz da Divindade, dentro dela si venera a Santíssima Trindade.
22. Nesta casa entraremos com Divino em alegria, cantando pede a esmola para a festa no seu dia.
23. Deus vos pague a esmola que deste com alegria. O Divino Espírito Santo, fica em vossa companhia.
24. Dar esmola a este Senhor. Dar e não arrepender, lá no reino de Deus Pai ele vai lhe agradecer.
25. Receba esta bandeira por cima de vossa cabeça. Lá no reino de Deus Pai, acharas quem lhe agradeça.
26. Por cima desta bandeira, vai um pombo voando. E o Divino Espírito Santo que nos vem abençoando.
27. Chequem todos seus devotos, com seus joelhos no chão. Venham receber agora deste senhor a benção.
28. Chequem todos seus devotos, de joelhos receba com trito. Deus para dar Gloria a este mundo, nos mandou seu Divino Espírito.
29. Todo filho do Divino, alegrai o coração de joelho sobre a terra. Receba sua benção.
30. Aurora Cristalina no mundo brilhante estão. Confiando em vossa bondade, vossos filhos de joelho estão.
31. Duas e três vezes Santo, representa um certo Senhor. Deus para dar gloria a este mundo seu Espírito nos mandou.
32. Insuflai a nossas almas, carecida divindade, para termos a certeza de gozar a eternidade.

ANEXO B

**Cartilha confeccionada pela Irmandade do Vale do Guaporé.
Contém parte do histórico e o estatuto da festa.**



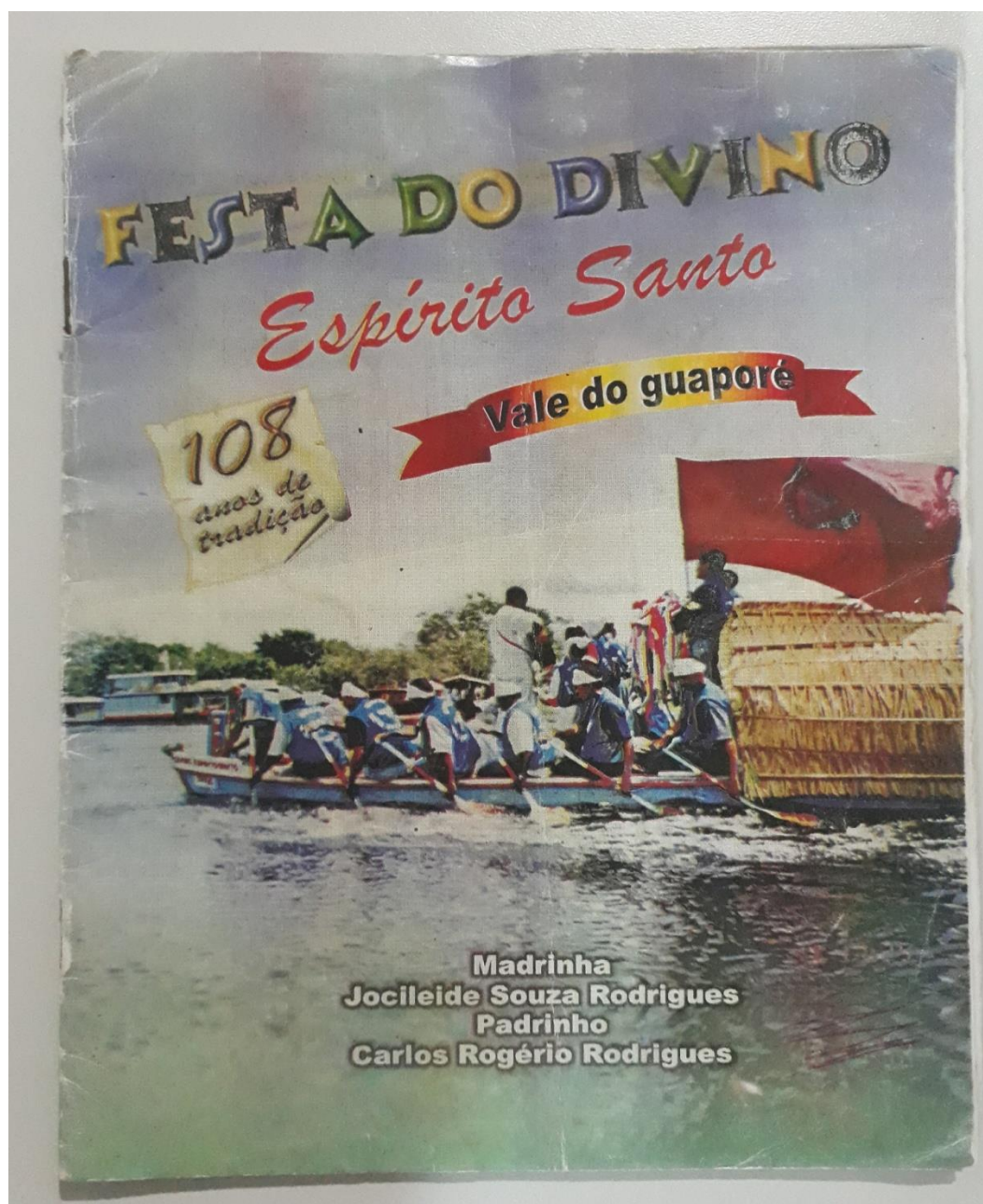
ANEXO C

Cartilha confeccionada pela Irmandade do Divino no Vale do Gauporé.



ANEXO D

Hinário confeccionado pela Irmandade do Divino em homenagem aos 108 anos da romaria no Vale do Guaporé.



ANEXO E

Livreto elaborado para a Novena em 2016.

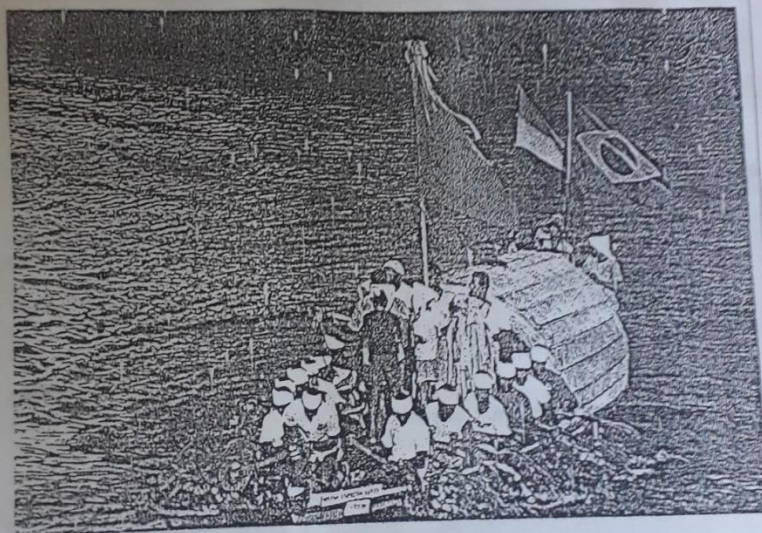


ANEXO F

Estatuto da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo

Maria do Socorro Sales de Souza Gomes

ESTATUTO DA IRMANDADE DO SENHOR DIVINO ESPIRITO SANTO



DO VALE DO GUAPORÉ